ANGÉLICA VITÓRIA SARTURATO

A PARÁFRASE: UM PROCESSO METALINGÜÍSTICO NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

BAURU – SP
1998

unesp

ANGÉLICA VITÓRIA SARTURATO

BIBLIOTECA UNESP CAMPUS BAURU

A PARÁFRASE: UM PROCESSO METALINGÜÍSTICO NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação Comunicação e Poéticas Visuais, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), campus de Bauru - SP, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profª Drª Maria Inez Mateus Dota

BAURU – SP
1998

Nº 802
BIBLIOTECA - UNESP
CAMPUS DE BAURU

UNESP - CAMPUS DE BAURU
Proc. 242/44/01/00
Dep. Angelica V. Sarturato
1000
15/03/2000
Classe timbo 802
T/UNESP
S261p v. e.

CAPES: 8010000 - LINGUÍSTICA

Ficha catalográfica elaborada por
DIVISÃO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO
UNESP - Bauru

400
S261p

Sarturato, Angélica Vitória
A paráfrase: um processo metalingüístico na construção do sentido / Angélica Vitória Sarturato. -- Bauru, 1998.
205f. ; 30cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação.

Orientadora: Dra. Maria Inez Mateus Dota

1. Paráfrase 2. Metalinguagem 3. Enunciação 4. Subjetividade da linguagem 5. Universidade Estadual Paulista. 6.Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação I. Título

ANGÉLICA VITÓRIA SARTURATO

A PARÁFRASE: UM PROCESSO METALINGÜÍSTICO NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente Orientador Maria Luiza Mateus Neta

2° Examinador

3° Examinador

BAURU – SP
1998

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A minha mãe,
por todo carinho
e dedicação com que
sempre tem me
acompanhado;

Aos meus companheiros de
estrada, pelo apoio, compreensão
e incentivo no decorrer
desta caminhada;

E, sobretudo, a Deus,
pelo amor, pela força e pela
luz que sempre nos guia
em cada realização.

unesp

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profª Drª Maria Inez Mateus Dota, pela seriedade em seu trabalho de orientação e pelo carinho, paciência e amizade que tem direcionado à minha pessoa durante todo este percurso;

A todos os professores do Curso de Pós-Graduação Comunicação e Poéticas Visuais da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação "Júlio de Mesquita Filho", pela oportunidade de, com eles, aprender e crescer;

À Profª Drª Nelyse Apparecida Melro Salzedas, pelo incentivo e pela confiança em mim depositados;

À Profª e amiga, Adriane Belluci Belório de Castro, pelas reflexões conjuntas, material bibliográfico e pelo companheirismo caloroso que sempre nos acompanhou;

Aos meus familiares, que muito me apoiaram na trajetória deste curso e, especialmente, à minha mãe, pela força, dedicação e pelas oportunidades de estudo e crescimento pessoal que me proporcionou;

Ao meu noivo, pelo incentivo e, sobretudo, pela paciência com que tem me acompanhado nestes dias de trabalho;

Aos colegas do Curso de Pós-Graduação, pela amizade e pela oportunidade de crescermos em conjunto;

A todos os funcionários da UNESP-Bauru, pelo profissionalismo e pela gentileza com que sempre me atenderam.

"A vida de todo ser humano
é um caminho em direção a si mesmo,
a tentativa de um caminho, o seguir
de um simples rastro."

Herman Hesse

ÍNDICE

Resumo viii
Abstract ix

INTRODUÇÃO 2

1. A ENUNCIAÇÃO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS 10
1.1. Linguagem e enunciação 11
1.2. A retórica 17
1.3. Enunciação e pragmática 20
1.4. A semântica 23
1.5. A teoria da enunciação e o modelo de Culioli 27
1.6. Categorias enunciativas 32
1.6.1. Os interlocutores 32
1.6.2. Tempo e aspecto da locução 33
1.6.3. Espaço ou lugar 36
1.6.4. As modalidades 37
1.7. O domínio nocional 38
1.8. Os diferentes níveis da teoria culioliana 41

2. A PARÁFRASE 47
2.1. Relações predicativas e a paráfrase 49
2.2. Considerações parafrásticas 50
2.2.1. A transposição e a paráfrase 58
2.2.2. A natureza metalingüística da paráfrase 64
2.2.3. A equivalência semântica e a semelhança pragmática 67
2.2.4. As estratégias de proximização 73

3. ANÁLISE METALINGÜÍSTICA DE PARÁFRASES EM TEXTOS JORNALÍSTICOS 78

3.1. O nível interpretativo voltado a textos jornalísticos 80

3.2. Análise do grupo de textos jornalísticos: as chacinas de 9 de maio de 1998 86

3.2.1. Levantamento dos dados factuais do primeiro grupo de textos.. 86

3.2.2. A relação predicativa e a derivação parafrástica – 1ª análise.... 96

3.2.3. A subjetividade da linguagem e as proximizações de conteúdo – 1ª análise 103

3.3. Análise do grupo de textos jornalísticos: o assassinato do comandante da guarda do papa 113

3.3.1. Levantamento dos dados factuais do segundo grupo de textos .. 115

3.3.2. A relação predicativa e a derivação parafrástica – 2ª análise... 122

3.3.3. A subjetividade da linguagem e as proximizações de conteúdo – 2ª análise 128

3.4. Análise do grupo de textos jornalísticos: o conflito contra o regime ditador de Suharto provocado pela crise na Indonésia 133

3.4.1. Levantamento dos dados factuais do terceiro grupo de textos.. 134

3.4.2. A relação predicativa e a relação parafrástica – 3ª análise.... 144

3.4.3. A subjetividade da linguagem e as proximizações de conteúdo – 3ª análise 146

3.5. Análise do grupo de textos jornalísticos: a morte da recordista mundial Florence Griffith Joyner 159

3.5.1. Levantamento dos dados factuais do quarto grupo de textos.. 160

3.5.2. A relação predicativa e a derivação parafrástica – 4ª análise.. 170

3.5.3. A subjetividade da linguagem e as proximizações de conteúdo – 4ª análise 174

CONCLUSÃO 184

BIBLIOGRAFIA 188

ANEXOS 192

RESUMO

Este trabalho objetiva proporcionar uma reflexão sobre operações concernentes à atividade da linguagem, que possa contribuir para o desenvolvimento da capacidade comunicativa do leitor.

Desenvolve um estudo, à luz da teoria enunciativa de Antoine Culioli, sobre a atividade da paráfrase, considerada como uma atividade metalingüística que possibilita uma maior conscientização do indivíduo em relação ao processo de construção e interpretação do sentido.

Faz análises comparativas de cunho metalingüístico sobre textos jornalísticos, havendo o engajamento entre a fundamentação teórica e as respectivas análises.

O trabalho verifica, então, como ocorre o estabelecimento de uma relação de paráfrase entre os artigos analisados e observa as operações da linguagem que deixam, naturalmente, as marcas da subjetividade na superfície dos discursos.

Considera, finalmente, que a atenção voltada à atividade metalingüística do parafraseamento e às marcas da subjetividade da linguagem contribui para o desenvolvimento do senso crítico do indivíduo em relação às atividades de comunicação e para o desenvolvimento da sua capacidade enquanto enunciador e co-enunciador.

Palavras chave: paráfrase; metalinguagem; enunciação; subjetividade da linguagem.

ABSTRACT

This work aims to provide a reflection on operations concerning the activity of language that can contribute to the development of the reader's communicative capacity.

Based on Antoine Culioli's enunciative theory, it develops a study about the paraphrase activity considered as a metalinguistic activity which enables a higher individual consciousness regarding the construction and interpretation of meaning.

It makes comparative analyses of metalinguistic features on journalistic texts providing the engagement between the theoretical foundation and the respective analyses.

The work verifies, then, how the establishment of a paraphrase relation occurs in the articles analysed and observes the language operations which naturally leave the marks of subjectivity on text surfaces.

It finally considers that the attention directed to the metalinguistic activity of paraphrasing and to the markers of language subjectivity contributes to the development of the individual's critic sense regarding activities of communication and to the development of his ability as enunciator and co-enunciator.

Keywords: paraphrase; metalanguage; enunciation; subjectivity of language.

INTRODUÇÃO

unesp

INTRODUÇÃO

Através de nossa prática pedagógica como professora de Língua Portuguesa observamos muitas dificuldades por parte dos alunos no que se refere à produção e à interpretação de textos diversos.

Essa prática consolidou-se em locais de estudo e grau de escolaridade diferenciados, onde pudemos perceber, em seu ínterim, uma variação bastante grande na competência do indivíduo enquanto produtor ou intérprete de discursos, havendo o predomínio de dificuldades no trato da linguagem por parte dos educandos, quando se fez necessário o desenvolvimento de tarefas que exigissem um maior raciocínio voltado à própria língua, seja em nível de produção ou interpretação de textos.

Embora levemos em conta que as diferentes faixas etárias e que as diferentes condições sócio-econômicas do indivíduo possam interferir em seu desempenho educacional, percebemos, através de observações informais, que algumas pessoas, apesar de pertencerem a uma classe sócio-econômico e cultural menos privilegiada, apresentam uma maior desenvoltura em relação à utilização da linguagem comparando-se a outras pertencentes a uma classe com mais privilégios em termos sociais, econômicos e culturais.

Isso prova que o desenvolvimento do enunciador ou co-enunciador enquanto usuário da língua não depende, somente, de sua procedência sócio-



econômico-cultural. Há fatores bastante profundos que interferem na capacidade de um bom domínio lingüístico e de um bom domínio sobre outras atividades por parte do indivíduo. Principalmente a atividade da linguagem, desenvolvida pela razão humana desde os primórdios dos tempos, requer a atenção de vários fatores que interferem no processo de comunicação. Tendo em vista que o homem é um ser complexo e que a linguagem é inerente a ele, temos, então, uma gama de complexidade envolvendo a atividade linguagística, onde todos os fatores que influenciam o comportamento humano devem ser considerados, como por exemplo, os fatores sócio-econômicos, psicolingüísticos e físico-culturais.

Deparamo-nos, então, com o desafio de fazermos um estudo voltado a essa complexidade, com o objetivo de pensarmos sobre alguma diretriz que pudesse, de alguma forma, fazer com que o educando refletisse sobre a própria língua, pois acreditamos que o desenvolvimento intelectual acontece apenas no momento em que o ser humano se permite agir como um ser-pensante, dotado de uma capacidade privilegiada em comparação aos demais seres e, também, no momento em que ele percebe que "somente ele" poderá ser o condutor de um "navio" - o intelecto humano - desbravador de novos horizontes.

Em decorrência de todas essas variações de "performance" encontradas na utilização do idioma por parte dos falantes, percebidas no ínterim de nossa prática pedagógica e também em nosso cotidiano, escolhemos como tema deste trabalho uma atividade que forçasse nossa atenção aos mecanismos de produção ou de interpretação discursiva. Escolhemos, então, a paráfrase como

unesp

tema de estudo, visto que a atividade parafrástica, por ser uma atividade metalingüística, naturalmente proporciona uma situação de "pensar sobre a língua". Dessa forma, o indivíduo poderá se deparar com situações de produção ou reconhecimento de discursos com uma semelhança significativa que, forçosamente, farão com que ele atente para as ocorrências de seu próprio idioma e para o processo de construção e interpretação do sentido, usado, na maioria das vezes, inconscientemente.

Em decorrência da paráfrase remeter, naturalmente, a esse "pensar sobre a língua", consideramos que ela pode muito auxiliar o trabalho pedagógico do professor de Língua Portuguesa, o qual está sempre em busca de caminhos que possam proporcionar o desenvolvimento do educando enquanto enunciador ou co-enunciador de discursos diversos.

A nosso ver, a própria tomada de ciência de que o sujeito se encontra no âmago de todo processo de produção ou interpretação de textos e não fora dele, e de que devemos considerar a influência de todos os fatores extralingüísticos como sistemas de referência, cognição, etc., já é um passo importante para o desenvolvimento de mecanismos mais satisfatórios de produção ou interpretação de textos.

Salientamos, então, que o **objetivo** de nosso trabalho é o de proporcionar a reflexão do indivíduo sobre a própria linguagem através de uma atividade metalingüística que instigue a atenção do leitor aos procedimentos de produção e interpretação discursiva, fazendo com que o mesmo encontre possibilidades de desenvolvimento de sua competência enquanto usuário do seu idioma e que possa adquirir uma maior capacidade de leitura crítica.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Para tanto, tivemos como **metodologia**, a execução do levantamento bibliográfico visando a alicerçar nossa fundamentação teórica, exposta nos capítulos 1 e 2.

A partir dos estudos e reflexões voltados à teoria, fizemos algumas análises comparativas de cunho metalingüístico entre textos jornalísticos, engajando a fundamentação teórica com a análise dos textos, não havendo, portanto, separação entre elas.

Para que houvesse uma demonstração mais visível dos dados concernentes à paráfrase, optamos pela análise de discursos jornalísticos (Cf. cap. 3), primeiramente porque o nível de interpretação solicitado pelos leitores desse tipo de discurso é o nível locutivo, demonstrado no corpo desse trabalho, e que dá menos margem a divagações interpretativas, que seriam improfícuas no desenvolvimento de nossa análise e, em segundo lugar, porque o discurso jornalístico traz fatos do cotidiano, ou fatos que se aproximam mais da realidade do leitor.

Por meio de idas e vindas entre a teoria e os textos analisados, demonstramos os dados de conteúdos contidos nos discursos, fizemos o estabelecimento da relação predicativa a partir do tema base dos artigos, utilizando-nos da prática de transposição e de proximização de sentido; foi feito, também, um estudo voltado às modulações, detectando as marcas da subjetividade da linguagem.

Procuramos fazer, primeiramente, no capítulo 1, uma abordagem da teoria enunciativa, conforme o modelo de Culioli, e uma exposição das operações enunciativas investigadas por esse autor, que não separa a

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

linguagem do indivíduo e nem dos fatores referenciais, físico-culturais e cognitivos que muito interferem em todo processo de comunicação; tivemos, assim, a finalidade de colocar o leitor a par de um estudo da linguagem que insere o sujeito no âmago dos estudos lingüísticos.

No capítulo 2, fizemos uma abordagem a respeito da atividade de parafraseamento como atividade metalingüística de desenvolvimento do indivíduo enquanto enunciador e co-enunciador.

As operações de derivação parafrástica têm origem nas relações predicativas, que se encontram no cerne da teoria enunciativa. Procuramos, dessa forma, fazer uma abordagem da atividade parafrástica em conformidade com o estudo dessa teoria. Foram abordados, então, aspectos importantes a essa atividade como, por exemplo, a busca da semelhança semântica entre enunciados, que é o fundamento da atividade parafrástica e, também, através de que meios essa semelhança pode ser estabelecida. Nesse sentido, voltamos nossa atenção às atividades de transposição e proximização de significação discursiva e procuramos mostrar que essas atividades não estão separadas de uma intencionalidade pragmática por parte do enunciador, situada em um contexto determinado.

No capítulo 3, a fundamentação teórica foi, então, articulada com as análises discursivas; dessa forma, pudemos verificar mais de perto a inserção do sujeito em todo processo de produção e interpretação textual, os fatores extralingüísticos que interferem nesses processos de comunicação, as marcas da subjetividade da linguagem e como pudemos estabelecer a relação de



paráfrase entre os artigos, atentando para as atividades de transposição e proximização de sentido na busca da semelhança significativa.

Em cada análise, fizemos, a princípio, a fragmentação dos textos dos jornais para facilitar a análise comparativa dos dados que constituem o conteúdo semântico desses discursos.

Através dessa fragmentação, pudemos melhor observar as atividades que fazem parte do parafraseamento, como a transposição e proximização de sentido entre enunciados. A seguir, fizemos o estabelecimento das relações predicativas que puderam ser extraídas dos discursos com base no conteúdo básico dos textos, a partir das quais foi feito o estabelecimento da relação parafrástica entre os mesmos. O estabelecimento dessa relação de paráfrase também foi feito a partir do reconhecimento das transposições de sentido e das proximizações de conteúdo entre os textos analisados.

Com o intuito de verificar como o sujeito se insere no âmago de todo processo de comunicação, fizemos, no corpo da análise dos discursos, um estudo sobre a subjetividade da linguagem, onde procuramos verificar as intencionalidades enunciativas e as possibilidades de interpretação por parte do co-enunciador, atentando para as modulações dos enunciados e para a carga significativa das noções utilizadas.

Na observação das diferentes modulações, reconhecemos a subjetividade da linguagem na superfície dos discursos, sendo ela um elemento natural à constituição da própria linguagem. Embora as diferentes maneiras de modular um enunciado já remetam, por si só, a uma alteração semântica no texto parafraseado, os textos analisados não poderiam deixar de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

serem considerados paráfrases, tendo em vista que eles mantêm, entre si, uma semelhança significativa.

Esperamos, dessa forma, que o nosso trabalho contribua, de alguma forma, com as atividades do "pensar sobre a língua", tendo em vista que esse exercício de pensar, refletir sobre alguma coisa sempre foi o veículo condutor de inúmeras vitórias humanas.

CAPÍTULO 1
A ENUNCIAÇÃO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

unesp

CAPÍTULO 1
A ENUNCIAÇÃO:
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Voltando nossa atenção à atividade da linguagem, o que mais nos intriga é a capacidade diferenciada de manipulação da língua por parte dos falantes inseridos no sistema social que a contém.

Notamos fazer parte de todo processo de comunicação a riqueza criativa que o envolve através de uma complexidade de operações, na qual se insere a atividade parafrástica, que possibilita uma variabilidade discursiva calcada na reconstrução do sentido, mantendo sua semelhança, a partir das relações predicativas advindas de uma estrutura subjacente da língua.

Embora nosso interesse esteja voltado à atividade da paráfrase, por justamente constituir uma atividade que abre o campo da criatividade da linguagem, e por possibilitar o desenvolvimento da competência do indivíduo enquanto enunciador, consideramos a necessidade da exposição de estudos mais recentes sobre a atividade linguagística, atentando-nos para a sua evolução.

Assim, procuraremos fazer uma breve exposição sobre a teoria da enunciação e o modelo culioliano da teoria enunciativa, na qual, a nosso ver, está ancorada, mais adequadamente, a paráfrase, visto que essa teoria

engloba todo universo contextual, situacional, referencial em que o sujeito está inserido no momento da elaboração de seu discurso.

1.1. Linguagem e enunciação

A atividade da linguagem, fenômeno enigmático, mas inerente à natureza humana, possibilitada por operações mentais complexas, às quais muitas delas não temos acesso, estimula filósofos, pesquisadores e cientistas desde os primórdios, na tentativa de desenvolverem um estudo competente em relação a essa atividade que pudesse abranger suas causas e seus efeitos nas relações humanas.

Para Benveniste (1988, p. 284-285), é pura ficção a consideração de que a linguagem tenha sido elaborada pelo homem, implicando assim um aspecto instrumental da mesma. Esse aspecto instrumental, considerado errôneo por Benveniste, apoia-se, segundo esse autor, no fato de que os homens não encontraram um meio melhor ou mais eficiente de comunicação, ou ainda no fato do comportamento da linguagem admitir uma descrição behaviorista, em termos de estímulo e resposta: transmitimos uma informação para que o interlocutor a entenda e faça proveito dela; perguntamos algo para obtermos uma informação ou confirmação de um fato e pretendemos que a resposta seja dada adequadamente; ou ainda, damos uma ordem para que ela seja cumprida. Assim, ele afirma:

> *Falar de instrumento, é pôr em oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha, a roda não estão na natureza. São fabricações. A lingua-*

gem está na natureza do homem, que não a fabricou (Benveniste, 1988, p. 284-285).

A linguagem consiste em produzir elementos significativos a serem reconhecidos no processo de comunicação.

Esses elementos produzidos, que podem ter propriedades variadas, correspondendo aos meios lingüísticos e não-lingüísticos do processo de comunicação como gestos, mímicas, sons, cores, palavras, etc., correspondem a objetos incumbidos da transmissão da mensagem em um contexto dado. Mas, nos estudos concernentes à linguagem, devemos considerar os fatores responsáveis pela produção desses elementos e suas significações.

O poder criativo, intelectivo, intuitivo, o poder de memória, subjazem a todo processo comunicativo; porém, pela dificuldade de se adentrar esse universo complexo da mente humana, as teorias a respeito da linguagem se tornam, muitas vezes, complexas, e os teóricos, reconhecendo essa dificuldade, consideram a necessidade de se adotar critérios, estabelecendo o objeto de estudo a ser investigado.

Muitas teorias são fundamentadas sobre certos pontos lingüísticos como, a sintaxe, a semântica e a pragmática, havendo assim uma divisão e disputa por uma posição exclusivista em relação à atividade linguagística. Essa disputa ocorre, por exemplo, com as correntes da lingüística contemporânea: enunciativa (teoria de inspiração "neo-estruturalista" e européia - em particular, francesa) e a pragmática (de inspiração lógico e anglo-saxônica - particularmente bem implantada nos E.U.A., na Alemanha e

na Inglaterra, tendo-se desenvolvido também na França) (Fuchs, 1985, p. 116-117).

Há também as lingüísticas que deixam de lado fatores fundamentais ao estudo da linguagem, como questões ligadas à psicologia, à sociologia, a aspectos sócio-culturais, etc.; e outras que tentam situar a linguagem dentro dessas áreas do conhecimento.

Entendemos a lingüística como a ciência da linguagem verbal ou a ciência de uma família de línguas.

Segundo Vignaux, a lingüística se fixa no objetivo de construir um objeto teórico, fundador de uma ciência, e reconhece a língua como sendo esse objeto teórico, porém abstrato.

> *A língua será este objeto teórico, "abstrato" de qualquer maneira, do qual sabemos simplesmente que é comum para todos os membros de uma mesma comunidade lingüística sem que, para tanto, cada um empregue-a da mesma maneira e com a mesma competência* (Vignaux, 1988, p. 61).

Na sequência desse raciocínio, Saussure (apud Vignaux, 1988, p.61), constatando não ser possível levar em conta os vários fenômenos da linguagem ao mesmo tempo, faz um recorte de seu objeto de estudo, apoiando-se basicamente nos fatores estruturais da língua, como por exemplo, percepções acústicas, correspondências entre sons e idéias.

Através das distinções entre língua e linguagem ou língua e fala, na visão de Vignaux, o trabalho lingüístico é dificultado em prol do desenvolvimento da denominada *lingüística teórica* ... "permitindo trabalhar

sobre um objeto doravante *puro*, visto que não se preocupa em tomar conta senão recensear as transformações da *palavra"* (Vignaux, 1988, p. 62).

De uma "primeira lingüística" considerada, segundo Vignaux (1988, p. 62), como catálogo de formas mais ou menos regulares, que se ocupa em descrever e compreender "mecanismos", a lingüística toma um aspecto diferenciado com a teoria enunciativa; temos, então, uma lingüística considerada como suporte de atividades significantes, cuidando das condições de emprego da língua.

Fuchs (1985, p. 121-122) coloca como ponto comum às teorias enunciativas, a insistência sobre a função comunicativa da linguagem, não na perspectiva estruturalista do "instrumento da comunicação" (que exclui o sujeito), mas na troca verbal entre locutor e receptor.

Assim, os teóricos da enunciação como Benveniste e Culioli são contra uma concepção instrumental da língua como código neutro, excluindo o homem que dela faz uso e a atualiza no momento da enunciação.

Esse último autor propõe uma teoria que abre o campo da lingüística, articulando-se com outras disciplinas; é a articulação da lingüística com outras problemáticas teóricas (Fuchs e Le Goffic, 1985, p. 128).

Mas, ao mesmo tempo, Culioli aponta a necessidade de colocar de forma explícita os objetivos de se articular outros domínios ao campo de estudo da linguagem; esses domínios devem ser acompanhados dos procedimentos de verificação possíveis de serem enunciados, a fim de se evitar o alastramento destes domínios e a conseqüente diluição do objeto de estudo.

unesp

> *A linguagem não é um domínio homogêneo onde podemos ter uma problemática que seria comum. Seremos, então, obrigados, se quisermos poder articular domínios como a sociologia e a lingüística ou outros, a colocar de forma explícita, os objetivos com os procedimentos de verificação que devemos poder enunciar. Se não, os domínios vão alastrar-se uns sobre os outros e chegamos, assim, a uma tal diluição que assimilamos à lingüística muitas coisas tais como estilística, sociologia da linguagem...* (Culioli, apud Vignaux, 1988, p. 63).

A enunciação rejeita algumas posições como a da língua/fala defendida por Saussure e redefine os problemas da semântica.

A teoria enunciativa considera que a língua passa a ter seu valor fundamental a partir do momento em que ela é atualizada no instante da enunciação, ou seja, no momento em que um enunciador se apropria de um sistema de regras gramaticais, de valores semânticos, de sistemas de referência e produz seu enunciado com pretensões sobre um co-enunciador. Essa atualização é feita num tempo e espaço determinado, implicando não só o domínio das regras da língua por parte dos enunciadores como também os aspectos sócio-culturais (interferindo no sistema de referência - parte integrante da enunciação), valores semânticos derivados desse sistema de referência e, ainda, as operações de modulação.

Para Benveniste (1989, p. 82), a enunciação é a colocação da língua em funcionamento por um ato individual de utilização. É o ato de produzir um enunciado, ou seja, o locutor mobiliza a língua por sua conta, sendo o enunciado o objeto ou o produto do ato enunciativo.

O locutor, então, se relaciona com a língua, no momento da enunciação, determinando os caracteres lingüísticos da mesma (Benveniste, 1989, p. 82).

unesp

A base das relações enunciativas situa-se no caráter subjetivo e intersubjetivo dessa teoria.

Benveniste coloca que "é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta, na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ***ego***" (Benveniste, 1988, p. 286).

A subjetividade tratada na teoria da enunciação refere-se à capacidade do locutor de se propor como sujeito. Todo o seu universo psicológico, sociológico, cultural, intelectivo, cognitivo, etc. consiste numa síntese que constituirá o seu ser, ou o seu ego.

A consciência de si mesmo, segundo Benveniste (1988, p. 286), só é possível se experimentada por contraste: "Eu não emprego **eu** a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocução um **tu**".

Mas, neste instante, pode ocorrer uma troca de papéis onde o *tu* pode passar a ser o *eu* (sujeito enunciador) e o *eu,* passar a ser o *tu* ou *eco*, na terminologia de Benveniste, ou ainda o *eu* enunciador. Essa reciprocidade é que torna possível o diálogo entre os sujeitos, numa relação intersubjetiva.

Embora a teoria enunciativa considere os outros domínios como partes integrantes à atividade da linguagem, como por exemplo, os aspectos sócio-cultural, psicológico, histórico, etc., opondo-se categoricamente às teorias do signo (em particular as estruturalistas), que não adentram o campo desses domínios, as relações entre essas teorias não são claras, na visão de C. Fuchs, visto que, ora elas apresentam essa oposição, ora percebe-se, na enunciação, uma espécie de prolongamento do estruturalismo. Ela observa, ainda, a participação de um certo número de autores nessas duas correntes

unesp

teóricas mesmo se, como Benveniste, esses autores continuassem opondo-as como duas técnicas que se aplicam a níveis diferentes da análise lingüística, e aponta ainda Guillaume como o autor que, a seu modo, articula mais sutilmente as duas perspectivas (Fuchs, 1985, p.122).

1.2. A retórica

Como já vimos, a enunciação se traduz pelo momento em que o enunciador, visando a transmitir uma mensagem para seu co-enunciador, faz uso da língua e, juntamente com um sistema de representações, significações e referenciações, produz seu discurso, objetivando atingir sua meta.

Ninguém direciona um discurso a outrem sem determinadas pretensões. Pretensões de se produzir um enunciado, com um efeito significativo para comunicar e muitas vezes persuadir.

A retórica aristotélica apresenta-se como arte, no sentido técnico, de produção de discursos (que se diversificam segundo os sujeitos e as situações de produção), cujo objetivo é o de convencer o auditório, tendo como modelo o discurso jurídico. Vignaux (1988, p. 66) coloca essa arte discursiva como uma espécie de metalinguagem.

A data da fundação da Retórica, nos seus elementos essenciais, é marcada no século IV por Aristóteles, sendo, porém, nascida, supostamente, no século 5 A.C., na Sicília (Fuchs, 1985, p. 111).

A retórica aristotélica se compõe de três grandes partes, assim demonstradas por C. Fuchs: as *provas* ("pisteis" em grego, "inventio" em

latim), a *elocução* ("lexis" ou "elocutio"), e a *disposição* ("taxis" ou "dispositio").

As provas constituem o modo de persuasão; elas pertencem à "dianoia" (pensamento discursivo) e poderiam, em termos modernos, dizer respeito à conceitualização do referente, em função da estratégia argumentativa adotada. Essas provas selecionam os elementos úteis a reter, eliminando os que devem ser silenciados, e os apresentam em momento oportuno (Fuchs, 1985, p. 112).

Três elementos fundamentais constituem essas ***provas***, sendo eles: o *"ethos"* , o *"pathos"* e o *"logos"*.

A autora explica o primeiro, *"ethos"*, sendo este relacionado com o orador, consistindo na imagem que ele pretende dar de si mesmo, o papel e o lugar que o gênero oratório lhe atribui, tendo aqui como exemplo o discurso jurídico, onde o orador fará sua acusação ou defesa.

O segundo, *"pathos"*, corresponde ao conjunto de parâmetros relacionados ao auditório, consistindo na imagem que o orador pretende dar do seu auditório através do discurso, o modo como imagina que seus argumentos serão recebidos pelo auditório em função do papel e lugar deste último, o tipo de paixões que quer despertar no auditório.

O terceiro, *"logos"*, corresponde ao conjunto de parâmetros relacionados ao tema do discurso, consistindo no tipo de argumento a atrair, o tipo de provas a trazer em função da situação.

Seguindo a base dessa retórica, temos a elocução, ou *"lexis"* ou *"elocutio"*, que se caracteriza pelo momento em que o pensamento é verbalizado, tomando forma na linguagem. O orador escolhe o seu modo de

expressão, utilizando-se de palavras e figuras, modulando seu discurso num jogo apreciativo ou depreciativo de registro.

A última das partes que compõe a retórica é a *"disposição"* ou *"taxis"* ou, ainda, *"dispositio"*.

> *Trata-se do encadeamento das partes constitutivas dos dois principais momentos do discurso (a saber: a exposição do assunto e a demonstração). O orador encadeará diferentemente essas diversas partes, conforme sua tomada de palavra seja antes ou depois do adversário, e em função dos objetivos pretendidos* (Fuchs, 1985, p.112).

A retórica, por sua vez, não teve um único direcionamento no seu percurso histórico. Uma movimentação no percurso a levou em direção ao discurso literário que se preocupava com o valor estético em detrimento da persuasão. Pouco a pouco, na movimentação no tempo, ela passa a valorizar a qualidade do discurso, visando à eficácia e à persuasão, notando-se, então, uma retórica instrumental.

Esse movimento amplia-se no século XVI . Na época clássica (séculos XVI e XVII), há o florescimento de retóricas que concedem um espaço à teoria das "figuras".

Após o declínio acentuado em fins do século XVIII, ela reaparece durante o século XIX.

Dos trabalhos contemporâneos advindos da retórica, podemos citar como exemplo as teorias da literatura, a teoria do discurso e da argumentação.

unesp

As teorias do discurso, que nos interessam mais de perto, apresentam os conceitos aristotélicos de papel, lugar ou de imagem (Vignaux, 1988, p. 68).

A teoria enunciativa, tendo como base os sujeitos da enunciação, as intenções do enunciador ao construir seu enunciado em relação ao co-enunciador, estando estes inseridos num tempo e espaço, se encontra nas bases da retórica aristotélica, sendo que esta última tem como suporte o *"sujeito", o "auditório"* e a *"situação de discurso"*.

1.3. Enunciação e pragmática

A *enunciação* e a *pragmática* são duas correntes que atualmente disputam, no interior da lingüística, o campo enunciativo.

A primeira, de inspiração "neo-estruturalista" e européia, tem como ponto central a noção de "categoria enunciativa" e, das marcas lingüísticas e categorias formais, ela passa às categorias nocionais.

Temos como base, na teoria enunciativa, as categorias de pessoa, espaço, tempo e aspecto, e categoria de determinação, que são tidas como universais por se encontrarem na base de toda língua, embora a organização dos sistemas de pessoa, sistema aspectual e modal possa se dar de maneira diferente.

Considerando essas categorias, há o que se pode chamar de *universal* ou *estável*, referindo-se ao que é encontrado na base de toda língua, e há o

que se pode chamar de *específico*, *particular* ou *instável*, constituindo aquilo que é variável em cada idioma.

As marcas lingüísticas podem variar de língua para língua, mas a partir delas é possível o estudo das operações enunciativas tidas como generalizáveis nos diversos idiomas. O sujeito, nessa teoria, é inserido no próprio sistema da língua, configurando-se à operacionalidade da mesma. Sendo considerada aqui a situação do discurso ou da enunciação na qual o sujeito está inserido, levando-se em conta o contexto, aspectos sócio-culturais, cognitivos etc., a língua passa, então, a tomar um caráter não-instrumental.

A segunda corrente, a pragmática, de inspiração lógico e anglo-saxônica, segundo observações de Fuchs (1985, p. 119), percorre um caminho inverso ao da enunciação, parecendo partir das categorias nocionais, visando a encontrar nelas as marcas lingüísticas.

Essa corrente, segundo Fuchs (1985, p. 116-119), tende mais a partir de conceitos lógico-lingüísticos do que a trabalhar com a linguagem em funcionamento, e insere-se numa teoria geral da ação. Seu campo de estudo recobre três grandes direções: o estudo dos "atos de linguagem", o estudo dos "mecanismos conversacionais", e o estudo das "pressuposições". Tem como representantes pesquisadores como Austin, John Searle, engajados nos estudos dos "atos de linguagem", Grice, no estudo dos "mecanismos conversacionais", e Ducrot, engajado no estudo das "pressuposições".

Dessa forma, as correntes pragmáticas se subdividem. Afirma Vignaux (1988, p. 71) que, de um lado, umas querem privilegiar o impacto do subentendido, do implícito sobre o explícito ou sobre o dito e, desse modo,

unesp

toda enunciação será reduzida a um catálogo de imagens do outro - interlocutores e co-enunciadores; outras querem traduzir essas relações de troca em termos de ações, podendo assim sonhar com uma teoria total do comportamento na sociedade, e aí a lingüística pedirá ajuda à sociologia, perdendo seu objeto de pesquisa que é a língua e o trabalho que ela assegura em permanência sobre a referência.

Na corrente pragmática, há uma tendência a identificar *pragmática lingüística* e *enunciação;* a corrente enunciativa já insiste na diferença entre estes dois termos e espera distinguir-se da pragmática.

Fuchs (1985, p. 117) afirma parecer que ambas as correntes, enunciação e pragmática, se ignoram mutuamente e constata a ausência de relações explícitas entre as duas.

A nosso ver, as disputas entre as áreas de conhecimento só tendem a retardar o progresso científico.

Consideramos que o desenvolvimento dos estudos referentes à linguagem depende muito da contribuição mútua entre as áreas de pesquisa, principalmente, quando levamos em conta os vários fatores extralingüísticos que influenciam diretamente nas atividades de comunicação. Dessa forma, é imprescindível o engajamento entre as correntes, visto que as reflexões, as considerações e as hipóteses levantadas por uma e outra devem ser o alicerce para a conquista de novos horizontes referentes aos estudos linguagísticos.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

1.4. A semântica

A semântica é outra área importante a ser observada, havendo uma variação bastante grande em relação à sua concepção.

As teorias formais da linguagem estabelecem que entre os planos da sintaxe (relações signos-signos), da semântica (relações signos-objetos), e da pragmática (relações signos-utilizadores) há uma independência e uma hierarquia entre eles: o da semântica-sintaxe-pragmática (Fuchs, 1985, p. 116).

Os adeptos da abordagem enunciativa recusam o estabelecimento da independência entre esses três planos e a hierarquia entre os mesmos.

O privilégio dado exclusivamente ao ponto de vista extensional é questionado pelas semânticas intensionais. A primeira é determinada por regras de convenção da linguagem. Para Russel (apud Vignaux, 1988, p. 72), por exemplo, a denotação de uma expressão dentro de um contexto será diretamente determinada por essas regras de convenção. Os fenômenos semânticos são aí estudados do ponto de vista de sentido, e não de referência.

Nas semânticas intensionais, seguindo Frege (apud Vignaux, 1988, p. 81-82), o sentido corresponde ao seu valor de verdade. Elas estabelecem a distinção entre sentido e referência. Para esse pesquisador, as regras de convenção da linguagem podem determinar a denotação somente indiretamente, afirmando que o mesmo sentido pode implicar, em certas situações, diferentes denotações.

unesp

A perspectiva enunciativa, porém, não separa radicalmente o sentido da referência e considera as operações de referenciação como parte integrante das semânticas lingüísticas, pois é através dessas operações que o indivíduo reconstrói o referente.

Citemos, ainda que rapidamente, a semântica das situações, proposta por Barwise e Perry (apud Vignaux, 1988, p. 76-77), que adota uma atitude inversa da semântica intensional; para esta última, a referência é determinada de modo indireto e o objeto não é estudar a relação entre a frase e o que ela descreve realmente. Nas semânticas das situações, o que conta é a relação entre a frase e todas as situações nas quais ela será verdadeira.

Essa semântica se articula em três etapas. As duas primeiras consistem na interpretação depois da significação; a terceira é a da apreciação. Como exemplo, podemos citar dois locutores conversando numa exposição de automóveis, e assim enunciando:

Locutor 1: - *Aquele carro é o mais rápido da frota.*

Locutor 2: - *Não, aquele é o mais rápido da frota.*

Levando-se em conta a situação e apreciando-a, depois que se deu a interpretação após a significação destas frases é que será possível a compreensão da mesma (Vignaux, 1988, p. 76-78).

Uma teoria lingüística que, em seus estudos, vai além do formalismo descritivo, reportando aos vários aspectos constitutivos da linguagem, requer uma semântica que seja coerente com os seus segmentos de pesquisa;

unesp

percebemos, então, que a questão semântica revista por Culioli é satisfatória a essa requisição, sendo adequada aos estudos lingüísticos e, como não poderia deixar de ser, é também bastante adequada à questão da paráfrase, como poderemos observar nos capítulos posteriores.

Assim, Culioli redefine os problemas da semântica, adotando o domínio de uma *semântica formal*, que se caracteriza da seguinte maneira, conforme a exposição abaixo:

> *...tem por objetivo o estudo sistemático da significação, onde ela é lingüisticamente acessível, isto é, como a relação complexa entre enunciados (textos), uma situação de enunciação, um sentido (relação entre objetos lingüísticos que transferem para objetos extralingüísticos com suas propriedades físico-culturais), e valores referenciais* (apud Fuchs e Le Goffic, 1985, p. 130).

Essa semântica estuda, de um lado, as condições de enunciação e, de outro lado, os sistemas de derivações parafrásticas. Desta forma, a sintaxe e semântica caminham juntas, sendo incoerente a separação entre elas.

As operações enunciativas investigadas por Culioli são complexas. O sujeito insere-se no âmago da teoria, trazendo consigo uma bagagem de conhecimentos acomodados em seu sistema de cognição a serem chamados à superfície do enunciado através das operações mentais. O sentido que o indivíduo tende a reconhecer ou produzir, num enunciado, depende das relações intersubjetivas entre os enunciadores, dependendo inclusive do sistema de referência que eles ocupam. Nessa perspectiva, Culioli é, também, seguramente, contra a separação de sentido e referência.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Para concluir as considerações sobre a independência e hierarquia dos planos da sintaxe, semântica e pragmática, refutados pelos defensores da abordagem enunciativa, basta voltarmos a atenção para as características dessa última semântica, a *"semântica formal"*. Notemos que essa semântica, abrangendo os valores referenciais, engaja, automaticamente, o sujeito no sistema semântico, o qual produzirá significações que irão ocorrer entre enunciadores e situação de discurso; notemos que ela abrange, ainda, o sistema de derivações parafrásticas, interferindo no processo de significação. Dessa forma, torna-se possível o maior entendimento dessa refutação por parte dos pesquisadores da enunciação em relação à independência dos planos acima citados e sua hierarquia, visto que todos eles têm sua importância e são trabalhados concomitantemente no processo de comunicação.

No plano da sintaxe, podemos obter diferentes modulações do enunciado a partir da flexibilidade da relação predicativa, que dá origem às famílias de paráfrases. Mas, como poderemos ver mais detalhadamente no capítulo 2, as diferentes modulações calcadas nas famílias parafrásticas, no plano sintático, podem causar, naturalmente, uma variação de significado. Dessa maneira, sintaxe e semântica caminham juntas. Observamos ainda que, se um enunciador faz uso da língua, organizando a construção do sentido no plano da sintaxe, ele, na verdade, está praticando uma ação de construção discursiva segundo suas intenções com relação ao co-enunciador, num contexto pragmaticamente determinado.

unesp

Dessa forma, consideramos que, entre a pragmática, a semântica e a sintaxe, há uma clara inter-relação, sendo esta fundamental aos estudos lingüísticos.

1.5. A teoria da enunciação e o modelo de Culioli

Os estudos anteriores ao modelo de Culioli, feitos a respeito da linguagem, muito contribuem para a descoberta de fenômenos importantes concernentes à atividade lingüística. Podemos tomar como exemplos o trabalho de Saussure, lingüista estruturalista, e Chomsky, lingüista da linha gerativista.

A contribuição de Saussure é considerada muito importante para a tomada de posição de que a língua é um objeto teórico, "abstrato" em qualquer estado, considerado comum a todos os membros de uma comunidade lingüística. A partir daí, ela é estudada separadamente das ações e competências comuns de seus falantes, ou seja, ela é tomada como um "objeto de estudo abstrato" e averiguada separadamente das situações discursivas e das condições que levam os indivíduos a agirem conforme as necessidades e competências que eles têm sobre o código lingüístico.

Há, porém, um questionamento apontado pelas teorias da linguagem mais recentes sobre essa separação. A designação da língua como "código lingüístico" passa a ser inconveniente, visto que ela deve ser, sob o ponto de vista dos pesquisadores dessas teorias, inteirada ao emprego das ações e competências comuns aos seus falantes.

unesp

Chomsky, ao aprofundar seus estudos sobre o leque de possibilidades de construção de frases com sentidos semelhantes no plano sintático das línguas, contribui para a continuidade dos estudos sobre a linguagem, como a abordagem sobre o grupo de famílias parafrásticas advindas das relações predicativas dos estudos de Culioli.

Embora os estudos de Saussure e Chomsky tenham muito contribuído para os estudos contemporâneos, há neles uma tendência em manter um objeto de estudo fechado sobre si mesmo, excluindo o "sujeito" desse objeto e, conseqüentemente, outros domínios da ciência como fatores sócio-culturais, referenciais, cognitivos, psicolingüísticos, entre outros, considerados fundamentais à investigação dos processos de comunicação, ficando eles, fora do campo da pesquisa sobre a linguagem.

Antoine Culioli foi professor de Lingüística da Universidade de Paris VII, não sendo lingüista conhecido ou reconhecido por um grande público científico; atua no eixo Paris-Genebra, não ultrapassando muito essa área (Bronckart, 1977, p. 309).

O acesso aos seus textos não é considerado fácil, mas notamos em seu trabalho, uma postura bastante inovadora, através de questionamentos referentes à lingüística tradicional, a fim de que a investigação e o estudo das problemáticas da linguagem se tornem mais amplos e satisfatórios.

Culioli considera a linguagem um sistema aberto e, como já havíamos dito anteriormente, abre o campo da lingüística, articulando-se com outras disciplinas, ou seja, com problemáticas teóricas diferenciadas, encontrando-se o sujeito no centro de sua teoria.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Esse pesquisador visa a permitir uma articulação, de uma parte, entre linguagem e o extralingüístico, e de outra parte, entre a lingüística e outras disciplinas, tendo como objeto, elas também, a relação dos sujeitos com o real (psicologia, psicanálise, teoria das ideologias...) (Fuchs e Le Goffic, 1985, p. 129).

Para Vignaux (1988, p. 105), o trabalho de Culioli é um dos poucos a dar conta dessa dimensão inerente à atividade linguagística que é aquela da relação pensamento-linguagem. É a imbricação entre cognição e pensamento.

Culioli rejeita as oposições entre língua/discurso em prol de uma problemática da linguagem e das línguas; rejeita a oposição, como já vimos, da sintaxe/semântica/pragmática, em prol da problemática das operações predicativas e enunciativas; e faz, ainda, a rejeição da função referencial/funções intersubjetivas em prol de uma problemática da co-enunciação (Fuchs, 1984, p. 77).

Segundo Culioli (apud Fuchs & Le Goffic, 1985), a ciência lingüística tem como objetivo estudar a linguagem através das línguas naturais e coloca a necessidade de descrever o maior número possível de línguas, as mais diversificadas possíveis.

Em seus estudos, procura encontrar os elementos fixos ou invariáveis, sendo comuns à atividade da linguagem de diversas línguas através dos aspectos variáveis, na superfície das mesmas.

Tendo em vista esses pontos variáveis e invariáveis ou instáveis e estáveis na base e superfície dos diversos idiomas, Culioli aponta a necessidade de uma teoria do objeto e uma teoria da observação.

unesp

Assim, considera a linguagem como uma dupla atividade de produção e reconhecimento por sujeitos, sendo a faculdade universal de produzir e interpretar textos, e a língua, um sistema, tendo suas leis próprias de organização e cujos traços são empiricamente observáveis, sob a forma de produção atestada (Fuchs e Le Goffic, 1985, p. 128).

Podemos verificar, a partir daí, que o pesquisador toma consciência da gramática das línguas, de seus traços lingüísticos em sua superfície para chegar a operações mais complexas subjacentes em todo processo de comunicação verbal.

Assim, esses pólos (língua e linguagem) não podem ser vistos isoladamente, devendo caminhar juntos na pesquisa.

O pesquisador aponta que a ciência lingüística deve dar conta do fato de que as línguas são variadas, com suas singularidades, mas que todas elas suportam a generalização gramatical; aí percebe-se o problema central da lingüística, notando-se, na tradução, uma prova de que os idiomas têm, subjacentes, esquemas e operações universais.

Linguagem e língua, então, caminham juntas, destacando, da primeira, os aspectos generalizáveis e, da segunda, os aspectos particulares encontrados no sistema próprio de cada idioma.

A observação torna-se experimentação, que permite testar as hipóteses levantadas pelo pesquisador e afinar pouco a pouco a teorização e, da experimentação, devem ser destacados os conceitos fundamentais (esquemas e operações); esses conceitos devem ser expressos com a ajuda de uma meta-língua (Fuchs e Le Goffic, 1985, p. 131).

unesp

Culioli busca uma união com a psicolingüística para chegar às hipóteses levantadas sobre a atividade da linguagem; recorta os conceitos que os psicólogos adotam para dar conta da aquisição da linguagem pela criança (em ligação com a estruturação cognitiva e perceptiva), tomando como exemplo os três valores fundamentais de referenciação do operador (localização, pertence, identidade), e as operações ditas de "extração" e "flechagem" a respeito dos determinantes (Fuchs e Le Goffic, 1985, p. 131-132).

A hipótese de base da teoria enunciativa é a inscrição do sujeito no próprio âmago do sistema lingüístico, como já mencionamos anteriormente, que se manifesta, em particular, através de certas categorias gramaticais específicas, como a categoria de pessoa, tempo, aspecto, modalidade, dêixis, etc., que marcam a relação do sujeito com o seu enunciador (Cf. Fuchs, 1984).

Culioli denomina os sujeitos da enunciação (emissor/receptor) de enunciadores, que têm como função a produção e o reconhecimento do significado, sem os quais não há enunciação, e, assim, o diálogo constitui um aspecto fundamental da comunicação.

Na teoria culioliana, os enunciadores não só imprimem os traços como índices de pessoas, modalidade, tempo, como também devem ser integrados como *sujeitos teóricos*.

Vignaux (1988, p. 64-65) coloca que é a Benveniste que precisa ser atribuído, verdadeiramente, o primeiro trabalho de exploração de um certo número de marcas enunciativas observadas na nossa atividade de linguagem. Temos, então, quatro tipos de marcas enunciativas, empregadas na teoria de Culioli, sendo elas: os interlocutores, o tempo de alocução, seu lugar e suas

unesp

modalidades (ou ainda a relação estabelecida, a cada vez, entre interlocutores e enunciado).

1.6. Categorias enunciativas

1.6.1. Os interlocutores

Os interlocutores são representados pelos pronomes pessoais ou possessivos que os designam e se organizam em volta do *eu/tu*.

Benveniste (1988, p. 277-288) coloca que a definição comum dos pronomes pessoais, contendo os termos *eu, tu, ele*, "abole justamente a noção de *pessoa* e que essa noção, porém, é própria somente do *eu/tu* e fala em *ele*".

Como já vimos anteriormente, todo discurso é produzido por um emissor (enunciador ou locutário) com o objetivo de que a mensagem seja reconhecida por um receptor (co-enunciador ou alocutário), e carrega também as intenções do primeiro em relação ao segundo. Nesse processo, há a produção e reconhecimento do sentido por parte dos enunciadores e, num processo de troca recíproca entre eles, um pode tomar a função do outro, como já mencionamos.

Os enunciadores são a base de todo discurso e se localizam na situação de alocução que é o instante em que o discurso está sendo produzido.

unesp

Por isso, muitos pesquisadores adeptos da corrente enunciativa consideram a terceita pessoa como uma *não pessoa* (por estar fora do ato enunciativo).

Benveniste não vacila em dizer que o pronome *eu* é identificado e só tem valor na instância do discurso que o contém, e que fora dele, não é senão uma forma vazia. Assim ele os define:

> ... ***eu*** *é o indivíduo que enuncia a presente instância do discurso que contém a instância lingüística* ***eu****. Conseqüentemente, introduzindo-se a situação de* ***alocução****, obtém-se uma definição simétrica para* ***tu****,como o indivíduo alocutado na presente instância do discurso contendo a instância lingüística* ***tu****. Essas definições visam* ***eu*** *e* ***tu*** *como uma categoria de linguagem e se relacionam com a sua posição na linguagem* (Benveniste, 1988, p.279).

1.6.2. Tempo e aspecto da alocução

As cetegorias de pessoa e de tempo são as duas categorias fundamentais do discurso apontadas por Benveniste.

Ele coloca que cada discurso é único e que, mesmo que o texto seja igual, o momento não é.

A instância do discurso é o eixo referencial através do qual a língua deve ordenar o tempo. Esse eixo de referência, segundo Benveniste, não pode ser mudado, uma vez que é marcado por algo que realmente aconteceu no mundo, e não por uma convenção revogável.

Logo, esse eixo se reporta à condição estativa do tempo, que se caracteriza por um acontecimento importante que marca o ponto zero do cômputo do tempo. Assim, temos, como exemplo, o nascimento de Cristo.

unesp

Esse ponto zero da condição estativa do tempo se equipara ao ponto axial do presente, que coincide com a instância da fala do enunciador no discurso.

Esse presente é único porque é renovado a cada fala do indivíduo, sendo, portanto, um momento sempre inédito.

O tempo lingüístico se organiza sempre a partir deste ponto axial do presente e o presente lingüístico coincide com o "presente" da instância discursiva, sendo ele o fundamento das oposições temporais da língua.

O passado e o futuro se organizam (para trás e para frente) a partir do presente, tendo-o como ponto axial, e não estão, desta maneira, no mesmo nível do tempo que o presente.

A partir daí, Benveniste coloca o presente como a única expressão temporal, sendo que o passado e o futuro se organizam a partir do momento em que o acontecimento não é mais contemporâneo do discurso, deixando de ser presente e devendo ser evocado pela memória, ou referindo-se a um acontecimento que ainda virá a sê-lo, manifestado em prospecção.

A marca temporal do discurso pode ser identificada através do tempo dos verbos ou de advérbios temporais.

Com relação à marca *aspectual*, notamos que ela caminha junto com a marca *temporal* do discurso, sendo um importante elemento das categorias enunciativas.

Souesme (1992, p. 14) entende o aspecto como a maneira do enunciador considerar o processo - "aquilo que nós temos chamado igualmente de ponto de vista". Segundo esse autor, graças às formas

unesp

aspectuais, o enunciador privilegia ou não um ponto de referência temporal colocado em relação ao momento da enunciação.

> *Com o presente simples, assim como com o pretérito simples, o processo, em si, não é orientado em relação ao momento da enunciação. Ele não é definido em relação a uma determinada situação enunciativa de origem. No presente simples, o enunciador indica, somente, a validade de uma relação predicativa* (Souesme, 1992, p. 14).

Bouscaren (1991, p. 9-10) faz uma distinção entre dois tipos de aspectos: o aspecto lexical e o aspecto gramatical.

O primeiro aspecto, o lexical, é o "que corresponde indiferentemente ao tipo de processo ou tipo de verbo (processo ou tipo de verbo é o que designa o verbo sobre o plano do sentido - acontecimento ou estado)."

Os verbos de ação, que indicam um acontecimento, são verbos que apresentam um processo dinâmico; se eles não são verbos de ação, eles apresentam um estado.

Bouscaren (1991, p. 10) distingue, dentro da categoria dos verbos dinâmicos, os verbos pontuais (chutar, acordar, levantar); durativos (dormir); incoativos (começar, iniciar); terminativos (terminar, finalizar) ou resultativos (achar), etc.

Segundo Bouscaren (1991, p. 10 e 11), o aspecto lexical e o gramatical caminham juntos, e um tipo de verbo pode passar de um tipo de funcionamento ao outro.

O segundo aspecto, o gramatical, é exposto por Bouscaren (1991, p. 9) da seguinte maneira:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> *O aspecto gramatical marca a maneira com que o enunciador constrói o acontecimento em relação à situação de enunciação. É, para resumir, a maneira com que o enunciador encara o fato (a saber, como acabado ou como inacabado).*

Como exemplo, podemos citar: "ele está tomando banho", "eu tenho andado muito ocupado", "eu venho estudando inglês desde 1992".

As formas simples dos verbos (presente e pretérito), por sua vez, são consideradas como formas que contêm um aspecto com um valor aorístico, correspondendo a um aspecto zero ou a um aspecto neutro.

Sob essa forma simples, as asserções são consideradas verdadeiras, independentemente do momento ou lugar em que o enunciado tenha sido produzido.

1.6.3. Espaço ou lugar

O lugar consagra a situação do discurso, num tempo dado. O lugar é fundamental para a constituição das "coordenadas zero" da enunciação que consiste no *eu-aqui-agora*.

Conforme a exposição de Vignaux, o tempo e o lugar (aqui, agora, ontem, lá, nesta situação), serão marcados através do tempo dos verbos, dos tipos dos pronomes demonstrativos e de advérbios de circunstâncias.

Consideramos o espaço como fator fundamental à produção do discurso por poder ser marcado pela cultura referente aos enunciadores que nele se situam. Ele é marcado, também, por todo um conjunto de referências relacionadas aos interlocutores.

unesp

Logo, podemos dizer que o espaço-físico é um fator fundamental à situação de enunciação, a qual fará com que o enunciador construa seu discurso de modo adequado, visando a alcançar seus objetivos com relação às intenções que tem sobre o seu co-enunciador.

1.6.4. As modalidades

As modalidades representam, segundo Vignaux, a categoria mais complexa para se definir.

No modelo de Culioli, as modalidades são apresentadas em quatro tipos. Vignaux (1988, p. 110-111) assim as expõe:

As modalidades 1 - são aquelas da asserção (afirmação ou negação), da interrogação e da ênfase.

As modalidades 2 - caracterizam-se por indicar uma incerteza por parte do enunciador em relação àquilo que enuncia; essas modalidades são aquelas do necessário ou do possível, do eventual ou do provável até o certo.

As modalidades 3 - constituem a dimensão apreciativa ou afetiva centrada sobre o sujeito enunciador; pelo cunho apreciativo, elas visam à atividade de qualificação, sendo assim uma modalidade qualitativa.

As modalidades 4 - são aquelas que marcam a relação entre os sujeitos, entre um enunciador e um co-enunciador. Vignaux coloca como exemplo clássico desse tipo de modalidade o "*Cuidado!*"; "*Não faça isso!*"

Dentre as possibilidades modais, leva-se em conta o modo pelo qual o enunciador formulará seu enunciado através da escolha de um ponto de

partida escolhido para a relação predicativa. Assim, o produtor textual poderá escolher a produção de: "Mário vendeu o carro", ou "O carro foi vendido por Mário" ou somente "O carro foi vendido"; poderá escolher também: "Ouvi dizer que ele voltará", ou "Parece que ele voltará", "Disseram que ele voltará"; poderá escolher ainda o discurso direto ou indireto de um enunciado dado.

Vignaux coloca que a questão fundamental é da combinatória, segundo a qual vão se compor essas modalidades na ocasião de todo ato de enunciação, a fim de, por um lado, construir uma certa representação das coisas, e, por outro lado, estabelecer, a cada vez, uma relação intersubjetiva, considerando os discursos anteriores e os que estão por vir (Vignaux, 1988, p. 111).

1.7. O domínio nocional

Definitivamente, a enunciação adota uma lingüística de operações. Das marcas lingüísticas observadas na superfície das diversas línguas naturais, (variáveis segundo as características próprias de cada idioma), chegamos às estruturas subjacentes (onde encontramos elementos generalizáveis, comuns às diversas línguas), envolvendo operações mentais complexas, cujo estudo é, também, como não poderia deixar de ser, bastante sutil.

Essas operações mentais são universais à atividade da linguagem, decorrentes, talvez, do fenômeno da inerência da linguagem ao ser humano.



Culioli considera que os requisitos ou necessidades para a resolução do problema dessas operações são encontradas no tema: a construção do domínio nocional.

Esse conceito é colocado para enfrentar problemas lingüísticos. Devido a sua complexidade, esse assunto foi estendendo o conceito de noção lexical para categorização gramatical e, finalmente, para o conteúdo proposicional denominado por Culioli, de "lexis" (Culioli, 1990, p. 68-69).

É a partir deste domínio que se desencadeará uma série de operações responsáveis pela produção do discurso.

As noções, segundo Culioli, são representações e devem ser tratadas como tal. Podem ser definidas como um complexo emaranhado de propriedades físico-culturais e podem não ser equiparadas com marcas lexicais ou itens autênticos. Portanto, são variáveis em decorrência de dependerem de fatores psicológicos e/ou culturais, dependendo ou derivando-se da interação entre pessoas e pessoas, pessoas e objetos, coações biológicas, atividades técnicas, etc. Elas são reconhecidas e demonstradas através das ocorrências (que são eventos enunciativos localizados em um mundo físico ou imaginário com propriedades variáveis).

A estrutura de ocorrência de um dado nocional abrange três zonas: a interior, a exterior e a limite ou fronteira.

A primeira é induzida por um processo de identificação, não existindo divisão de área, portanto, sendo ela uma área aberta. Essa área contém um centro organizacional que age como um centro de atração.

unesp

Através do poder cognitivo, as propriedades ou características de um objeto, concreto ou abstrato, inserido no mundo, em determinados espaços e culturas, são fixados na mente humana. Essas propriedades constituem a noção desse objeto. No momento da enunciação, o indivíduo localiza as noções que irão fazer parte de seu discurso, e escolhe um termo de origem, denominado localizador para dar início à produção discursiva.

As propriedades intrínsecas de cada noção são verificadas pelo processo de identificação, cuja função é confirmar a estabilidade daquilo que é localizado. Aqui entra o trabalho de referência, buscada no sistema de cognição do indivíduo, podendo variar de pessoa para pessoa.

A atividade de identificação ocorre juntamente com a atividade de diferenciação, que consiste em reconhecer aquilo que não é ou o que não pertence à noção do objeto.

A identificação e diferenciação fixam-se nas zonas de domínio.

Na zona interior são identificadas todas as propriedades intrínsecas referentes ao objeto localizado.

Através da operação de percurso, podemos nos dirigir ao centro do domínio, contendo todas as propriedades essenciais da noção, e também podemos nos dirigir às fronteiras e caminhar ao exterior da mesma.

O percurso faz uma filtragem das propriedades que convém ou não e vai operar-se pela passagem gradual de uma zona.

A fronteira, segundo Vignaux, faz parte das condições de um intervalo, e terá a possibilidade de ter duas zonas de tal maneira que tem um certo estado



de um lado, um outro estado, do outro. É um ponto intermediário (Vignaux, 1988, p. 125).

As características intrínsecas de certa noção são delimitadas pela fronteira, estabelecendo, assim, o reconhecimento de um dado nocional.

A zona exterior contém as propriedades completamente diferenciadas das propriedades contidas na zona interior.

Para que se tenha um verdadeiro domínio sobre certa noção, é necessário que fique bem claro estes pontos: interior, exterior e fronteira.

1.8. Os diferentes níveis da teoria culioliana

Apresentamos, a seguir, os níveis da teoria encontrados no modelo de Culioli, representados pelo esquema de Fuchs e Le Goffic (1985, p. 132-133).

Nesse esquema há três níveis fundamentais que representam, segundo os autores, uma série de operações que fazem passar de um estado para o outro.

1 - Nível da instanciação - engloba os conjuntos estruturados de noções primitivas e a "lexis".

As noções primitivas estão inseridas no nível profundo no qual está centrada toda estrutura do domínio nocional.

Nesta primeira etapa, ocorre a escolha de noções que irão intervir no enunciado, partindo da localização e identificação, mencionadas anteriormente. É o chamado "esquema de lexis" que tem por objetivo filtrar estas noções.

unesp

Esse esquema primitivo de "lexis" apresenta um molde com três lugares, sendo um predicado com dois argumentos. O primeiro argumento é o ponto de partida da relação, o segundo é o ponto de chegada e o predicado é a relação estabelecida entre estes dois pontos. Tomemos um exemplo: *Joana - ler - livro.* O primeiro argumento é Joana, o segundo é livro e o predicado é ler.

2 - Nível da enunciação - engloba o esquema de "lexis" e as operações de derivação parafrástica a partir deste esquema e, a partir daí, iniciam-se as operações de determinação, através de uma "varredura" que qualifica, quantifica, através das operações de extração e flechagem.

Também se enquadram, nesse nível, as ponderações e avaliações subjetivas pré-conscientes/conscientes a serem introjetadas no enunciado através das modulações.

Esses dois primeiros níveis devem ser simultâneos, visto que o sujeito não escolhe o que vai falar antes de o referir à situação de enunciação (Fuchs e Le Goffic, 1985, p. 133).

3 - Nível do lineamento - engloba a seqüência pré-terminal e consiste na projeção sobre a cadeia da seqüência pré-terminal, para obter a reunião seqüencial dos termos, segundo as leis próprias de uma língua dada (Fuchs e Le Goffic, 1985, p. 134).

Assim, o exemplo citado anteriormente do esquema de "lexis" - "*Joana - ler - livro*" - passa pelas seguintes etapas de operações, considerando as "coordenadas zero" da enunciação *eu-aqui-agora*, sendo que o *eu* direciona seu discurso a um co-enunciador (receptor) - *tu*, no instante da enunciação.

unesp

O enunciador, em seus sistemas cognitivo e referencial, tem o domínio nocional de "Joana", "livro" e "ler", e supõe que seu co-enunciador também os tenha em sua referência (há, então, uma verificação e um ajustamento, se necessário, desse sistema referencial entre os enunciadores). Se o co-enunciador não tiver esses domínios, o locutor escolherá outras noções ou esclarecerá seu interlocutor a respeito destes domínios escolhidos. Uma falha nesse sistema pode levar a uma falta de entendimento na comunicação ou a mal-entendidos, visto que as referências, embora tenham raízes sócio-culturais, podem variar de indivíduo para indivíduo.

Assim, concordamos com a proposição culioliana de que os escorregamentos de significação não devem ser considerados como fracassos da comunicação, visto que eles são constitutivos da atividade de linguagem.

De início, o locutor localiza o termo de partida - Joana (primeiro argumento) -, e as outras noções - livro (segundo argumento e ponto de chegada) e ler (predicado ou relacionador) -, estando estes elementos inseridos num domínio nocional (que contém em seu sistema, as zonas interior, exterior e fronteira).

A identificação, a diferenciação e o percurso são operações que ocorrem dentro dessas zonas, sendo estabelecido, então, o "*esquema de lexis*" ou "*esquema primitivo*".

Nota-se que essas operações são instantâneas, sendo praticamente impossível reconhecer onde elas se iniciam ou se finalizam.

Através da relação predicativa, nos deparamos com as seguintes possibilidades de construção do discurso: "Joana lê o livro"; "Joana tem lido o

livro"; "O livro foi lido por Joana"; "O livro está sendo lido por Joana"; "Joana é leitora de livros." Aqui nos direcionaremos, então, às possibilidades parafrásticas contidas numa família de paráfrases.

O enunciador escolherá uma dessas possibilidades, modulando-as, conforme os quatro tipos de modulações anteriormente mencionados, e segundo suas intenções, fazendo uma *varredura* através das operações de determinação e estabelecendo os quantificadores ou qualificadores, pela *extração* e *flechagem*.

Joana lê bons livros.

bons: plural - quantificação

bons: valor apreciativo positivo - qualificação

Ocorre, neste caso, a extração, marcada por um sintagma indefinido - *bons livros*.

Joana leu aquele complicado livro.

aquele: singular - quantificação

complicado: valor apreciativo negativo - qualificação

Ocorre neste caso, a flechagem, marcado por um sintagma definido - *aquele*.

Segundo Vignaux, a extração extrai o elemento a partir de uma coleção ou de um conjunto considerado, um indivíduo, uma porção ou um elemento deste conjunto, desta coleção. A flechagem é quando esta operação de extração se faz ainda mais precisa (Vignaux, 1988, p. 129).

Vignaux coloca que operações do sistema de linguagem vão desde a forma inicial até a superfície, ou seja, das relações primitivas, depois os tipos de categorias morfológicas destas relações, depois as funções sintáticas e as relações semânticas (Vignaux, 1988, p. 95 e 96).

Verificamos, assim, com este estudo sobre a enunciação, que a lingüística sofre uma importante mudança, ou seja, de uma lingüística tradicional, preocupada com o aspecto formal e com o que se encontra geralmente na superfície das línguas, passamos a uma lingüística de operações, objetivando abordar as problemáticas da linguagem de maneira mais satisfatória e abrangente, tendo em vista que o sujeito é colocado no cerne da lingüística enunciativa, envolvendo outros domínios da ciência.

CAPÍTULO 2
A PARÁFRASE

CAPÍTULO 2
A PARÁFRASE

A linguagem , por ser inerente à natureza humana como já havíamos colocado no capítulo anterior, traz em si fatores tão naturais, como as operações mentais, por exemplo, decorrendo daí a complexidade de seu estudo, englobando várias áreas do conhecimento. Dentro dessa atividade natural da linguagem, podemos mencionar a paráfrase.

Talvez devido a esse aspecto natural da atividade parafrástica, é que muitos estudiosos dos fatos da linguagem tenham uma concepção simplista da mesma, considerando-a como uma reformulação do conteúdo, ou seja, como uma formulação do mesmo sentido através de palavras diferentes, bastando a troca das palavras e/ou as alterações no esquema sintático da frase (desde que seja mantido o mesmo significado), para que o texto seja reconhecido como paráfrase. Contudo, ao pensarmos na paráfrase como uma atividade da linguagem, devemos refletir sobre esta visão simplista do ato parafrástico. São variados os posicionamentos a respeito do tema deste capítulo, e nele faremos a exposição de alguns estudos a respeito dessa atividade da linguagem englobando Herman Parret (que trata da técnica de transposição na paráfrase; a equivalência semântica e a semelhança pragmática; e as estratégias de proximização) e, fundamentalmente, Catherine Fuchs, tratando a paráfrase

unesp

como uma produção textual que contém uma semelhança de significação entre os textos e não uma identidade de sentido.

Notamos, então, que o estudo voltado à paráfrase recai sobre as palavras, suas significações, a alternância das frases e a proximidade entre os significados. Portanto, a questão do sentido é aqui fundamental.

Os mecanismos de produção do sentido (constitutivos da atividade da linguagem), ativados pelo universo mental dos interlocutores (contendo seus sistemas de cognição, referências, fatores psicológicos e físico-culturais), fazem a mediação entre as necessidades comunicativas dos interlocutores e a produção discursiva, numa determindada situação.

O êxito da satisfação dessas necessidades comunicativas depende muito da boa capacidade de produção discursiva por parte do enunciador.

Consideramos que a paráfrase pode ser uma atividade mediadora entre as necessidades comunicativas dos interlocutores e a produção discursiva, englobando a reprodução de significação, sendo que ela retoma o sentido produzido no texto de origem, visando à satisfação dessas mesmas necessidades.

Para esclarecermos essa consideração, tomamos, como exemplo, um texto mal entendido pelo co-enunciador ou um texto cujo significado não tenha sido reconhecido pelo leitor; há, então, a necessidade de reconhecimento e entendimento desse significado. O parafraseador, como mediador, procura reproduzir uma semelhança significativa através da reprodução discursiva, retomando o sentido produzido no texto de origem para que a necessidade do entendimento discursivo entre os interlocutores seja satisfeita.

unesp

O parafraseador, então, mantém ou procura manter relação com todo o processo de construção do sentido do discurso do seu co-enunciador (produtor do primeiro texto) e visa a reconstituir o significado, seguindo os mesmos mecanismos de construção do sentido do texto parafraseado.

A nosso ver, essa prática ativa, no indivíduo, os mecanismos de interpretação e produção textual, desenvolvendo sua capacidade lingüística.

Todo domínio nocional do produtor do texto original não deve se diferir muito do domínio nocional do parafraseador para que o texto mantenha uma semelhança de significação.

Na construção do domínio nocional, como já vimos anteriormente, estão inseridos os fatores cognitivos, referenciais e físico-culturais. Dessa forma, quanto mais próximos forem os esquemas de construção do domínio das noções entre o primeiro enunciador e o parafraseador, maior probabilidade do texto parafraseado manter a semelhança de seu sentido com o sentido do texto original.

2.1. Relações predicativas e a paráfrase

A paráfrase é abordada pelos estudos de Chomsky (apud Bronckart, 1977, p.321) que, em suas pesquisas, averigúa as várias possibilidades de construção de frases com sentidos semelhantes no plano sintático dos idiomas.

Culioli dá a contribuição para esses estudos, e a partir das relações predicativas, já demonstradas em sua teoria, é que se origina o fenômeno da paráfrase, que ocorre no nível da enunciação (exposto no capítulo anterior).

unesp

Retomando essa exposição, o nível da enunciação engloba o esquema de "lexis" e as operações de derivação parafrástica.

Dessa forma, atentando para os enunciados - *o mestre esclarece o aluno*; *o aluno foi esclarecido pelo mestre*; *o aluno disse-me que o mestre lhe esclareceu as dúvidas*, etc. - temos possibilidades de construção discursiva, decorrentes de uma relação predicativa, constituindo as possibilidades parafrásticas contidas numa mesma família de paráfrases. O enunciador é incumbido de escolher uma dessas possibilidades, fazendo a modulação conforme sua preferência.

Uma vez que o enunciador modula o seu discurso à sua maneira, sendo que cada enunciado é único, em decorrência de nenhuma instância discursiva ser igual a outra, as modulações, naturalmente, também tendem a se diferir, não podendo nos esquecer da interferência dos sistemas de referência, contexto e situação discursiva, na construção dessas modulações.

2.2. Considerações parafrásticas

A partir das considerações acima é que a concepção de paráfrase tende a ser revisada; para tanto, e em concordância com os estudos de Fuchs em *La paraphrase* (1982, p.8), devemos deixar de lado a concepção simplista, ingênua e puramente espontânea de *paráfrase*.

A delimitação do tema da paráfrase é ainda complicada porque as atividades da linguagem são muito variadas, assim como são variadas as manifestações parafrásticas. Estas podem estar presentes em várias situações

unesp

da vida como, por exemplo, num dado discurso onde haja a necessidade de retomada do assunto por parte do locutor, fazendo uma melhor colocação daquilo que foi dito, estando, neste caso, os enunciadores frente a frente em relação direta com a construção do texto parafraseado. A paráfrase pode ser feita pela explicação ou pela interpretação de um texto, cujo autor esteja ausente no instante do parafraseamento.

Ela se encontra também nas diferentes manifestações discursivas como: processos de reformulação de textos de autores com metas pedagógicas; nas condensações, como o relatório, tendo em vista a difusão de informação; a paródia ou o pasticho com visão literária. O estudo dessa concepção discursiva da paráfrase foi feito particularmente pela pragmática (Fuchs, apud Larrivée, 1996, p. 207).

Na tradução, considerada também como um mecanismo parafrástico, há a problemática das variações de regras gramaticais entre as línguas, ou ainda, a inexistência de certos termos em determinados idiomas.

Parret (1988, p. 230-231),entretanto, considera que paráfrase e tradução se diferem. Esse autor questiona a tradução e a paráfrase como noções simplesmente redundantes ou como noções de preferência interdefinidoras.

Para ele, esses termos parecem ter conotações específicas, e aponta a diferença voltando sua atenção ao funcionamento "levemente desviante" dos termos (Parret, 1988, p. 231):



> *A dificuldade da tradução consiste no fato de que a estrutura semântico-sintática da seqüência traduzida e da seqüência traduzível são diferentes e específicas. A dificuldade do ato de parafrasear acrescenta um elemento nesta problemática do não-isomorfismo dos dois níveis: como o veremos, a paráfrase pressupõe uma ambigüidade na seqüência parafraseada e o ato de parafrasear é necessariamente um ato de desambigüização. Epistemologicamente, paráfrase é uma noção mais "rica" que tradução: como a tradução, a paráfrase é um mecanismo intradiscursivo, mas ela se distingue da tradução na medida em que especifica a seqüência transposta como sendo ambígua e não somente não-isomorfa.*

Para melhor apreender o funcionamento específico da paráfrase, esse autor (1988. p. 226) diferencia também outros termos, como transcodificação e transposição, paráfrase e perífrase; faz a colocação de que paráfrase é uma transposição heterofônica e não homofônica do sentido, e defende a idéia da reconstrução e não construção do significado no ato parafrástico.

Essa idéia, por sinal, é a característica mais clara de se reconhecer nesta abordagem.

Parret (1988, p. 223) apresenta a transcodificação como um concorrente direto da transposição, contendo desvantagens definicionais. Dessa forma, afirma ser possível fazer a economia dessa noção:

> *Segundo as conotações habituais deste termo, a transcodificação só tem como conseqüência a constituição de uma metalinguagem. A transposição do sentido, contudo, não transforma necessariamente o sentido em sentido "autêntico" e "final", expresso por uma metalinguagem artificial e arbitrária. Essa é, na verdade, a finalidade dos lógicos quando pretendem representar o sentido de uma linguagem objeto (natural) por uma metalinguagem (formal). A transposição do sentido, ao contrário, é um processo infinito de articulação, é precisamente este aspecto da infinitude da vida da* ***semiosis*** *que deve ser acentuado. (...) A segunda razão que me leva a economizar a noção de "transcodificação" é a de que esse termo conota a concepção* ***informacional*** *da significação e da comunicação: reduzir totalmente a comunicação significante à informação seria um ponto de partida*

> *deplorável se estamos à procura de uma definição adequada do ato de parafrasear* (Parret, 1988, p. 223-224).

Fazendo uma observação em relação à tradução, poderíamos colocá-la numa posição intermediária entre os dois termos acima citados, transposição e transcodificação.

Vemos a tradução como uma atividade um tanto quanto metalingüística, visto que o tradutor direciona a sua atenção a uma língua dada para reformular o texto em sua língua-materna ou em qualquer outra língua. Essa atenção (consciente ou inconsciente) voltada à semântica (que é fundamental para o ato de traduzir), ou a atenção voltada às questões sintáticas, constituem, a nosso ver, uma atitude metalingüística. Referimo-nos a uma atenção consciente ou inconsciente tendo em vista que um tradutor possa trabalhar a tradutibilidade das frases de modo quase automático, principalmente se a sua prática nesse ofício for grande, decorrendo daí uma "atenção inconsciente", embora isso pareça um paradoxo: como uma atenção pode ser inconsciente se a própria atenção exige a consciência do indivíduo falante? Talvez fosse melhor falarmos em "automatismo" do que em "atenção inconsciente", e em "maior observação dos dados das línguas" do que em "atenção consciente".

Vemos também que o próprio fato de fazermos uma tradução constitui uma atitude de informação a respeito do que o texto traduzido significa. Temos, portanto, uma busca de "autenticidade do sentido" que será complicada ou facilitada pela natureza do texto (texto literário, não-literário, técnico, etc.).

unesp

Essa busca de "autenticidade do sentido" é direcionada, principalmente, pela semântica.

Dissemos, no início deste capítulo, que a questão do sentido é fundamental para o parafraseamento, sendo este a busca da reconstrução do significado de um outro texto. O mesmo acontece na tradução.

Com respeito à transposição, esta encontra-se engajada na teoria do sentido. Dessa forma, ela é também um aspecto natural da linguagem, sendo a paráfrase, uma técnica transpositiva.

O tradutor, ao fazer a substituição das palavras e a colocação das mesmas no esquema sintático de acordo com as regras da língua, procurando estabelecer a autenticidade do sentido, faz com que a atividade de transposição seja mais densa.

A diferenciação feita por Parret entre paráfrase e tradução pode ter sido motivada pelo fato de que o tradutor volta-se mais à atividade transpositiva (através de uma atitude de transferência de palavras, atentando fundamentalmente para a sinonímia, e através da adequação dos vocábulos ao esquema sintático), levando à construção da significação desejada.

Consideramos que a interpretação é um ato concernente à linguagem e não deixa de estar em nenhuma atividade de reconhecimento ou reformulação do sentido de um texto.

Entretanto, se compararmos, por exemplo, textos de cunho literário (cuja produção significativa é menos estável) com textos jornalísticos (cuja produção significativa é mais estável, com tendência a não possibilitar divagações interpretativas), notamos que pode haver uma diferença entre eles em relação

unesp

à interpretação, fazendo com que tenhamos um maior ou menor grau de facilidade no reconhecimento de sua significação.

A interpretação, embora esteja em todo processo de leitura, parece ser mais dificultada no texto de produção significativa menos estável, cuja pluralidade significativa é mais acentuada, ao passo que o texto de produção de significação mais estável possibilita uma maior facilidade de interpretação, visto que a pluralidade de significação é menos acentuada.

Parece-nos, então, que é mais tênue a atividade interpretativa na tradução, em decorrência do tradutor voltar-se mais à atividade transpositiva, principalmente se o texto possuir uma maior estabilidade em relação ao sentido nele contido.

Se, por sua vez, o tradutor deparar-se com um texto que apresente maiores dificuldades para o seu entendimento, exigindo, portanto, um maior trabalho na interpretação do mesmo, a sua atividade será dificultada, podendo, naturalmente, nela se inserir a atividade parafrástica, visto que ele terá que interpretar o texto, fazer a transposição das palavras na frase segundo as normas da língua e atentar para a manutenção da semelhança de significação do texto traduzido.

A paráfrase, no entanto, pode apresentar uma maior exigência com relação à interpretação, por pressupor uma ambigüidade na seqüência parafraseada, sendo o ato de parafrasear uma desambigüização (Parret, 1988, p. 231).

A ambigüidade pode decorrer das diferentes modulações feitas a partir das relações predicativas de um enunciado, tendo em vista que cada

enunciado é único pelo fato de nenhuma instância discursiva ser igual a outra, como já havíamos colocado; ela pode, também, decorrer das diferenças cognitivas, referenciais, etc.

Sob este ponto de vista é que concordamos com Fuchs (1982) por considerar que não há identificação significativa entre enunciados, e sim semelhança de significação; é natural que, na busca dessa semelhança significativa, a paráfrase consista numa desambigüização.

Voltando-nos à questão da tradução, visamos a deixar claro que não consideramos que a interpretação não esteja presente no ato de traduzir, pois essa postura estaria sendo incoerente, uma vez que, no capítulo anterior, fizemos alusão e concordamos com a redefinição dos problemas da semântica feita por Culioli através da caracterização da semântica formal, que estabelece uma relação complexa entre enunciadores, uma situação de enunciação, um sentido (com suas propriedades físico-culturais) e valores referenciais.

Havíamos afirmado que a semântica formal caracterizada pelos estudos de Culioli parece ser a mais adequada e completa para uma teoria lingüística que vai além do formalismo descritivo, considerando os vários aspectos constitutivos da linguagem. Culioli, colocando o sujeito no cerne de sua teoria, possibilita o reconhecimento de que as relações intersubjetivas tenham responsabilidade sobre a identificação ou produção do sentido num enunciado pelos interlocutores.

No universo da semântica formal, sentido e referência não devem ser considerados separadamente, assim como também não devem ser considerados separadamente o sentido e a interpretação, visto que esta última

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

depende, entre outros aspectos, dos sistemas de cognição e referência do interpretante.

A problemática semântica é muito vasta, sendo que abrange várias questões como, por exemplo, a atitude de convenção, sistema de referência, sistema de cognição, etc.

A significação de um texto pode ser constituída por meio de um rico trabalho de convenção entre os indivíduos de um grupo, como por exemplo, a linguagem técnica e o jargão, entre outros. Nesse caso, a intensidade interpretativa é menor pelo caráter mais estável referente à sua significação, sendo a atividade de transposição não trabalhosa.

Uma pessoa inteirada ao assunto tratado na linguagem técnica ou no jargão traduz o texto sem maiores problemas de interpretação, tendo em vista a estabilidade do sentido contido na superfície do discurso e devido ao conhecimento do leitor em relação ao assunto tratado; o tradutor transfere os vocábulos de uma língua para outra e faz a adequação dos mesmos ao esquema sintático do idioma, com certa facilidade interpretativa. É o que não ocorre, como já havíamos mencionado, com a tradução de um texto literário, por exemplo, cuja estabilidade significativa é menor, exigindo uma maior concentração por parte do leitor para a identificação do sentido.

Vemos, portanto, que a atividade do tradutor não é simples, podendo apresentar várias problemáticas, assim como a paráfrase, por ser uma atividade que tem um mecanismo intradiscursivo, envolvendo toda a complexidade das relações entre os sujeitos, os contextos-situacionais, os aspectos referenciais, etc.

unesp

A própria atividade de transposição pode ser, então, complicada ou simplificada pela natureza do texto de origem.

Se for simplificada, como no exemplo da tradução do jargão ou da linguagem técnica por um perito no assunto, nos aproximamos da transcodificação. Se for complicada, temos uma atividade de transposição engajada com a atividade do parafraseamento.

Em decorrência de toda essa observação é que vemos a tradução num ponto intermediário entre a transcodificação e a transposição.

2.2.1. A transposição e a paráfrase

Vimos que, no ato parafrástico, a preocupação com a reprodução do sentido é fundamental. Parret (1988, p. 221) coloca o conceito de transposição como ponto central para a teoria do sentido, gerando a sub-teoria da paráfrase como técnica de transposição. Esse autor propõe que o sentido só é apreendido no seu "tratamento" no momento em que o sujeito falante é levado a operar uma transposição de um nível de sentido em direção a outro, sendo, desse modo, que parafrasear constitui um ato produtor.

A concepção transpositiva do sentido é pressuposta por essa abordagem da paráfrase em detrimento da concepção puramente estratificacional do mesmo (Parret, 1988, p. 223). Parret coloca ainda que essa concepção da transposição do sentido é possibilitada, desde que o objeto da semântica seja determinado como sendo o sentido do sentido, ou o sentido enquanto articulação do sentido pela sua apreensão (1988, p. 223).

unesp

A tipologia das transposições é proposta por Parret da seguinte forma: a transposição discursiva, que ocorre através da paráfrase, "é aquela exercida naturalmente e infinitamente pelos discursos, tanto cotidiano como artístico e poético"; a transposição hermenêutica, que ocorre através da interpretação, "é aquela efetuada pelo ato de leitura ou comentário de um texto"; a transposição científica "é a que ocorre através da metalinguagem" (Parret, 1988, p. 224-225).

Algumas diferenciações entre paráfrase, interpretação e metalinguagem, que constituem os tipos de transposição expostas por Parret (1988), são feitas por esse autor que não vê os termos acima como parassinônimos.

A paráfrase é vista como uma operação de tradução intralingüística e como uma expansão que se apóia sobre a propriedade de elasticidade do discurso. Ela é considerada como uma atividade natural onde a semelhança do sentido transposto e do sentido transpositor está mais ou menos intuitivamente posta, sendo a desambigüização de conteúdos semânticos pela referência ao contexto ou à instância da enunciação a motivação do ato de parafrasear.

Contrariamente à paráfrase, Parret afirma, nesse mesmo artigo, que a interpretação (em nível do ato de leitura ou do comentário) não corresponde tanto a uma "resposta" a uma ambigüidade revelada no nível a ser transposta, mas é, de preferência, um esforço de estruturação de uma riqueza inicial e inesgotável, tendo em vista que ela não é nunca fechada, terminada ou auto-suficiente.

unesp

Conforme os estudos da linguagem desenvolvidos pela teoria enunciativa, vemos a interpretação no cerne dessa teoria, assim como o sujeito é visto, pois o ato interpretativo ocorre através das operações mentais do sujeito, reconhecedor de mensagens textuais, envolvendo toda a circunstância de produção discursiva, relação entre os interlocutores, sistemas cognitivos, referenciais, físicos-culturais, etc.

Os interlocutores constroem a significação discursiva a partir de todo domínio nocional que eles têm apreendidos em seus sistemas intelectivos e a partir da colocação adequada desses domínios na construção do discurso, respeitando as regras sintáticas da língua. Tendo em vista que a construção do sentido não só envolve o domínio que o sujeito falante tem sobre as regras da língua, como também toda a articulação entre domínio nocional, sistemas de cognição, referência, instância discursiva, aspectos físico-culturais, a interpretação, obviamente, como coloca Greimas (apud Parret, 1988, p. 225), não pode ser vista como um sistema fechado em si mesmo e auto-suficiente. Ela decorre da inter-relação entre os interlocutores, englobando todos os sistemas acima mencionados nos quais os co-enunciadores estão envolvidos. A interpretação vai ao encontro do sentido produzido, numa tentativa de decifrá-lo. Mas na identificação do significado textual, por mais facilidade de reconhecimento do significado que o texto possa apresentar, nunca deixamos de fazer um trabalho de interpretação, por mais simples que ela pareça ser, tendo em vista a influência de todos esses sistemas no processo de construção e reconhecimento da significação.

unesp

É nesse sentido que havíamos dito anteriormente que "sentido e interpretação" não deveriam ser considerados separadamente, visto que esta última depende diretamente da referência; lembrando que, na semântica formal, sentido e referência não se separam, sentido e interpretação também não devem se separar.

A metalinguagem, segundo Parret (1988, p. 225-226), contrariamente à interpretação, constitui necessariamente um último julgamento, o qual estabelece um sentido transposto - a linguagem-objeto - no nível transpositor como definitiva e completamente reconstruída, sendo ela necessária para a "vocação-científica".

É dessa forma que os termos paráfrase, interpretação e metalinguagem não são vistos por Parret (como são para muitos outros autores) como parassinônimos.

Parece-nos que essa consideração de Parret não é adequada, se partirmos de um estudo da linguagem elaborado pela teoria enunciativa; para esse autor, os termos acima - paráfrase, interpretação e metalinguagem - parecem ter uma dissociação, ou seja, parecem constituir atividades que ocorrem separadamente umas das outras.

A atividade parafrástica consiste na construção ou reconhecimento de paráfrases, ou seja, na reprodução ou reconhecimento de textos que mantêm semelhanças de significação.

Tanto a atividade de reprodução com o objetivo de reconstrução de um significado semelhante ou o reconhecimento da significação de um texto requerem a interpretação por parte do redator ou leitor do texto. Para se

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

parafrasear, o co-enunciador tem que, necessariamente, reconhecer o sentido textual através da interpretação, mantendo uma relação direta com o produtor do texto original envolvendo todos os esquemas semânticos que constituem a semântica formal, já expostos no capítulo 1. O mesmo acontece no reconhecimento ou identificação de paráfrases. Essas duas atividades estão voltadas à questão do sentido, onde a produção ou reprodução do mesmo, num discurso, depende, como já dissemos, em 1.4 do capítulo anterior, das relações intersubjetivas entre os enunciadores, dependendo do sistema referencial entre os interlocutores.

Portanto, como a paráfrase está voltada à questão do sentido, e este não deve ser dissociado da referência, segundo a semântica formal adotada por Culioli, ela não deve tampouco estar separada da interpretação, como colocamos acima. Dessa forma, vemos a paráfrase estritamente imbricada à questão do sentido e também à questão da interpretação, não sendo conveniente uma separação entre elas.

A metalinguagem também é um ponto a ser aqui reconsiderado. Um enunciador pode construir um texto com marcas de metalinguagem com uma maior estabilidade significativa, fazendo com que seja evitada, o máximo possível, a pluralidade de sentido, sendo esta uma das principais exigências dos discursos técnicos ou científicos.

Como expusemos anteriormente, Parret coloca a metalinguagem constituindo necessariamente um último julgamento, o qual estabelece um sentido transposto - a linguagem-objeto - no nível transpositor como definitivo e completamente reconstruído.

unesp

A nosso ver, falar em último julgamento em termos de linguagem, estabelecendo um sentido transposto, numa linguagem objeto, completamente reconstruído e definitivo é ir contra a própria natureza da linguagem, inerente ao ser humano, não devendo ser ela considerada como um objeto ou instrumento, como já vimos no capítulo 1; o fato da atividade da linguagem estar na natureza do homem, e por essa natureza conter tanta complexidade como as operações mentais, por exemplo, e delas serem resultantes os sistemas de comunicação, seria incabível falar em sentido definitivo. Estaríamos assim, desconsiderando, na produção do texto metalingüístico, todos os sistemas de cognição, referência, interpretação, e deixando de lado as categorias enunciativas constituídas pela intersubjetividade que se dá pela relação entre os locutores num determinado tempo e espaço (que corresponde à instância discursiva), contendo ainda, nesse texto, a modalização que é única em decorrência do ineditismo de cada instante enunciativo, requerendo sempre uma interpretação por parte do co-enunciador.

Os chamados "textos objetivos" ou "textos informacionais", por mais objetivo ou informacional que pareçam ser, constituem uma atividade de linguagem que engloba toda complexidade das operações mentais e das circunstâncias enunciativas, das quais dependem a produção ou reconhecimento do seu sentido.

A chamada "objetividade" inserida num discurso (que, para nós, corresponde a uma maior estabilidade na produção do sentido do texto, tendendo a evitar a plurissignificação discursiva), nunca está livre de todo o

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

processo de construção ou reconhecimento da significação, contido nos mecanismos da comunicação.

Logo, seria ambíguo falarmos em "objetividade", ou ainda, em "sentido denotativo do texto", visto que o sujeito está inserido em toda atividade comunicativa, engajando toda a complexidade das operações mentais.

2.2.2. A natureza metalingüística da paráfrase

No ato do parafraseamento, o sujeito, na tentativa de reproduzir a significação de um texto através da reprodução de seu discurso, não só volta toda a sua atenção para o texto original, procurando assimilar e acomodar todo o seu sentido, como também atenta para os aspectos gramaticais e lexicais da língua.

Ao procurar reproduzir o sentido, trocando palavras, modulando seu discurso de modo diferenciado do texto original, ou ainda ao comparar e analisar textos reconhecendo a paráfrase nos mesmos, o indivíduo já se encontra envolvido por toda a natureza criativa da linguagem.

A modulação de um discurso muitas vezes pode ser feita de maneira natural, quase que automática, sem uma maior observação voltada aos efeitos de sentido que a forma modal possa produzir. Mas o ato parafrástico, tanto de reconstrução do sentido como de reconhecimento de paráfrases, consiste numa maior observação, tanto do esquema semântico como do esquema sintático do idioma.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Essa própria observação ou atenção voltada aos aspectos lingüísticos já remete a uma atividade metalingüística.

Essa seria uma visão mais flexível em relação à atividade metalingüística da qual muitos autores são adeptos; ela deixaria, então, de ser vista como uma atividade fechada em si mesma (voltada fundamentalmente à linguagem científica).

Vignaux (1988, p. 93), por exemplo, assim se refere à metalinguagem:

> *A metalinguagem é a língua de uso(...) A linguagem é uma atividade que supõe, ela mesma, uma atividade perpétua epilingüística (definida como "atividade metalingüística não consciente"), assim como uma relação entre um modelo (a competência, isto é, a apropriação e o domínio adquirido de um sistema de regras sobre unidades) e sua realização (a performance) da qual temos a marca fônica ou gráfica dos textos.*

Entendemos com isso que a metalinguagem se encontra na atividade da linguagem, mesmo que de modo inconsciente, adquirindo, então, o conceito de atividade epilingüística.

Voltando à teoria enunciativa onde o sujeito é colocado no seu cerne, vimos que o enunciador nunca produz um enunciado sem ter uma expectativa ou uma intenção em relação ao seu co-enunciador. A partir daí, ele faz a modulação de seu enunciado, sendo que, muitas vezes, principalmente dependendo da situação do discurso, pode fazê-lo quase que automaticamente ou então, fazê-lo com maiores cuidados, atentando para o aspecto significativo do texto a ser produzido. Mas mesmo que a modulação aconteça de forma "quase automática", o enunciador precisa ter, pelo menos, um mínimo de conhecimento ou domínio sobre a língua que utiliza. A

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

colocação em ordem das palavras, no plano sintático, através das diversas possibilidades de modulações, contendo sua carga significativa, ocorre através das operações mentais do indivíduo, exigindo, naturalmente, uma certa atenção voltada às possibilidades de construção do discurso.

Na medida em que essa atenção vai tomando maiores proporções, conforme as exigências da instância discursiva e a capacidade de produção discursiva por parte do enunciador, passamos para uma atividade metalingüística.

Na produção do texto escrito, por exemplo, essa atividade, geralmente, é mais aguçada, visto que ele exige um maior cuidado em relação às regras gramaticais e sintáticas, havendo ainda a possibilidade do escritor voltar à leitura de seu texto através de uma análise mais consciente ou de uma atenção maior às questões lingüísticas.

A paráfrase, como já dissemos, exige uma atenção que se volta ao significado do texto a ser reconstruído, à modulação utilizada pelo enunciador, ou ainda para toda a complexidade discursiva que envolve os textos comparados que tendem ou não a serem reconhecidos como paráfrase.

Através da consideração de que a metalinguagem é a própria atividade de observação ou atenção voltada aos dados da língua, feita pelos indivíduos falantes, aceitamos a hipótese colocada por Fuchs (1982), em que considera que a atividade da paráfrase é de natureza metalingüística, através da seguinte observação:

> *... a atividade de parafrasear... consiste em identificar os semantemas respectivos das duas seqüências comparadas, e esta identificação*

unesp

> *constitui um julgamento sobre as seqüências efetuadas pelo sujeito falante em situação* (Fuchs, 1982, p. 89).

A metalinguagem, então, consiste, nesse caso, num julgamento que ocorre através de comparações entre os semantemas dos enunciados, que levam à identificação e à assimilação de que o conteúdo semântico de um texto equivale ao conteúdo semântico de outro texto.

> *Julgar que o semantema de x e aquele de y são assimiláveis constitui uma operação que depende da atividade metalingüística, da mesma maneira que julgar que x é uma frase bem formada da língua, ou que x comporta cinco letras. Esta operação metalingüística fica, em muitos casos, implícita. Mas em certas situações, ela pode achar-se verbaliza da; exemplos: o que significa x, é a mesma coisa que significa y, ou ainda: O que eu queria dizer dizendo x, é que y* (Fuchs, 1982, p. 90).

Dessa forma, assim como consideramos que a paráfrase está estritamente ligada à interpretação, consideramos que ela também está estritamente ligada à questão da metalinguagem, não devendo haver, portanto, separação entre elas, visto que a atividade de uma contribui para a atividade da outra, sendo todas elas constitutivas da linguagem.

Assim, através do julgamento de natureza metalingüística, passando pela atividade interpretativa, direcionamo-nos ao estabelecimento de uma relação de identificação (Fuchs, 1982, p. 101), que constitui a atividade parafrástica.

2.2.3. A equivalência semântica e a semelhança pragmática

As operações de derivação parafrástica, em conformidade com o modelo de Culioli sobre o processo enunciativo, ocorrem no nível da

unesp

enunciação, a partir do esquema de "lexis", que apresenta um molde com três lugares, sendo um predicado e dois argumentos (Cf. 1.7).

É estabelecida, então, a relação predicativa que proporciona várias possibilidades de construção do discurso. Essas possibilidades de construção discursiva são finalmente moduladas pelo enunciador após as devidas ponderações e avaliações subjetivas pré-conscientes/conscientes a serem introjetadas no discurso.

Isso ocorre numa instância discursiva, marcada por um ponto zero do cômputo do tempo, equiparando-se ao ponto axial do presente, sendo este, portanto, coincidente com a instância discursiva do enunciador (Cf. 1.6.2).

Dissemos, em 1.6.2, que esse presente é um momento sempre inédito por ser único e renovado a cada fala do indivíduo.

Se cada fala é renovada em cada momento de enunciação, considerando os efeitos de significação produzidos por uma semântica formal (necessariamente sempre presente em qualquer produção discursiva) que envolve os sujeitos, uma situação de enunciação, valores cognitivos, referenciais, um sentido (que estabelece a relação entre objetos lingüísticos transferindo para objetos extralingüísticos com suas propriedades físico-culturais), podemos afirmar que cada modulação é única e, por mais que as modulações entre enunciados remetam a uma semelhança significativa e por mais semelhantes que elas mesmas sejam, há sempre uma variação, mesmo que seja mínima, do sentido produzido. Para melhor entendermos esta afirmação, atentemos para o fragmento abaixo:

unesp

> *Todo enunciado é sempre, necessariamente, modulado: os enunciadores, não tendo forçosamente as mesmas regras de modulação (A. Culioli entende com isso os deslizamentos metafóricos, as permutações, variações prosódicas, avaliações subjetivas....), a ambigüidade é constitutiva da linguagem* (Fuchs & Le Goffic, 1985, p. 130).

Logo, os itens acima são, seguramente, constitutivos da linguagem, alicerçados por uma semântica formal que coloca o sujeito, as variações de situação discursiva, referencial, etc., no centro da atividade de produção significativa, construindo, obviamente, uma variação de sentido mais ou menos acentuada conforme as situações de discurso.

Das conclusões feitas por Larrivée abarcando os estudos de Fuchs sobre a paráfrase, destacamos o seguinte:

> *O sentido de uma frase é, por assim dizer, o resultado do cálculo do sentido contextual de cada um dos termos que compõem esta frase, operação pela qual cada termo serve de referência para o outro. Portanto, desde que mudemos os termos em questão ou suas relações, de qualquer modo que seja, afetamos o resultado do cálculo em questão, donde segue que duas frases de forma diferente não podem ser perfeitamente equivalentes* (Larrivée, 1996, p. 208).

Ainda, nesse artigo, na dinâmica da significação apresentada por Fuchs, a linguagem está apresentada como um fenômeno intrinsecamente plurívoco:

> *... uma forma pode ter vários sentidos; um sentido pode ser dado por um conjunto de formas; donde vêm a polissemia, a ambigüidade, a paráfrase e a sinonímia* (apud Larrivée, 1996, p. 208).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Dessa forma, a ambigüidade, por exemplo, não poderia deixar de estar ao lado da atividade de parafraseamento, sendo ambas um aspecto natural da atividade linguagística.

Assim, a idéia central da teoria da paráfrase, cujas determinações adequadas da ambigüidade e da paráfrase são consideradas interdependentes, é colocada por Fuchs em seus estudos, havendo um funcionamento dialético entre os termos acima, onde a ambigüidade é definida não em termos de homonímia ou de indeterminação, mas de polissemia, fugindo assim de uma sinonímia-identidade no ato de parafrasear (apud Parret, 1988, p. 241).

A mudança sintática das frases parafraseadas são possibilitadas pelo caráter de elasticidade da língua, pondendo haver o aspecto de ampliação, redução ou deslocamentos nos discursos parafraseados. Esses aspectos podem nos indicar em que pontos dois ou mais enunciados comparados podem se diferir.

Fuchs, em sua obra *La paraphrase* (1982), coloca, a partir da questão da ambigüidade e da polissemia, possibilitadas pela atividade parafrástica, o questionamento de como deveríamos considerar uma paráfrase se as diferentes modulações sobre uma mesma relação predicativa pode automaticamente alterar o sentido, mesmo que sutilmente. Ela coloca ainda a questão sobre qual medida o conteúdo de x pode reencontrar-se em y, e se é possível dizermos a mesma coisa de vários modos.

Dessa forma, identidade de sentido (inserida na corrente sintática - que corresponde a um dos dois grandes tipos de aproximações lingüísticas da



paráfrase expostas por Fuchs (1982) representada pelos transformacionalistas) é refutada em decorrência da paráfrase não poder conter a reprodução de um sentido idêntico ou quase idêntico.

Diante dessa problemática, a autora aponta duas alternativas: ou se abandona a idéia de relação parafrástica em língua, visto que é possível mostrar, na realidade, as diferenças semânticas; ou estimula-se o interesse pela paráfrase, sendo, porém, necessário que a idéia da identidade de sentido seja posta de lado, e seus estudos sejam feitos a partir da análise da paráfrase em termos de semelhança, de proximidade e de equivalência semântica (1982, p. 52).

A paráfrase, então, é colocada em estudo a partir da segunda alternativa pelos detentores da aproximação lingüística mais global da paráfrase (que corresponde à corrente sintático-semântica).

Em um dos fragmentos de Fuchs citados em 2.2.2, há a consideração de que a atividade de parafrasear consiste na identificação dos semantemas respectivos das duas seqüências comparadas.

Essa identificação consistiria, então, na busca das semelhanças secundárias, advindas das diferentes modulações sobre uma relação predicativa.

Vemos, dessa maneira, que a paráfrase está alicerçada no esquema de "lexis" que mantém uma estabilidade semântica através das relações entre os termos que a constituem e, sobre a flexibilidade desse esquema (que constitui as relações predicativas dos enunciados), é que se instauram as diferenças

unesp

semânticas secundárias advindas das diferentes modulações envolvidas com as diferentes situações discursivas.

Justamente com essas diferenciações de sentido é que se estabelece a ambigüidade, e como a paráfrase procura eliminar o máximo possível, em nível de significação, essas diferenças, explica-se, então, o fato de ela ser considerada por Parret como um ato de desambigüização.

Para fazer uma abordagem sobre a semelhança pragmática, temos novamente que voltar a atenção para a questão semântica, a partir do seguinte comentário de Fuchs (1982, p. 16):

> *Para estabelecer a sinonímia entre expressões, precisa, então, levar em consideração não somente a identidade estensional em nível de referência, mas igualmente a identidade intensional em nível do sentido: não basta que as expressões denotem o mesmo objeto ou mesmo estado de coisas (não basta falar da mesma coisa; ainda é preciso que o ponto de vista sobre este referente seja o mesmo, ou comparável (é preciso dizer a mesma coisa, ou coisas próximas).*

Mas pode ocorrer que, por toda complexidade envolvida na produção de sentido já mencionadas na exposição sobre as semânticas, no capítulo anterior, algumas significações parafrásticas podem ser consideradas como semelhantes em algumas situações, assim como podem ser consideradas não semelhantes em outras, dependendo da variabilidade de sentido advinda dos termos utilizados.

A variação do signficado pode advir das mudanças de código que ocorrem, por exemplo, entre o código técnico, literário ou cotidiano. Tomemos como ilustração a substituição entre os termos citados por Parret (1988, p.

unesp

235) - substitui-se "abdômem" por "ventre" ou "barriga", mudando do registro médico para o cotidiano.

Segundo Parret, essa espécie de substituição de termos nas frases não muda evidentemente o valor de verdade dos enunciados, porém, coloca em dúvida que uma tal substituição seja pragmaticamente possível:

> *... a frase parafraseada e a frase parafraseante não podem ser utilizadas num só e mesmo contexto de enunciação. Há restrições específicas para o emprego dos termos, não somente com valor conotativo mas mesmo sinonímico. O mínimo que se pode dizer é que há sempre contextos possíveis onde os dois enunciados não são aceitáveis ao mesmo tempo* (Parret, 1988, p. 235).

Uma relação conflitante em nível dos julgamentos de paráfrase colocados pelos sujeitos é exposta por Fuchs (1982, p. 175): "Uma mesma dupla de expressões será julgada dizer a mesma coisa por uns, e dizer coisas diferentes por outros".

Notamos que a semântica parafrástica deveria ser adequada a uma pragmática inserida num contexto dado entre os interlocutores, porém, pelo que podemos notar através do exposto acima, nem sempre a semântica é adequada à pragmática em vista de toda riqueza, variedade e complexidade da atividade da linguagem.

2.2.4. As estratégias de proximização

As estratégias de proximização nasceram da necessidade de desambigüização entre as paráfrases.

Além da ambigüidade e da polissemia decorrerem da própria característica de elasticidade da língua, envolvendo as várias possibilidades pragmáticas de organização do discurso no plano sintático da mesma, elas ainda decorrem de todo o universo complexo de relações entre fatores referenciais, cognitivos e psicológicos (incluindo as crenças, as aspirações e intenções dos enunciadores) do qual dependem a construção ou reconhecimento do sentido.

O julgamento de identificação das semelhanças e não semelhanças citado anteriormente entre paráfrases se decompõe, segundo Parret (1988, p. 242-243), em três atos: o primeiro, consiste na compreensão do semantismo do primeiro enunciado; o segundo, na autocompreensão ou comprensão do semantismo do segundo enunciado; e o terceiro, consiste no ato de proximização dos dois semantismos, sendo este último, um ato de anulação das diferenças iniciais entre os semantismos do primeiro e do segundo discurso.

Consideramos, dessa forma, que quanto mais o sujeito domina o ato de proximização, maior domínio ele tem sobre a linguagem, devendo ser, certamente, mais acentuada a sua atividade metalingüística (pré-consciente ou consciente), havendo ainda uma maior probabilidade de adequar a prática lingüística da paráfrase - parafráse pragmática - ao universo semântico que envolve essa prática - a semântica parafrástica.

Finalizando nossas considerações sobre a paráfrase através da abordagem deste capítulo, podemos, então, notar a profundidade do assunto em decorrência de toda complexidade que envolve os aspectos da linguagem.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Dissemos que um ato parafrástico pode estar presente em várias situações vivenciadas pelos usuários de uma determinada língua, sendo que o parafraseador pode se deparar com maiores ou menores dificuldades em sua atividade, dependendo das circunstâncias discursivas e da natureza que o texto apresenta. Portanto, com relação aos termos - transposição, metalinguagem e proximização -, propomos que eles não sejam vistos ou considerados separadamente, sendo a dissociação dos mesmos, inconveniente para uma observação satisfatória dos mecanismos da atividade de parafrasear.

Consideramos que o parafraseamento pode estar contido na tradução, e esta, segundo a natureza do seu texto, pode conter um menor ou maior exercício transpositivo, objetivando a transposição do sentido; a metalinguagem que, naturalmente, contém em si uma atenção voltada aos aspectos lingüísticos, também se encontra intrinsecamente ligada ao parafraseamento; quanto à proximização, consideramos ser ela uma atividade metalingüística por buscar a anulação das diferenças iniciais entre os semantismos dos discursos comparados. Observemos que ela decorre da comparação textual, e aí é seguramente provável que se encontre a metalinguagem.

A metalinguagem e proximização também podem estar inseridas na técnica transpositiva.

Portanto, assim como não nos pusemos a favor de uma visão dissociada de paráfrase, interpretação e metalinguagem em 2.2. deste capítulo, considerando que elas, naturalmente, caminham juntas,

unesp

consideramos, também, que transposição, metalinguagem e proximização devam caminhar juntas, sendo elas constitutivas do parafraseamento.

Atentemos, ainda, para a necessidade de se adotar, em termos semânticos, a noção de equivalência semântica devido ao aspecto plurissignificativo da paráfrase, deixando de lado as definições ingênuas do parafraseamento como reconstrução do discurso com o mesmo significado, ou dizer a mesma coisa em outras palavras.

Fizemos opção pelo estudo da atividade parafrástica por possibilitar o desenvolvimento da capacidade comunicativa por parte do enunciador, devendo ela ser calcada, então, numa postura metalingüística de proximização de sentido, objetivando o desenvolvimento do indivíduo enquanto usuário da língua, reconstrutor de semelhanças semânticas que devem ser convenientes a contextos pragmaticamente determinados.

unesp

CAPÍTULO 3
ANÁLISE METALINGÜÍSTICA DE PARÁFRASES EM TEXTOS JORNALÍSTICOS

CAPÍTULO 3
ANÁLISE METALINGÜÍSTICA DE PARÁFRASES EM TEXTOS JORNALÍSTICOS

Diante da complexidade da atividade de linguagem e da observação de diferentes níveis de manipulação da língua por parte de seus usuários, propomos, neste capítulo, desenvolver um trabalho calcado numa atividade natural do processo de comunicação. Referimo-nos à atividade metalingüística de reconhecimento da significação de discursos, possibilitada pelas marcas lingüísticas encontradas nas superfícies dos textos analisados.

O reconhecimento de significação é uma atividade natural do processo de comunicação, porém, muitas vezes, complexo. Nesse sentido, optamos pelo desenvolvimento de um trabalho voltado à metalinguagem e ao reconhecimento de paráfrases, visando a alcançar alguns recursos que possam proporcionar uma maior facilidade no reconhecimento da significação textual.

Optamos pelo trabalho de análise comparativa de textos jornalísticos com o objetivo de desenvolver uma atividade embasada no reconhecimento de textos parafrásticos, atentando para as semelhanças de sentido, para as atividades de transposição e de proximização.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Retomando as considerações do capítulo anterior, as atividades acima - paráfrase, transposição e proximização - devem caminhar juntas e não devem, tampouco, ser dissociadas da metalinguagem.

Acreditamos que o estudo calcado nas atividades acima, naturais do processo de comunicação, pode proporcionar o desenvolvimento lingüístico do indivíduo enunciador ou co-enunciador (em termos de leitura ou produção textual).

A nosso ver, o enunciador melhor produzirá seu discurso se for capaz de fazer uma boa leitura de textos diversos. O sucesso do ato de ler pode ser facilitado pelo reconhecimento das marcas lingüísticas contidas na superfície das frases. Assim, uma vez que ele consiga melhor reconhecer essas marcas, poderá produzir seus discursos de maneira mais segura, visando a alcançar seus objetivos em relação ao seu co-enunciador.

Fizemos a escolha de textos jornalísticos para este estudo em decorrência da natureza desses textos apresentar uma maior facilidade no reconhecimento da significação devido à construção das frases (contendo o predomínio da ordem direta) e devido à escolha de semantismos que proporcionam menos divagações interpretativas. O reconhecimento do sentido, então, é mais facilitado, assim como é mais facilitado o reconhecimento de paráfrases, tendo em vista que os textos de jornais e revistas são produzidos sobre um mesmo fato, situado num determinado tempo e espaço, com suas marcas físico-culturais.

O redator faz a reconstrução do acontecimento calcada em dados por ele coletados, deixando, por sua vez, marcas de sua subjetividade na

unesp

produção do discurso; a subjetividade também se enconta no ato de leitura do co-enunciador, que faz uso de seu sistema de cognição e referência para reconhecer o significado textual. Desse modo, ocorre a impossibilidade de uma total objetividade em textos jornalísticos, assim como em qualquer outro tipo de texto, conforme já havíamos colocado no capítulo anterior.

Podemos, também, verificar com mais facilidade, através das análises comparativas desses discursos, o jogo de semelhanças e diferenças de sentido, assim como a identidade e a não-identidade de informação; essa verificação facilita o reconhecimento das transposições significativas, das ambigüidades, das semelhanças e proximizações de significações.

Consideramos que o reconhecimento de paráfrases em textos proporciona uma maior conscientização dos dados da língua por parte do sujeito falante. Dessa forma, propusemo-nos desenvolver uma atividade de análise comparativa de discursos jornalísticos, procurando identificar paráfrases, atentando para as marcas lingüísticas na superfície dos textos, embasando-nos, fundamentalmente, nos estudos de Culioli, sobre as operações enunciativas.

3.1. O nível interpretativo voltado a textos jornalísticos

O tema desenvolvido em textos considerados parafrásticos não têm, necessariamente, a mesma extensão. Na observação de paráfrases textuais podem ser observadas a ampliação ou a diminuição do produto final de um texto em relação ao outro. Há, também, a possibilidade de deslocamentos de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

palavras nas frases, como ocorre, por exemplo, na passagem do discurso direto para o indireto e vice-versa, alterando, naturalmente, a modulação da frase; o deslocamento pode ocorrer, ainda, na colocação das frases dentro de um discurso. Como exemplo, podemos citar um enunciado de um determinado texto que contenha um dado importante, sendo colocado no início do primeiro parágrafo; esse mesmo enunciado pode ser, em um texto parafraseado, colocada em outros parágrafos, ou ainda, no final do primeiro.

No ato do reconhecimento de paráfrases, o sujeito tende a julgar os semantismos de uma expressão X identificáveis com os semantismos de uma expressão Y.

Quanto ao estabelecimento de uma relação parafrástica por parte do leitor, Fuchs (1982, p. 125) considera o seguinte:

> *... para estabelecer uma relação de paráfrase entre X e Y, o sujeito procede, espontaneamente, de um certo número de reduções a partir de sua situação enunciativa de sujeito parafraseador. Essas reduções consistem em uma tríplice série de anulações: as duas primeiras são constitutivas do processo de interpretação, isto é, da reconstrução dos semantismos de X e Y, a terceira é constitutiva do processo de comparação - identificação desses semantismos.*

As anulações advindas do processo de interpretação concernem à anulação da distância entre o conjunto de semantismos produzidos e reproduzidos nos textos de origem, no texto parafraseado e no momento do reconhecimento de significação entre esses textos por parte do leitor (Cf. Fuchs, 1982, p. 126).

unesp

Com relação à anulação advinda da atividade de comparação-identificação, Fuchs (1982. p. 126) coloca que:

> *Por ocasião da comparação-identificação, dos semantismos assim associados a X e Y, o sujeito procede a uma terceira série de anulações: aquela das diferenças que distinguem, necessariamente, X e Y; faz como se esses semantismos fossem idênticos, negligenciando as diferenças que, em situação, não retêm sua atenção: ele transforma uma equivalência (isto é, uma relação feita de semelhanças, de similitudes - o semelhante - e de diferenças - o "não semelhante") em uma identificação (que conserva só o "semelhante").*

Podemos notar, através dessas elucidações, que para o leitor estabelecer uma relação de paráfrase, ele deve procurar buscar as semelhanças entre os textos comparados, e não uma igualdade significativa entre os mesmos.

Portanto, faremos uma análise de discursos de jornais e revistas, cuja produção discursiva é feita a partir do mesmo evento extralingüístico, procurando fazer as reduções, mencionadas por Fuchs, para o estabelecimento de uma relação de paráfrase entre os textos. Devemos, dessa forma, levar em conta a preocupação do enunciador em produzir textos que pareçam verossimilhantes, transmitindo a maior credibilidade possível em relação aos fatos enunciados.

A preocupação com as marcas textuais que transmitam essa credibilidade ao leitor em relação aos fatos narrados é, por parte do jornalista, bastante aguçada, fazendo com que ele se utilize de um maior número de informações convergentes.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Notamos, porém, um jogo de semelhanças e diferenças, nesses textos, que podem ser produzidos por fatores diversos. A construção do discurso jornalístico é a representação de fatos reais situados num determinado espaço físico-cultural. Na construção da representação ou reconstrução dos acontecimentos através dos discursos, está contida a subjetividade do locutor, visto que cada discurso passa pelo filtro mental de cada enunciador, no momento da enunciação. Assim, são colocados, no plano do discurso, seus valores, intenções, etc., mesmo que de modo sutil.

Todo universo nocional contido no universo mental do homem, construído a partir do sistema cognitivo e referencial, e a partir de fatores físico-culturais (que variam de indivíduo para indivíduo), é colocado em ação na estruturação que o sujeito faz do real.

O processo de leitura, sendo uma reconstrução do sentido produzido no texto, depende, igualmente, do universo nocional, assim como dos sistemas de referência e cognição; dessa forma, pode ocorrer uma variabilidade de interpretações possíveis pelo receptor.

Fuchs (1982, p. 128) faz uma abordagem sobre os níveis de interpretação e coloca que, no ato de leitura, o sujeito retém um ou outro nível de interpretação em função de todos os tipos de determinações extralingüísticas, de sua situação, e do contexto extralingüístico. Ela coloca, ainda, que os níveis possíveis de interpretação se encadeiam uns aos outros de modo contínuo, indo do mais lingüístico (isto é, ligado às formas) ao menos literal (isto é, ligado à interpretação mais livre). Desse modo, a autora distingue quatro planos, que, segundo ela, constituem patamares neste *continuum*

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

interpretativo, sendo respectivamente denominados: plano locutivo, plano referencial, plano pragmático e plano simbólico.

Como nosso trabalho é voltado aos discursos jornalísticos, consideramos que o plano de interpretação mais solicitado é o plano locutivo.

Fuchs (1982, p. 128) explica esse plano da seguinte forma:

> *No plano locutivo, a interpretação visa a restituir o que a seqüência quer dizer literalmente; trata-se de uma decodificação - **"décodage"** - que se funde sobre o sentido dito lingüístico. O que os lingüistas estudaram sob o nome de "paráfrase lingüística", é o caso onde as seqüências X e Y são interpretadas no plano locutivo, isto é, onde Y reformula de modo literal, o sentido literal de X (...) Exemplos: O homem entrou; ele usava chapéu / O homem, que entrou, usava um chapéu / É o homem que entrou; ele usava um chapéu / Aquele que usava um chapéu, é o homem, e ele entrou / Tem o homem, que usava um chapéu: é ele que entrou, etc.*

Muito embora esse plano seja o mais solicitado na leitura de textos jornalísticos, não devemos tê-lo como um plano onde a interpretação acontece de maneira autônoma, sem depender de valores referenciais (de tempo, aspecto, de modalidade, de determinação, etc.).

Dessa maneira, concordamos com Fuchs (1982, p. 128) ao observar que, se integrarmos ao plano locutivo as variações devido às operações enunciativas, o campo dos fenômenos levantados nesse plano pode ser bastante alargado.

Segundo os estudos de Fuchs (1982, p. 127 - 130), o plano referencial, contrariamante ao plano anterior, contém uma interpretação que se funde sobre a parte não codificada dos semantismos referenciais. Ex. "João foi à capital do estado no mês passado", interpretado da seguinte maneira: "João foi



a São Paulo em maio". Nesse caso, os semantismos referenciais não codificados são "capital do estado" e "mês passado", que devem ser decodificados como "São Paulo" e "maio", levando-se em conta a situação enunciativa, que acontece em um espaço físico-temporal.

No plano pragmático, a interpretação acontece através da assimilação de uma certa intencionalidade enunciativa por parte do locutor. Essa intencionalidade locutiva pode estar centrada no desejo de uma ação-resposta por parte do co-enunciador, ou no desejo de que o co-enunciador assimile algo que tenha sido dito através de "arranjos" enunciativos encaixados em determinadas situações, satisfazendo às intenções do enunciador. Por exemplo: alguém, no meio de um conversa, diz: "Estou com muito sono", tendo o desejo de que o seu co-enunciador pare de falar: "Maria sugeriu que ele viesse à festa", tendo o desejo de que o co-enunciador saiba que a pessoa veio à festa devido ao convite de Maria.

No nível simbólico, temos como exemplos, a análise das chamadas figuras de estilo (metáforas, metonímia, litote, hipérbole, etc.) e gêneros literários (parábola, alegoria, etc.), onde o enunciador pode utilizar-se da analogia entre os termos ou expressões, podendo haver marcas de uma "simbologia" contida na construção discursiva, sobre a qual o co-enunciador faz sua interpretação.

Consideramos que o nosso nível de interpretação fica, então, sobre o plano locutivo por se tratar de textos jornalísticos, não devendo nos esquecer de considerarmos os aspectos da semântica formal abordada por Culioli, já exposta em 1.4. deste trabalho. Não queremos dizer, contudo, que outros

unesp

níveis interpretativos não possam fazer parte da leitura de textos de jornais, tendo em vista que os dados factuais são representados pelo enunciador, que pode escolher construções que exijam um nível diferente de interpretação.

3.2. Análise do grupo de textos jornalísticos: as chacinas de 9 de maio de 1998

A busca de informações a partir do ponto de referência entre enunciador e o contexto extralingüístico na construção do discurso jornalístico traz, em si, uma preocupação com a veracidade dos fatos.

Como dissemos anteriormente, o enunciador sempre busca utilizar-se de um maior número de informações convergentes. As divergências, porém, podem ser decorrentes da subjetividade enunciativa no ato da produção textual, assim como podem ser decorrentes das diferentes visões da realidade (retidas pelo enunciador ou pelas fontes de informação da qual se utiliza).

Embora os textos relatem um mesmo evento extralingüístico, notamos, na diferença de extensão entre um discurso e outro, certos dados valorizados por um e certos dados não mencionados por outro. Isso mostra certas preocupações, ou a atenção voltada a esses dados por parte do locutor. Este pode deixar, ainda, as marcas de seus valores ou modo de pensar sobre certas questões.

3.2.1. Levantamento dos dados factuais do primeiro grupo de textos

Nossa primeira análise será centrada em textos retirados dos jornais: *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e *Notícias Populares*.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Escolhemos o tema policial da chacina ocorrida na Grande São Paulo, em 9 de maio de 1998, atentando para o fato de que o texto contido no primeiro jornal citado, que fala a respeito desse tema, foi desenvolvido a partir dos dados informativos coletados pelo jornal *Notícias Populares*, sendo essa informação colocada logo abaixo da manchete da *Folha de São Paulo*, demonstrada no quadro a seguir:

VIOLÊNCIA *Todos os crimes ocorreram sábado*

Onze morrem em três chacinas em SP

do "Notícias Populares"

(...)

Dessa forma, a produção parafrástica fica evidente na *Folha*, onde podemos observar mais atentamente as questões da transposição, da semelhança significativa e da proximização.

Na observação dos dados dos três jornais, verificamos pontos convergentes e divergentes com relação ao conteúdo informativo. Dentre as convergências, podemos encontrar nuanças entre as informações sobre as quais voltaremos nossa atenção, numa atividade metalingüística de reconhecimento da transposição de conteúdo, da semelhança de sentido e da atividade de proximização.

Notamos que há um predomínio dos mesmos dados contidos nos três textos, havendo uma queda na constatação de dados contidos em dois textos;

unesp

observamos, ainda, que os dados exclusivos detectados na comparação dos três jornais aparecem, em uma maior proporção n'*O Estado de São Paulo*; em *Notícias Populares*, aparecem alguns, e, na *Folha de São Paulo*, não observamos nenhum dado exclusivo, tendo em vista que eles foram retirados do *Notícias Populares*, como expusemos anteriormente.

Os três jornais apresentam o número de chacinas ocorridas na Grande São Paulo, no ano de 1998, dando ênfase às chacinas ocorridas em 9 de maio. Eles trazem:

- o local, o dia e o horário dos assassinatos;
- o traje dos criminosos da última chacina;
- a ação desses assassinos;
- a arma por eles utilizada;
- o número de mortos;
- a fuga dos últimos assassinos;
- a identificação das vítimas.

Tentaremos demonstrar, no quadro abaixo, a maneira como esses conteúdos foram marcados nos textos.

Quadro 1 - *Convergência de dados nos três jornais*

DADOS	FOLHA DE SÃO PAULO	O ESTADO DE SÃO PAULO	NOTÍCIAS POPULARES
Número de chacinas no ano	*... a 38ª chacina do ano na grande São Paulo...*	*... essa foi a 37ª chacina do ano na grande São Paulo.*	*Desde o início do ano já aconteceram 38 matanças nessa região.*
Ênfase nas chacinas de 09/05/98	*Onze pessoas foram assassinadas em três chacinas no sábado na Grande São Paulo.*	*Num período de 17 h, apenas no sábado, ocorreram duas chacinas na região metropolitana.*	*Essa foi a terceira chacina registrada pela polícia apenas no sábado na Grande São Paulo.*

Quadro 1 – *Convergência de dados nos três jornais*

(continuação)

Local dos assassinatos	*Grande São Paulo: zona leste de São Paulo e em Guarulhos;* *no Jardim Primavara (zona leste);* *bar;* *Vila Prudente (zona sudeste de São Paulo)*	*...bar da Rua Chiquinha Gonzaga, no Jardim Primavera, zona leste da cidade.* *... Grande São Paulo* *... Região metropolitana;* *... em Guarulhos...* *barraco na Favela das Malvinas, na periferia da cidade.*	*... um boteco...* *...Jardim Primavera (zona leste);* *Grande São Paulo;* *... em frente a uma espécie de "sacolão" do crack, na favela das Malvinas, em Guarulhos (Grande São Paulo).* *... av. Francisco Mesquita, favela da Vila Prudente...* *... bar da rua Chiquinha Gonzaga.*
O dia e o horário	*... no sábado...* *... ocorreu às 22h 50;* *As outras duas ocorreram pela manhã.*	*... fim da noite de anteontem...* *Eram 22h 50 quando...* *... no sábado...* *... por volta das 5 horas...*	*... sábado, à noite...* *... foi às 5h 05 da madrugada...* *... às 6h 30 da manhã...* *... sábado à tarde...*
Os trajes dos criminonosos	*Quatro homens encapuzados...*	*...quatro homens encapuzados e fortemente ardos...*	*... quatro homens encapuzados.*
O modo de ação do assassinos	*Quatro homens encapuzados invadiram um bar e mataram a tiros três fregueses.* *Depois de constatarem que as vítimas estavam mortas, eles fugiram.*	*... quatro homens encapuzados e fortemente armados, que chegaram ao local em um Opala preto, pararam na frante do bar e começaram a atirar. Depois ,fugiram, sem que ninguém conseguisse anotar a placa do veículo.*	*Quatro homens encapuzados invadiram um boteco, sábado à noite, e executaram friamente três fregueses.*
Número de mortos	*Onze pessoas foram assassinadas ...*	*Três pessoas foram assassinadas (...) onde cinco pessoas foram mortas com vários tiros.*	*... executaram friamente três fregueses (...)* *Foram 11 mortos.* *Lá, cinco pessoas (três homens e duas mulheres) foram mortas a tiros.* *... matou três homens desconhecidos.*

Quadro 1 - *Convergência de dados nos três jornais*

(continuação)

Fuga dos assassinos	*Depois de constatarem que as vítimas estavam mortas, eles fugiram.*	*Depois fugiram, sem que ninguém conseguisse anotar a placa do veículo.*	*... os encapuzados fugiram num Opala preto...*
A identificação das vítimas	*A polícia identificou as vítimas como sendo Nonato dos Reis, 36, Luiz Augusto Alves de Lima, 34 e Luís Augusto da Silva, 36.*	*Na chacina, morreram o mecânico Nonato dos Reis Laranja, de 34 anos, o cozinheiro Luís Augusto Alves Lima, de 34, e o operário Carlos Augusto da Silva, de 36.*	*O crime do Jardim Primavera aconteceu quando Nonato dos Reis, 36 anos, Luís Augusto Alves de Lima, 34, e Luís Augusto da Silva, 36, estavam bebendo cerveja e cachaça num bar da rua Chiquinha Gonzaga.*

Através da comparação das marcas textuais dos discursos do quadro acima, percebemos um forte ponto de convergência através das identidades informativas contidas nesses textos. Esse quadro torna-se, então, um importante guia para o reconhecimento de paráfrases, a partir do qual procuramos organizar a atividade do reconhecimento das proximizações de conteúdo.

Quanto ao número de dados encontrados em dois jornais, podemos citar: o local do morticínio (colocado de maneira mais detalhada pel'*O Estado de São Paulo*) e o horário, o local e o número de mortos da primeira chacina

(também mais especificados no *Notícias Populares*); podemos perceber, ainda, nesses dois jornais, o dado que revela sobre o veículo que os criminosos da última matança usaram para chegar ao local do crime e sobre o que as vítimas faziam no local.

A identificação de dados presentes na *Folha* e no *Notícias Populares* refere-se, apenas, à atenção voltada ao número de mortos das três chacinas ocorridas na Grande São Paulo, em 9 de maio de 1998. Com relação aos dados contidos na *Folha* e n'*O Estado de São Paulo*, apontamos a convergência no horário específico exposto por esses jornais, sendo que o *Notícias Populares* aponta esse dado de maneira menos específica.

A *Folha de São Paulo* é a que menos coloca dados que coincidam, exclusivamente, entre ela e um segundo jornal. A grande maioria de seus dados encontra-se, também nos outros dois jornais. Percebemos que isso é decorrente da redução do seu texto, que abarca tais acontecimentos, podendo ser, o discurso da *Folha*, considerado como um resumo dos outros dois. Devemos atentar, também, para o fato de que ela se utiliza da fonte informativa de outro jornal (*o Notícias Populares*).

Os dados acima muito nos ajudam no reconhecimento da transposição e proximização de conteúdo; esses dados fazem parte do corpo significativo dos discursos analisados.

Partiremos agora para a exposição de alguns dados exclusivos contidos nos textos e, em seguida, para os pontos divergentes encontrados entre eles através do quadro abaixo:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Quadro 2 - *Dados exclusivos*

DADOS	*FOLHA DE SÃO PAULO*	*O ESTADO DE SÃO PAULO*	*NOTÍCIAS POPULARES*
Números de mortes e feridos, em 1998, em decorrência desses tipos de crimes (chacinas)		*Nesses crimes, em 1998, já morreram 132 pessoas e 20 ficaram feridas.*	
Socorro prestado pela polícia, e local de atendimento às vítimas		***Socorro -** A Polícia Militar foi chamada e as vítimas ainda chegaram a ser socorridas no Pronto Socorro do Jardim Iva, na zona leste, mas não resistiram aos ferimentos.*	
Local do registro do úlmo crime		*O caso foi registrado no 41º Distrito Policial, na Vila Rica, zona leste de São Paulo.*	
Falta de pistas pela polícia		*Os policiais, por enquanto, não têm pistas sobre o motivo ou os autores dos assassinatos.*	
A falta de identificação dos criminosos e a suspeita da polícia em relação ao motivo da primeira chacina		*A polícia ainda não identificou os autores dos assassinatos, mas suspeita que o crime foi resultado de dívida com traficantes.*	
A profissão das vítimas		*Na chacina, morreram o mecânico Nonato (...) o cozinheiro Luís (...) e o operário Carlos...*	

Quadro 2 - *dados exclusivos*

(continuação)

Identificação de homens e mulheres no crime das Malvinas, num Voyage			*Lá, cinco pessoas (três homens e duas mulheres) foram mortos a tiros num voyage.*
Horário e local da segunda chacina			*A segunda chacina rolou às 6h 30 da manhã, na av. Francisco Mesquita, favela da Vila Prudente.*
Autores e número de mortos da segunda chacina			*...gangue ainda não identificada matou três homens desconhecidos.*
Dados da ação dos criminosos do último morticínio, marcando a premeditação e intencionalidade dos mesmos			*A quadrilha encaminhou na direção dos três amigos e os executaram (...) Depois que viram os três caírem mortos (...) os encapuzados fugiram...*
Outras informações		*De acordo com informações do Departamento de Homicídio e Proteção a Pessoa (DHPP), dos 37 crimes do gênero ocorridos neste ano, 14 casos foram esclarecidos sendo que 10 aconteceram na capital e 4 no restante da Grande São Paulo. Entre os principais motivos para tantos assassinos, estariam dívidas com drogas e vingança.* *Durante o ano passado, foram registradas*	***Matança em Guarulhos*** *Um suspeito de ter cometido a matança de Guarulhos, Cláudio Ivan da Silva, 20 anos, morreu no sábado à tarde.* *A polícia recebeu denúncia de que o rapaz, conhecido por "Tava", seria um dos autores do crime e foi atrás dele. Ele teria ameaçado Kátia*

Quadro 2 - *Dados exclusivos*

(continuação)

		47 chacinas na região metropolitana, com um saldo de 162 mortos. Desses casos, 23 foram esclarecidos pela polícia. Este ano, em quatro meses e dez dias, o total de assassinatos desse tipo, nos quais mais de duas pessoas são mortas, já atingiu 78,7% dos crimes ocorridos nos 12 meses de 1997.	*Oliveira de Lima,16, uma das vítimas da chacina.* *Quando Tava percebeu a aproximação dos tiras, teria saído correndo com uma espingarda calibre 12 na mão.* *Segundo a versão da polícia, Tava teria pulado um muro na fuga e a arma acabou disparando bem em direção a sua cabeça. Ele morreu na hora.*

Embora os textos tragam uma semelhança de conteúdo bastante aguçada como pudemos perceber através do quadro 1, algumas divergências foram observadas no levantamento dos dados trazidos por esses discursos.

Citaremos, rapidamente, alguns deles, mas não nos esquecendo, porém, que a fonte de informação da *Folha* é a mesma do *Notícias Populares*, como já esclarecemos no início deste capítulo.

Algumas dessas divergências podem ser decorrentes das informações advindas de diferentes fontes. Outras podem ser decorrentes do horário em que os dados foram coletados. Como exemplo, podemos citar o dado que se refere ao número de chacinas do ano, apontado pelos jornais. O número de chacinas colocado pela *Folha* e *Notícias Populares*, totalizando 38, se difere do número de morticínios trazido pel'*O Estado de São Paulo*, que totaliza 37.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Temos, então, uma divergência de informação: se atentarmos, ainda, para o número de mortos apontados pelos jornais, também perceberemos uma divergência, onde a *Folha* e *Notícias Populares* trazem onze mortes ocorridas em 9 de maio, sendo que *O Estado de São Paulo* traz um total de oito mortes, se analisarmos os fragmentos: "Três pessoas foram assassinadas com vários tiros no fim da noite de anteontem (...) onde cinco pessoas foram mortas". Notamos que esse dado é colocado paulatinamente no decorrer do discurso.

Voltando a atenção ao texto d'*O Estado de São Paulo*, parece-nos que esse jornal noticiou a matéria antes do acontecimento da última matança, ou antes do conhecimento desse fato, por parte do jornal.

Na leitura, observamos, ainda, alguns pontos contraditórios em relação ao local onde as vítimas do último assassinato se encontravam, marcados pelos indícios de que os assassinos tivessem adentrado ou não o bar. Por exemplo, podemos notar que na *Folha* e no *Notícias Populares* há a informação de que "quatro homens encapuzados invadiram um bar ou um boteco"; o outro jornal, *O Estado de São Paulo*, traz que "quatro homens encapuzados (...) pararam na frente do bar e começaram a atirar."

Outras pequenas divergências ainda podem ser identificadas através da análise comparativa dos textos, como por exemplo, as divergências quanto à idade e nome das vítimas encontradas entre *O Estado de São Paulo* e os outros dois jornais.

Essas divergências, porém, não afetam a semelhança de conteúdo que observamos entre os textos analisados. Sendo assim, voltaremos nossa atenção aos dados que fazem com que haja uma relação parafrástica entre os

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

discursos jornalísticos. Portanto, nossa preocupação estará mais voltada à questão de efeitos semânticos construídos pelo enunciador, tendo em vista que a paráfrase tem a reconstrução ou reconhecimento de sentidos semelhantes, como fundamento de sua atividade.

3.2.2. A relação predicativa e a derivação parafrástica – 1ª análise

Fizemos a fragmentação dos textos através dos quadros 1 e 2 com o propósito de auxiliar nosso trabalho de análise e, também, como o intuito de proporcionar uma maior visualização dos dados informativos trazidos pelos jornais.

Fuchs (1983, p. 26) considera que "o julgamento de paráfrase repousa sobre um apagamento das diferenças ao proveito das únicas semelhanças".

Concordamos com essa consideração, tendo em vista a impossibilidade de se estabelecer uma igualdade de significação entre paráfrases.

Nesse sentido, voltamos nossa atenção, primeiramente, ao quadro configurativo das convergências de dados (quadro 1), na busca de identificação de semelhanças entre os textos.

Nesse quadro, encontram-se os dados sobre os quais se instalam os pontos de convergência, onde são observadas as identidades informativas, através das quais podemos estabelecer uma relação predicativa.

Se atentarmos para os fragmentos do quadro 1, apesar de haver diferenças nas modulações das frases, notamos que todo o conteúdo



selecionado remete a um tema base: índice de violência ou de criminalidade na Grande São Paulo.

O ato de leitura é uma das operações mentais, realizadas individualmente pelo co-enunciador, onde o conteúdo semântico é reconstituído, como já vimos nos capítulos anteriores, através da cognição, referência e da situação contextual em que o leitor esteja inserido.

Essa reconstituição do sentido é feita a partir das operações complexas que concernem à atividade da linguagem. No capítulo 1 deste trabalho, procuramos fazer uma breve abordagem sobre essas operações para que pudéssemos reconhecê-las, numa atividade metalingüística de identificação de paráfrases; como já colocamos anteriormente, propusemos desenvolver este trabalho com o objetivo de fazermos um estudo que pudesse, de alguma maneira, auxiliar a aquisição de um domínio satisfatório da língua por parte dos falantes, através da observação e conscientização dos dados do idioma.

Reportaremo-nos, agora, à reconstrução de uma relação predicativa, a partir dos dados observados no quadro 1. Falamos em reconstrução porque estamos fazendo um ato de leitura ("consciente", portanto, metalingüístico dos textos comparados). A natureza discursiva desses textos não proporciona uma divagação em termos interpretativos, em decorrência do nível de interpretação corresponder ao nível locutivo, como já expusemos neste capítulo.

Como direcionamos nossa atenção ao tema "paráfrase", através de nossa atividade de natureza metalingüística de leitura-interpretação, notamos que a base do conteúdo parafrástico dos textos analisados está calcada,

unesp

fundamentalmente, nas chacinas de 9 de maio de 1998, no número de mortos, no número de chacinas do ano e na chacina ocorrida no Jardim Primavera.

Poderíamos colocar, então, a partir desse conteúdo fundamental e dos dados convergentes do quadro, as seguintes relações predicativas:

Assassino(s) - matar - indivíduo(s);

Bandido(s) - assassinar - pessoa(s);

Encapuzado(s) - atirar - amigo(s);

Homen(s) - fuzilar - freguese(s);

Bandido(s) - matar - homem(ns), etc.

Identificamos, assim, um grupo de relações predicativas através das quais foram estabelecidas as relações parafrásticas entre os textos.

As noções contidas nessas relações de predicação são, então, filtradas pelo esquema de "lexis" (Cf. 1.8). Se alguma dessas noções não fizer parte do conjunto do domínio nocional do leitor, a interpretação e o entendimento do texto ficarão comprometidos. Essas noções também devem ser adequadas ao contexto da produção enunciativa, assim como o leitor deve ter consciência dessa adequação feita por parte do enunciador, para que seu ato de reconhecimento do significado seja bem sucedido. Tanto a produção como a interpretação discursiva dependem das circunstâncias de produção ou leitura de textos. Tendo em vista que nenhum momento é igual a outro, as situações de utilização de língua, em nível de produção ou interpretação, também nunca são iguais. Somos sempre influenciados pelo meio, em qualquer atividade que possamos desenvolver; desse modo, essa influência não poderia deixar de interferir no processo de produção ou leitura de textos.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

O esquema de "lexis" traz consigo o predicado e os dois argumentos (ver 1.8). Como predicado, podemos citar os verbos: "matar, assassinar e fuzilar". Como primeiro argumento, destacamos: "assassinos, bandidos, encapuzados e homens"; como segundo argumento, destacamos: "indivíduos, pessoas, amigos, fregueses e homens".

Dissemos que a base do conteúdo parafrástico se encontra: nos dados da chacina de 9 de maio, no número de mortes, no número de chacinas do ano e no crime do Jardim Primavera. Não utilizamos, porém, o termo "chacina" na colocação dos exemplos das relações predicativas, visto que, a própria relação de predicação já remete ao conteúdo semântico da matança.

Quando dizemos: *assassinos - matar - indivíduos*, etc., a própria relação já remete à idéia de matança, de morticínio, independentemente de como o crime tenha acontecido, ou seja, independentemente de como os criminosos cometeram tal ação (se mataram com armas, ou se mataram através de linchamento, etc.).

Vejamos uma consideração a respeito da palavra "fuzilar". Um dos significados, trazidos por vários dicionários, referindo-se a esse verbo é: "matar com arma de fogo".

Se dissermos que os bandidos fuzilaram alguém, e se tivermos consciência do conteúdo semântico dessa palavra, obviamente, deixaremos de lado qualquer hipótese de que os criminosos tivessem utilizado qualquer outro tipo de instrumento que não fosse a arma de fogo.

As relações predicativas citadas fazem com que, naturalmente, busquemos a noção de chacina. Através disso e do simples exemplo acima

citado em relação ao verbo "fuzilar", podemos observar como a transposição acontece, de maneira natural, em nível semântico. Percebemos que o termo "chacina" possibilita, também, um desdobramento dessa noção, tendo como resultado a elaboração das relações predicativas. Dessa maneira, temos um claro exemplo de elasticidade do discurso.

A transposição, encontra-se, então, no trânsito dessa atividade de construção e reconhecimento de efeitos significativos, fazendo parte integrante das atividades da linguagem.

As operações de derivação parafrástica têm origem nas relações predicativas e se concretizam através da escolha da modulação adequada às intencionalidades do locutor.

Se voltarmos nossa atenção às manchetes dos jornais, expostas pelos quadros abaixo, podemos detectar o conteúdo semântico de "morte", "violência" e "alto índice de criminalidade", onde verificamos uma aguçada transposição e proximização de significação que fazem parte do estabelecimento de uma relação parafrástica.

FOHA DE SÃO PAULO

VIOLÊNCIA *Todos os crimes ocorreram sábado*

Onze morrem em três chacinas em SP

do "Noticias Populares"

Nº 802
BIBLIOTECA - UNESP
CAMPUS DE BAURU

O ESTADO DE SÃO PAULO

VIOLÊNCIA

37ª chacina do ano deixa três mortos na zona leste

NOTÍCIAS POPULARES

Matança no boteco do Jardim Primavera

ESSA FOI A TERCEIRA CHACINA DO SÁBADO E A 38ª DO ANO

Muitos fragmentos poderiam ser analisados para a exploração dos aspectos semânticos, constitutivos do discurso. Mas para não estendermos, em demasia, o assunto, escolhemos as manchetes como objetos de análise.

Os vocábulos retirados das manchetes – "Morrem", "chacinas" (*Folha*): "chacina", "mortos" (*O Est. de S. Paulo*); "matança", "chacina" (*Notícias Populares*) - remetem à construção significativa de morte e violência.

O número de mortes e chacinas, respectivamente – "onze" e "três" (colocados pela *Folha*); "37ª" e "três" (colocados pel*O Estado de S. Paulo*); número indefinido de mortes marcado por "matança" e "38º" (colocado pelo *Notícias Populares*) - remetem nossa atenção para o número de crimes. O alto

índice de criminalidade fica marcado por construções do tipo: "todos os crimes ocorreram Sábado" (*Folha*), "37ª do ano..." *(O Estado de S. Paulo)*; "Essa foi a terceira... do sábado e a 38ª do ano" *(Notícias Populares)*.

A nosso ver, a expressão "essa foi a...", empresta ao discurso um tom de indignação, de medo, de estarrecimento e, talvez, até de revolta, por parte do enunciador. Essa é a nossa leitura dessa expressão; contudo, um outro leitor pode ter um ponto de vista diferenciado de nossa análise, segundo seus valores, sentimentos e emoções.

Consideramos que o estudo comparativo que objetiva o reconhecimento de paráfrases não deve ser feito através de pequenos fragmentos, dando privilégio a eles, mas sim deve ser feito embasado no todo textual.

Pela elasticidade discursiva e pelas diferenças de extensividade dos textos, é natural que seja encontrada neles, uma variação de dados informativos. Podem ser encontradas, inclusive, algumas divergências advindas das diferenças de modulações (ocasionando contradições, ambigüidades e mal-entendidos), assim como podem advir de equívocos no ato de leitura, ou ainda, das possíveis falhas decorrentes do insucesso na assimilação dos fatos.

A observação a respeito das manchetes foi feita com o objetivo de mostrarmos o conteúdo temático que converge nos textos, possibilitando o reconhecimento da paráfrase entre os discursos.

As diferenças nas modulações das manchetes, mantendo uma semelhança significativa, mostram que ocorre a transposição de sentido entre um texto e outro e, conseqüentemente, a proximização entre eles.

unesp

Se atentarmos para os dados do quadro 1, notaremos as identidades informativas neles contidas e as construções discursivas que trazem essas identidades; dessa forma, tornam-se mais visíveis as atividades de transposição e proximização de sentido nos discursos analisados.

3.2.3. A subjetividade da linguagem e as proximizações de conteúdo – 1ª análise

Nossa análise metalingüística de reconhecimento das semelhanças de sentido, das transposições e das proximizações de conteúdo semântico está centrada, fundamentalmente, nas exposições dos fragmentos dos textos colocados nos quadros, que trazem os dados informativos dos discursos. Procuraremos, então, encontrar as identidades e não-identidades de informação, atentando para as proximizações de conteúdo.

No capítulo dois, em conformidade com os estudos de Fuchs (1982), foi abordada a necessidade de deixarmos de lado a idéia de identidade de sentido em paráfrases, visto que há a impossibilidade de construirmos um mesmo sentido, através da atividade parafrástica. Essa impossibilidade decorre do fato de cada discurso trazer seu próprio jogo intencional construído pelo enunciador, através das diferentes modulações, referências, situações discursivas, etc.

Dessa forma, não daremos tanta atenção aos dados exclusivos trazidos pelos jornais, visto que procuraremos fazer as devidas anulações, colocadas por Fuchs em *La paraphrase* (1982, p. 125), advindas do processo de interpretação, comparação e identificação dos semantismos associados entre

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

um texto e outro, para que seja identificada a relação parafrástica entre os mesmos.

Na identificação dos semantismos, poderíamos fazer um longo estudo em relação às várias construções das frases entre os discursos. Citaremos, no entanto, algumas dessas construções que trazem, em si, um efeito semântico produzido.

Partindo das relações predicativas, um enunciado pode ser modulado de várias formas. Expusemos, em 3.2.2, as relações predicativas a partir do conteúdo fundamental dos textos e dos dados que convergem no quadro 1. O conteúdo semântico contido nas manchetes, como já pudemos constatar, condiz com o conteúdo semântico dos discursos analisados, independentemente de certos dados colocados por um jornal e não colocados por outro.

Através da análise das manchetes dos jornais, podemos notar que todos eles remetem à problemática da criminalidade. Podemos, no entanto, perceber certas nuanças de significação entre eles, em decorrência do valor semântico das noções escolhidas pelos enunciadores, e em decorrência das diferentes modulações feitas a partir da relação predicativa que essas manchetes contêm.

Na manchete da *Folha*, por exemplo, percebemos que a relação predicativa é a seguinte: *pessoas - morrer - São Paulo*. Temos nessa relação de "lexis", o predicado "morrer", e como primeiro e segundo argumentos, o substantivo "pessoas" e o advérbio de lugar "São Paulo". O primeiro argumento, "pessoas", não está explícito na frase, mas quando o locutor

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

coloca – "onze morrem em SP", temos claro que quem morreu foram "pessoas", e não outro tipo de ser. O segundo argumento é marcado por um advérbio, sendo que o predicado se trata de um verbo intransitivo. Esse verbo tem como acompanhante um advérbio de lugar, "São Paulo", indicando o espaço onde a ação ocorre. Antes desse advérbio, porém, o discurso é modulado por "três chacinas", indicando a criminalidade que ocorre no espaço físico marcado pelo advérbio de lugar. Esse termo mostra em que circunstâncias tais mortes acontecem, procurando chamar a atenção do leitor para o conteúdo textual que vem em seguida.

No jornal *O Estado de São Paulo*, temos a seguinte relação de predicação: *chacina - deixar - mortos*. Temos implícito, porém claro, nessa relação, que alguém mata pessoas. Na modulação dessa manchete também encontramos o advérbio "zona leste" que marca o espaço físico do acontecimento, e a criminalidade é marcada por "37ª chacina".

Em *Notícias Populares*, o estabelecimento da relação predicativa é mais dificultado, por haver a ausência de verbo. Porém, numa transposição de sentido entre os termos, a relação predicativa pode ser estabelecida como: *alguém - matar - alguém* ou, *alguém - matar - pessoas*. O substantivo "matança" pode ser usado para designar tanto a morte de seres humanos como a morte de animais. A noção de "matança" seguida do advérbio de lugar "boteco", remete à idéia de mortes de pessoas. Sentimos, porém, que a união desses dois vocábulos, mais próximos da linguagem popular, traz, em si, uma carga semântica de atitude animalesca.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Embora os dados do artigo da *Folha* sejam emprestados desse último jornal, como já havíamos colocado anteriormente, notamos, na diferença das modulações entre as manchetes desses jornais, uma diversidade no tratamento dos fatos.

A *Folha* traz: "Onze morrem em três chacinas em SP"; o *Notícias Populares* traz: "Matança no boteco do Jardim Primavera". Notamos que o primeiro jornal modula seu discurso a partir de "onze", passa por "chacinas" e termina em "SP". O númeral "onze", seguido de verbo intransitivo, deixa implícita a palavra "pessoas". O verbo "morrer" encontra-se no tempo presente do indicativo, ao passo que, no artigo, encontramos os verbos colocadas no pretérito perfeito do indicativo. A nosso ver, essa construção marca uma subjetividade enunciativa, na qual o enunciador procura atualizar o acontecimento, tanto em termos de notícia, como de continuidade desse acontecimento no mundo, visto que o presente lingüístico é o tempo verbal que está mais próximo do momento da enunciação. Para melhor explicarmos essas considerações, faremos a seguinte retomada: a partir do verbo "morrer", colocado no presente do indicativo, a notícia encontra-se mais atualizada e acaba, principalmente, passando a idéia de que mortes desse tipo fazem parte de um cotidiano marcado pela criminalidade. A modulação foi feita a partir do numeral "onze", e, em seguida, temos um outro numeral, o "três", havendo, dessa forma, a chamada de atenção para o número de mortes contido nesse tipo de crime, inserido no espaço físico, "SP". No *Potícias Populares,* esse número de mortes, a princípio, fica indeterminado pelo substantivo "matança". A modulação inicia-se a partir desse substantivo: após ele, vem o advérbio de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

lugar "boteco", e em seguida, o adjunto adnominal, "Jardim Primavera"; este último, por sua vez, também determina a localidade onde ocorre o crime. Percebemos, na construção, "matança no boteco", uma marca de subjetividade que parece "querer dizer" sobre um fato "corriqueiro" do local. O enunciador deixa marcado, em sua manchete, um ponto de referência sobre o local do crime - Jardim Primavera. Se o leitor tiver conhecimento desse local, assim como de seu grau de periculosidade, a inferência do aspecto comum desse tipo de crime fica facilitada. Temos assim, um exemplo claro de que a referência muito interfere no ato de interpretação. O número de mortos fica especificado depois dessa primeira chamada da manchete. Após "matança no boteco do Jardim Primavera", o enunciador coloca o número de chacinas ocorridas no dia, seguida do número de chacinas do ano. Essa segunda nota da manchete é modulada a partir da expressão "essa foi a ..." - expressão bastante usada na linguagem oral e, a nosso ver, como já dissemos anteriormente, traz, em si, uma carga emotiva por parte do enunciador diante do fato. Colocamos essa emoção, anteriormente, como indignação, medo ou, talvez, como um certo grau de revolta.

A modulação da manchete feita pel'*O Estado de São Paulo* tem, também, como ponto de partida, um numeral. Esse numeral dá ênfase, inicialmente, ao número de chacinas do ano e não do dia, como ocorre nas outras manchetes. Há, portanto, uma ênfase maior quanto ao índice de criminalidade ocorrida nesse espaço de tempo, marcada pelas diferenças modais. O número de mortos, que vem após o início dessa modulação enunciativa, reforça a chamada de atenção para a criminalidade, como ocorre

nos outros enunciados, tendo, em seguida, a localização em que o fato ocorreu.

Vemos, então, uma semelhança entre as relações de predicação das manchetes, principalmente, d'*O estado de São Paulo* e *Notícias Populares*, que não têm o verbo intransitivo "morrer", colocado na modulação das frases. Essas modulações se iniciam com palavras que indicam criminalidade ("37ª chacina"... - *O Est. S. Paulo* / "Matança"... - *Notícias Populares*), ao passo que o outro jornal modula a manchete com início no numeral seguido do verbo intransitivo ("Onze morrem"... - *Folha de S. Paulo*).

Todos os artigos são envolvidos por um número bastante grande de marcas da subjetividade enunciativa, que podemos encontrar na superfície dos discursos. Abordamos alguns aspectos dessa subjetividade na análise das manchetes, e voltaremos nossa atenção a apenas algumas marcas subjetivas, contidas no corpo das reportagens,a fim de não estendermos, excessivamente, o assunto. Pretendemos deixar claro que essas marcas fazem parte do processo de produção textual e que, embora haja essas nuanças de sentido (marcadas pela subjetividade), o estabelecimento de uma relação parafrástica entre os textos não fica comprometido, tendo em vista que o conteúdo semântico trazido pelos discursos é condizente ao estabelecimento de uma semelhança de sentido, e não a uma identidade significativa.

Essa caracterização subjetiva pode estar na modalização do discurso, na ênfase atribuída a determinados fatos, no aspecto verbal e no valor semântico (das noções utilizadas ou dos enunciados construídos). Com relação à modalização, citamos o exemplo das alternâncias de colocação das

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

noções nos enunciados, onde o ponto de partida de uma manchete, que utliza "chacina", por exemplo, pode ser o ponto de chegada de outra manchete que utiliza esse mesmo termo.

Ainda com relação à modalização, atentando para a caracterização dos criminosos da última chacina, exposta no quadro 1, percebemos que há um valor apreciativo em relação a eles, por parte do enunciador. Quando os jornais trazem "homens encapuzados", parece-nos que o aspecto de perigo dos assassinos torna-se mais forte, se compararmos com a construção "homens com capuz" ou "homens vestindo capuzes". Se atentarmos, ainda, para a construção "homens encapuzados e fortemente armados", feita pel'*O Estado de São Paulo*, a sensação de periculosidade se torna mais intensa, em decorrência da idéia de poder, atribuída a esses indivíduos. O mesmo dado de que os assassinos estavam munidos de armas de fogo se encontra no *Notícias Populares*, modulado, porém, de modo diferente: "homens encapuzados e de revólveres em punho entraram". Na observação dessas modulações, percebemos que há uma nuança de carga significativa voltada à apreciação desses indivíduos. Na seqüência do fragmento d'*O Estado de São Paulo*, encontramos - "Depois, fugiram, sem que ninguém pudesse anotar a placa do veículo". Na leitura desse trecho, podemos perguntar: por que ninguém conseguiu anotar a placa? Seria em decorrência da rapidez ou da astúcia desses matadores, ou em decorrência da perplexidade das testemunhas? Poderia ser, até, as duas causas juntas. Essas questões não são colocadas no texto, mas no ato de leitura, o co-enunciador pode reconstruir esses indícios de rapidez e astúcia, por parte dos criminosos, ou de

perplexidade, por parte das testemunhas. Notamos, então, uma modalização do tipo apreciativa. Atentando para o todo textual trazido *pel'O Estado de São Paulo*, observamos que o locutor, no final do relato dos fatos, coloca informações sobre o gênero desses crimes, embasando-se em dados retirados de órgãos competentes (ver quadro 2), onde percebemos uma preocupação por parte do mesmo em relação ao acréscimo no número desses morticínios, comparados com o índice de criminalidade do ano anterior. O redator procura, também, usar expressões do tipo "segundo a polícia..." e "de acordo com...", registrando a fonte de informações, através da qual faz a coleta de dados a respeito dos crimes. Esses termos apresentam um aspecto de confiabilidade nos dados apresentados, que faz com que o leitor, ao efetuar uma análise comparativa entre os textos, deposite mais crédito no texto que traz esse tipo de marca. Dessa maneira, quem produz a redação acaba eximindo-se da responsabilidade de algum equívoco nas informações obtidas através dessas fontes.

Com relação ao valor semântico, além das observações feitas sobre as manchetes a respeito do valor significativo de "matança" e "boteco", podemos fazer uma nota sobre o valor significativo do verbo "rolar", utilizado no início do texto de *Notícias Populares*. O redator coloca: "a matança *rolou* no Jardim Primavera". Dissemos, na análise da manchete desse jornal, onde o autor utiliza - "matança no boteco", que há uma idéia de algo "corriqueiro", a partir de uma atitude animalesca. Quando o redator relata que "a matança *rolou*...", o próprio verbo remete à idéia de continuidade, de coisas que acontecem costumeiramente como se fosse natural, típico daquela região. Nesse artigo, o

unesp

locutor faz menção, também, ao que as vítimas faziam no local do crime: estavam bebendo cerveja e *cachaça*. Esta última poderia ter sido evitada e, se fosse evitada realmente, daríamos, com certeza, um valor apreciativo diferenciado às vítimas, visto que a palavra "cachaça" traz um valor pejorativo, depreciando a imagem de quem a consome, parecendo ser mesmo, coisa de "boteco". Percebemos, dessa maneira, a utilização de elementos menos sutis na estruturação semântica de *Notícias Populares*. O discurso é sempre produzido, visando a atingir um objetivo em relação ao co-enunciador. Assim, o redator desse último jornal procura buscar, em seu conjunto de domínios nocionais, semantismos que sejam condizentes com os valores culturais de seu público-alvo. Um outro termo de conceitualização, e de tom depreciativo, é o que se refere ao local da primeira chacina, cuja denominação atribuída é de "*sacolão* do crack", onde inferimos "rolar drogas à vontade"; "o crack" é uma droga barata em relação a outros tipos de drogas, e, "sacolão" é o lugar onde são comercializados produtos com preços razoáveis. Esse lugar é também apreciado pel'*O Estado de São Paulo* com valor depreciativo, como podemos observar no quadro 1: "Estavam *num buraco*, na Favela das Malvinas, na periferia da cidade". Como vemos, ocorre uma transposição de significação do termo "buraco", que deixa, nesse momento, de designar "cova", e passa a designar lugar de precárias condições de vida, em termos econômicos, sociais e físico-culturais.

Em *Notícias Populares*, também encontramos, "... e os executou na frente das outras *estarrecidas pessoas*..." demonstrando a perplexidade das testemunhas diante de tamanha violência. Se o estarrecimento dessas

pessoas é verdadeiro ou não, é praticamente impossível provar, mas ele é marcado no texto, segundo a intencionalidade subjetiva de quem o enuncia.

O tempo verbal trazido pelo corpo discursivo dos textos analisados, tem predomínio do pretérito perfeito do indicativo. Esse tempo situa o leitor em relação ao tempo em que os fatos aconteceram, e dá a idéia de "fato consumado", num local determinado. Mas, segundo a intencionalidade, o autor textual pode produzir seu discurso segundo outra modalização de ordem aspectual. Como exemplo, citamos as frases do final do texto de *Notícias Populares*, onde o locutor se utiliza das seguintes construções: "... o rapaz, conhecido por Tava, *seria* um dos autores do crime...", "Ele *teria ameaçado* Kátia...", "Ele *teria saído* correndo com uma espingarda calibre 12 na mão", "Tava *teria pulado* um muro..." Essas construções verbais de tempo simples e de tempo composto, utilizando-se do futuro do pretério do indicativo, demonstram uma certa incredibilidade do enunciador em relação à versão policial. Esses dados são colocados como suposições de tais acontecimentos, e não como fatos certos ou determinados. O mesmo tipo de leitura, que pode assimilar o tom de incredibilidade do enunciador em relação à versão policial, não ocorre, por exemplo, quando o jornalista enuncia: "Ele morreu na hora", sendo que esse é um dado, cuja veracidade é mais fácil de ser verificada.

Dessa maneira, observamos que o enunciado é sempre modulado e que cada enunciador o modula à sua maneira, deixando marcas de sua subjetividade; notamos, ainda, que o efeito de sentido de todas essas construções decorre de uma adequação pragmática, produzida pelo

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

enunciador, que seja satisfatória à sua intencionalidade em relação ao co-enunciador.

Muitas outras marcas, ainda podem ser encontradas e analisadas nessas produções textuais, mas para não alongarmos, demasiadamente, nosso discurso sobre o tema, partiremos agora para a finalização de nossa primeira análise comparativa de textos jornalísticos. Primeiramente, queremos chamar a atenção para o fato de que nossa atividade de comparação dos textos está embasada no reconhecimento de paráfrases, que se dá pelo reconhecimento das semelhanças significativas. Notamos, contudo, que na busca dessas semelhanças, nos deparamos com algumas divergências. Mas, como levamos em conta a característica, naturalmente, subjetiva da linguagem, procuramos nos direcionar, através da busca das proximizações de sentido encontradas nos textos e da busca das transposições de significação, para a identificação metalingüística de discursos parafrásticos.

Dessa forma, podemos perceber que há um predomínio das proximizações significativas, auxiliadas pelas transposições de sentido que ocorrem entre os textos. Em decorrência dessas observações, percebemos que os efeitos significativos das produções discursivas são condizentes ao estabelecimento de uma forte relação parafrástica, entre os mesmos.

3.3 Análise do grupo de textos jornalísticos: o assassinato do comandante da guarda do papa

Na primeira análise textual deste capítulo, tivemos a preocupação em, juntamente com os estudos comparativos entre os textos, fazer um breve

esclarecimento sobre o que o enunciador procura transmitir na construção do sentido do texto jornalístico, sobre os dados convergentes e divergentes entre os discursos, sobre o motivo que nos levou à fragmentação dos textos através dos quadros, e sobre a seqüência dos procedimentos metodológicos; esses procedimentos tiveram como realização o estabelecimento das relações predicativas, o estudo dos semantismos, o estudo da subjetividade da linguagem e das proximizações de conteúdo, com o intuito de verificarmos como ocorre o reconhecimento, ou o estabelecimento de uma relação parafrástica entre os textos.

No entanto, na análise dos discursos subseqüentes, consideramos supérflua a repetição de certos esclarecimentos colocados na primeira análise, como por exemplo, entre outras questões, a diferença de extensão entre os discursos, a valorização de certos dados em um texto e a ausência desses mesmos dados em outro, considerações em relação ao estabelecimento de paráfrases, etc.

Nas análises seguintes, os procedimentos metodológicos serão os mesmos, onde procuraremos voltar nossa atenção diretamente às técnicas de transposição, proximização de conteúdo e semelhança do sentido através da atividade metalingüística, que proporcionam o reconhecimento de paráfrases, evitando, assim, a redundância de considerações que já foram colocadas na análise anterior.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

3.3.1. Levantamento dos dados factuais do segundo grupo de textos

A segunda análise comparativa de textos tem como fonte de informação as revistas: *ISTO É* (de 13 de maio/1998, nº 1493) e *VEJA* (de 13 de maio/1998, ano 31, nº 19, edição 1546). O tema refere-se ao assassinato do comandante da Guarda Suíça por um soldado desta mesma guarda, ocorrido em 4 de maio de 1998.

Os textos apresentam uma extensão diferenciada, onde notamos uma característica no processo de construção discursiva também diferenciada que contribui para uma maior extensão do texto de *ISTO É*. Esse texto também apresenta alguns dados excedentes que contribuem para a sua maior extensão.

O conteúdo trazido pelos discursos é composto basicamente pelos seguintes dados:

- duplo assassinato seguido de suicídio;
- o local e a data do crime;
- a circunstância do morticínio, com cinco disparos;
- a idade do criminoso e a suposta possibilidade de insanidade mental por parte do mesmo;
- a recém-efetivação da vítima no cargo de comandante da Guarda Suíça;
- a carta do criminoso redigida à sua família;
- a animosidade entre a vítima e o criminoso.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Esses dados são marcados nos textos da seguinte forma, conforme o exposto no quadro abaixo:

Quadro 3 - *Convergência de dados entre as duas revistas*

DADOS	*ISTO É*	*VEJA*
Assassinato seguido de suicídio	*Depois do duplo homicídio, ele cometeu suicídio...*	*... quando Tornay aparentemente matou seu chefe, recém-efetivado como comandante da Guarda Suíça, a mulher dele, e se suicidou em seguida.*
A data e o local do crime	*... na noite daquela segunda-feira 4 (...) em direção ao apartamento do comandante, o coronel Alois Estermann.*	*...crime que abalou o Vaticano na segunda-feira passada (...) O crime foi particularmente chocante por ter ocorrido no apartamento do casal, dentro da cidade do Vaticano...*
A circunstância do crime com cinco tiros	*O soldado tocou a campainha, a porta foi aberta e, ato contínuo, cinco tiros foram disparados.*	*Duas balas foram para o coronel Alois Estermann. Uma terceira bala estraçalhou a medula de sua mulher, a venezuelana Gladys Meza Romero. A quarta, o cabo Cedric Tornay meteu na própria boca. E a Quinta bala, a que faltava no total de seis do tambor de seu revólver, onde foi parar?*
A idade do criminoso e a suposição de insanidade mental	*... o guarda-suíço de 23 anos ...* *O cabo Tornay, ressentido pela falta de reconhecimento do seu superior, cometeu um ato de loucura.*	*Se verdadeira, a carta confirma que Cedric Tornay, de 23 anos, estava fora de si por ter seu nome excluído da lista dos guardas que seriam condecorados no dia 6 pelo papa João Paulo II.*
A recém efetivação da vítima ao cargo de comandante da guarda do papa	*O coronel Alois Estermann, 43 anos, acabara de ser nomeado pelo papa comandante da Guarda Suíça do Vaticano.*	*... quando Tornay aparentemente matou seu chefe, recém-efetivado como comandante da Guarda Suíça...*

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Quadro 4 - *Convergências de dados entre as duas revistas*

(continuação)

A carta do criminoso redigida à família	*Antes do crime, ele escreveu uma carta à família e pediu a outro soldado que a entregasse no caso de algum acontecimento estranho.*	*O mistério talvez pudesse ser iluminado pela carta que Tornay entregou uma hora e meia antes do crime a um colega, para que a enviasse a sua família caso lhe acontecesse alguma coisa.*
A animosidade entre a vítima e o criminoso	*Em 12 de fevereiro último, recebeu uma advertência de Estermann porque passou a noite fora sem motivo justificado. Na lista divulgada em 4 de maio, dia do assassinato, o seu nome constava entre os militares que o comandante lhe havia determinado a baixa.*	*Outros guardas, no anonimato, confirmaram a animosidade entre Estermann e seu jovem comandado. Em fevereiro, Tornay foi advertido por passar uma noite fora, desafiando o regulamento. Depois, teve a medalha recusada. Discutiram.*

O quadro acima contém os principais dados responsáveis pelo reconhecimento dos pontos convergentes entre os textos.

Poderíamos acrescentar, ainda entre os dados convergentes trazidos pelos discursos, o socorro fornecido ao papa pelo comandante no atentado ocorrido em 13 de maio de 1981, e também as dúvidas da irmã do assassino com relação às versões do Vaticano na tentativa do esclarecimento dos fatos.

Ambos os textos apresentam também marcas discursivas que sugerem o levantamento de dúvidas em relação às explicações fornecidas pelo Vaticano. Estenderemos, posteriormente, nossas observações voltadas a essas marcas no estudo da subjetividade discursiva.

Na análise comparativa entre os textos das revistas, percebemos que, embora haja uma diferença na extensão dos mesmos, não encontramos divergências entre os conteúdos.

Notamos, contudo, que os textos apresentam características diferenciadas na construção do discurso, que contribuem para essa diferença de extensão, juntamente com a colocação de maiores detalhes relacionados aos fatos por um artigo e outro.

Veremos, no quadro a seguir, alguns dados exclusivos pertencentes aos discursos.

Quadro 4 - *Dados exclusivos*

Dados	***ISTO É***	***VEJA***
Suposto horário do crime	*Eram cerca de 21 horas.*	
A arma utilizada	*...ele cometeu suicídio com a mesma pistola Sig Sauer 9 mm...*	
O não recebimento da carta pela família até o final de semana		*Essa carta, porém, não havia alcançado seu destino até o final de semana.*
A posse da cópia da carta pelo Vaticano e a permissão para que a família decidisse a revelação do conteúdo nela contido		*O Vaticano, segundo o porta-voz Joaquin Navarro Valls, tinha uma cópia, mas deixaria a família de Tornay decidir se revelaria ou não seu conteúdo.*

unesp

Quadro 4 – *Dados exclusivos*

(continuação)

A veiculação da carta pela imprensa italiana		*Trechos da carta, no entanto, acabaram veiculados pela imprensa italiana. "Depois de três anos, seis meses e três dias, eles ainda não me deram uma medalha", diz um dos trechos. "Tenho de evitar outras injustiças. Fui forçado a fazer o que fiz."*
O depoimento do cineasta, traçando o perfil das vítimas	*"Da senhora Gladys e mesmo do coronel Estermann não é possível suspeitar de nada. Não se sabe se o criminoso era homossexual, mas, na minha opinião, se Tornay fosse gay os outros soldados diriam ou dariam a entender qualquer coisa num momento delicado como este", disse Biasetti a* ***Isto É****.*	
O perfil do assassino	*O cabo Cedri Tornay, 23 anos, originário de Martigny na Suíça francesa, viveu a maior parte de sua vida em Saint-Maurice (cantão de Valais), onde era conhecido como um jovem de boa educação e sem manchas na reputação.*	
Os dados sobre a vida do comandante	*O coronel Alois Estermann, 43 anos, acabara de ser nomeado pelo papa comandante da Guarda Suíça do Vaticano. Ele estava na instituição há 18 anos - nove dos quais como vice-comandante -, era um católico praticante que, além da atividade militar, cursou Teologia no Instituto Caymari de Roma. Nasceu no Vilarejo suíço-alemão de Grunzwil, no cantão de Lucerna...*	
A denúncia do ex-membro da Guarda Suíça		*"O clima nos alojamentos é pesado. Havia furtos, boatos de homossexualismo, deserções", espicaçou um ex-membro da Guarda Suíça, Hugues de Wurstemberg.*

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Quadro 4 – *Dados exclusivos*

(continuação)

Conflitos anteriores no Vaticano	*O jornalista britânico David Yallop, por exemplo, escreveu um livro (...) Em 1959, durante o pontificado de João XXIII, o comandante da Guarda Suíça Robert Nuenlist foi baleado pelo soldado Adolf Ruecker, que em seguida tentou o suicídio. Os dois saíram feridos e somente o caso morreu.*	
Dados criminológicos levantados pela perícia	*No local do crime foram encontrados quatro copos vazios sobre a mesa no apartamento do coronel Estermann. Pode ser que o comandante estivesse comemorando a sua promoção com a esposa. Mas quem eram os outros dois convidados? ...*	

Como dissemos anteriormente, não encontramos divergências entre os dados dos discursos, mas se atentarmos para os textos, assim como para alguns dos dados exclusivos, veremos que esses dados fortalecem o aspecto de dúvida relacionado à versão do crime dada pelo Vaticano.

Os dados do não recebimento da carta do soldado enviada à família até o final de semana referido, juntamente com a posse de uma cópia da carta pelo Vaticano e a dificuldade de veiculação do conteúdo dessa carta pela imprensa aguçam a curiosidade do leitor que, dependendo de sua sensibilidade, já começa a perceber o tom de mistério em torno dos fatos.

O fornecimento dos dados criminológicos trazidos por *Isto É* dá mais força a esse tom misterioso relacionado ao crime; as dúvidas com relação à

reputação dos membros que vivem na Cidade do Vaticano são fortalecidas pela comparação entre os textos, no momento em que atentamos para os dados que tratam do clima nos alojamentos e dos conflitos anteriores ocorridos na Santa Sé.

Podemos dizer, então, que os discursos trazem, além da notícia do duplo homicídio seguido de suicídio, fortes indicadores de dúvidas e especulações a respeito do que, de fato, poderia ter sido a causa desse crime.

Se analisarmos, ainda, os fragmentos abaixo referentes à revista *Isto É* e à revista *Veja*, notaremos que, no fragmento da primeira revista, o enunciador procura instigar a imaginação do leitor em relação ao tipo de vida levada nos bastidores do Reino Sagrado.

> *A vida reservada e os segredos guardados a sete chaves na Santa Sé sempre excitaram a imaginação popular, alimentando fantásticas teorias conspiratórias, ou pelo menos passando a idéia de que há algo de podre no reino do Vaticano.*
>
> **Isto É**

> *"O Clima nos alojamentos é pesado. Havia furtos, boatos de homossexualismo, deserções", espicaçou um ex-membro da Guarda Suíça, Hugues de Wurstemberg.*
>
> **Veja**

Como podemos ver, no fragmento da revista *Veja*, há um testemunho sobre certas atitudes que ocorrem no ambiente do Vaticano, expressas pelo depoimento de um ex-membro da Guarda Suíça.

Os enunciadores certamente tiveram a intenção de fazer menção às ocorrências nada sagradas que acontecem ou podem acontecer no interior da

Santa Sé. No fragmento da segunda revista, porém, há a possibilidade do texto transmitir uma maior credibilidade por se tratar de um depoimento de quem já conviveu e experimentou a vida no Vaticano. No texto de *Isto É*, o enunciador não coloca um testemunho por parte de quem já tenha vivido na Santa Sé, mas suscita e deixa marcado em seu discurso um tom de mistério em relação à vida no Vaticano, acompanhada pela corrupção em seu interior.

Percebemos que, embora esses trechos sejam estruturados cada um à sua maneira, eles trazem o conteúdo de segredos e supostas depravações que ocorrem no Vaticano, e que podem estar sendo protegidas pelos seus muros sagrados.

Logo, um exemplo nítido de transposição e proximização de sentido poderia ser extraído desses fragmentos, onde notamos que a questão da digna reputação dos membros da Santa Sé - que deveria ser o sólido alicerce da vida no Vaticano - é colocada em dúvida.

Essa dúvida está presente em ambos os textos e é alicerçada pela não confiabilidade na versão dos fatos colocados pelo porta-voz da Santa Sé.

As marcas textuais instigadoras de dúvidas serão estudadas, mais detalhadamente, no tratamento da subjetividade da linguagem.

3.3.2. A relação predicativa e a derivação parafrástica – 2ª análise

A relação predicativa que podemos extrair dos textos é efetuada a partir dos pontos de convergência e da identificação das semelhanças neles

unesp

encontrados, demonstrados pelas identidades informativas, expostas, fundamentalmente, no quadro 3.

A partir dessa identidade de informações, reconhecemos como tema base o crime composto de duplo homicídio, seguido de suicídio.

Como podemos ver, o acontecimento ocorre pelo desencadeamento de dupla ação: a do homicídio, depois a do suicídio. Dessa forma, o estabelecimento da relação predicativa torna-se mais complexo devido a essas ações e também pela presença do verbo reflexivo suicidar.

Atentemos para as relações predicativas abaixo:

Subalterno – matar – comandante, esposa;

Soldado – assassinar – casal;

Guarda – atirar – indivíduos;

Homem – atirar – si mesmo;

Guarda – matar – si mesmo;

Soldado – suicidar – se.

Poderíamos dizer que as relações de predicação são condizentes com as ocorrências contidas nos discursos, mas elas não comportam a totalidade dos fatos que constituem o tema básico dos textos que se refere a "soldado matar casal e suicidar-se em seguida".

Para que a relação predicativa pudesse ficar completa, poderíamos assim redigi-la:

Soldado – matar – comandante, mulher, si próprio;

Guarda – atirar – casal, si próprio.



O estabelecimento do esquema de "lexis" é formado pelos primeiros argumentos (pontos de partida) – "soldado e guarda"-, pelos predicados "matar e atirar" -; os pontos de chegada ou segundos argumentos são constituídos pelo conjunto de substantivos – "comandante, mulher e o próprio soldado".

Para que o conteúdo temático pudesse ser representado pela relação predicativa, sem prejuízo de informações, teríamos que estabelecer a relação de predicação conforme os exemplos acima, reconhecendo como ponto de chegada (ou segundo argumento) o conjunto de substantivos ou conjunto de pessoas, vítimas da tragédia; ou representaríamos o conteúdo temático através de uma dupla relação predicativa, como por exemplo: *soldado – matar – casal / soldado – suicidar – se*.

O conjunto de domínios nocionais que compõem as relações de predicação: *soldado – matar – comandante, mulher, si próprio / guarda – atirar – casal, si próprio* contém o conteúdo de criminalidade (expressos por "matar comandante"; "atirar si próprio") e o conteúdo de suicídio ("matar si próprio"; "atirar si próprio").

As relações predicativas, acima citadas, mesmo não contendo o vocábulo "suicídio", remetem à idéia de assassinato seguido de suicídio; podemos perceber, então, a ocorrência da transposição de sentido.

O estabelecimento dessa relação predicativa, organizada de maneira que não haja prejuízo de informações, é importante para a satisfatória assimilação do conteúdo por parte do leitor.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Se analisássemos as relações de predicação que não contêm a totalidade dos fatos que constituem o tema básico dos textos, teríamos uma assimilação do conteúdo diferenciado.

Atentando para as relações predicativas que têm como tema apenas o assassinato de indivíduos, poderíamos assimilar a idéia de frieza por parte do assassino, cujo delito desencadeou-se através de uma atitude insensível e criminosa por um motivo determinado.

Segundo os padrões sociais, psicológicos e, sobretudo, morais, o assassinato não é considerado um ato advindo de uma pessoa com um juízo mental equilibrado.

Nos atos criminosos sempre há um fator de desequilíbrio, responsável pelo desencadeamento dos fatos. Mas quando identificamos o conteúdo temático de homicídio seguido de suicídio, a idéia de insanidade ou desequilíbrio mental é mais facilmente interiorizada pelo leitor. Portanto, consideramos de grande valia que o estabelecimento da relação predicativa seja feito de maneira adequada visando ao não prejuízo do conteúdo temático referente ao texto analisado.

Notamos, então, que a relação de predicação, contendo o homicídio e o suicídio, é suporte de ambos os textos, assim como dos textos que se encontram logo abaixo das manchetes dos discursos, sobre os quais podemos efetuar o estabelecimento de uma relação de paráfrase entre os mesmos.

As operações de derivação parafrástica são reconhecidas nas manchetes e, juntamente com esse reconhecimento, podemos também reconhecer a modulação efetuada pelo enunciador, atentando para o conjunto

de domínios nocionais, a disposição que estes ocupam no enunciado e a carga semântica contida em cada domínio.

Na observação desses semantismos, identificamos a carga semântica de "mistério" ou "enigma", que instiga a curiosidade do leitor em relação a tantos sigilos no inteior do Vaticano.

As manchetes das revistas trazem o seguinte:

ISTO É

O pecado mora dentro

Num crime cercado de mistérios.
soldado da guarda do papa
mata comandante, sua mulher
e se suicida.

VEJA

Um estranho crime

Comandante da guarda do papa
é assassinado por subalterno que
se suicida em seguida.

A primeira manchete traz a palavra "pecado", designando qualquer ato que foge à conduta de boa moral estipulada pelo meio social e religioso. O conjunto das noções – *o pecado mora dentro* – causa uma certa estranheza e suscita interrogações: o pecado mora dentro de quê? Onde? E acontece em quais circunstâncias? Pecado é a palavra que representa algo errado.

Na seqüência dessa manchete, vem o fragmento: "num crime cercado de mistérios..." Relacionando a palavra "pecado" com esse fragmento, podemos inferir a idéia de corrupção. A manchete "O pecado mora dentro", relacionada com texto que vem logo abaixo, coloca a reputação da vida da

Santa Sé em questão, denegrindo a imagem de uma vida, supostamente sem manchas, levada pelos seus componentes.

É claro que a generalização da má conduta desses componentes é incabível, mas o que fica claramente abalada é a imagem da alta moralidade no interior do Reino Sagrado.

Uma transposição de significação poderia ser extraída das manchetes das duas revistas, visto que ambas apresentam a ação de algo errado. A palavra "crime", inserida na segunda manchete, designa qualquer ato que foge a qualquer conduta legal estipulada pelo meio social. Portanto, a transposição é reconhecida quando identificamos "pecado" e "crime" como qualquer ação de transgressão.

A identificação de semelhanças entre as manchetes ocorre, também, quando atentamos para o mesmo tom de mistério inserido na manchete da revista *Veja*, visto que a palavra "estranho" designa algo contrário ao que seja comum ou corriqueiro. Essa palavra, sendo colocada como adjetivo da palavra "crime", facilmente leva-nos a assimilar o conteúdo de mistério relacionado aos fatos.

Notamos, assim, que há semelhanças entre os efeitos de sentido ou de interpretação constitutivos desses enunciados, ao atentarmos para as relações predicativas, que são o suporte do conteúdo temático das manchetes, e ao atentarmos, também, para as transposições de significação entre as noções "pecado" e "crime"; "estranho" e "mistério", pertencentes aos respectivos enunciados.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

O estabelecimento de uma relação parafrástica nasce, como pudemos perceber, na análise dessas manchetes, possibilitado pela construção de uma mesma relação predicativa atribuída às mesmas, tendo como tema base o duplo homicídio seguido de suicídio que alicerçará o estabelecimento de uma relação de paráfrase atribuída ao todo textual.

3.3.3. A subjetividade da linguagem e as proximizações de conteúdo – 2ª análise

As exposições dos dados referentes aos discursos colocados nos quadros 3 e 4 auxuliar-nos-ão no reconhecimento das semelhanças de sentido, no reconhecimento das transposições e das proximizações de conteúdo semântico referentes aos textos analisados, constituindo, assim, uma análise metalingüística de reconhecimento de paráfrases.

Como dissemos anteriormente, não encontramos divergências entre os textos, embora eles apresentem um considerável número de dados exclusivos. Salientamos, porém, que esses dados não interferem no estabelecimento da relação de predicação que estrutura o conteúdo temático entre os dois textos. Portanto, o estebelecimento da relação de paráfrase não fica comprometido pela presença dos dados exclusivos.

Já colocamos que a relação predicativa das manchetes, assim como a relação de predicação de todo o corpo textual, traz como tema o duplo assassinato seguido de suicídio, envolvido por um tom de mistério em relação ao crime, instigando a idéia de corrupção no interior do Vaticano.



Partiremos, agora, para a identificação das nuanças de significação entre os enunciados decorrentes do valor semântico das noções utilizadas e das diferentes modulações escolhidas pelo enunciador para fazermos uma abordagem à questão da subjetividade da linguagem.

Havíamos colocado a ocorrência de transposição de significação entre as manchetes, ao atentarmos para as noções de "crime" e "pecado", havendo entre elas a idéia de transgressão, e ao atentarmos para o tom de mistério, marcado, nos enunciados, pelo próprio domínio nocional de "mistério" e pelo domínio nocional de "estranho".

Percebemos que as modulações são feitas a partir de pontos de partida diferentes entre os textos. Na revista *Isto É*, o ponto de partida da modulação é "soldado da guarda", onde o enunciador utiliza-se da voz ativa e, em seguida, da voz reflexiva.

Na modulação da manchete da revista *Veja*, o enunciador coloca como ponto de partida "o comandante da guarda" e utiliza-se da voz passiva seguida da reflexiva.

Quanto à escolha do vocábulo "comandante", utilizado como ponto de partida no enunciado da revista *Veja*, podemos dizer que há uma valorização desse vocábulo. Essa valorização, contudo, é acentuada se atentarmos para o fato de que outro domínio nocional poderia ter sido escolhido como ponto de partida, como por exemplo, o domínio nocional de chefe, que parece ter, semanticamente falando, um conteúdo ou uma carga significativa menos atribuída de poder.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Parece-nos que "comandante" traz consigo um sentido maior de poder ou de dominação.

Juntamente com a colocação dessa noção como ponto de partida, há uma desvalorização de "soldado da guarda" quando o enunciador utiliza-se da palavra "subalterno", ocorrendo, então, uma modulação apreciativa. Verificamos, assim, um contraste de valores relacionados ao criminoso e à vítima, sendo que esta, por ironia do destino, teve seu poder anulado pelas garras criminosas de quem, até então, tinha suas forças enfraquecidas pelo não reconhecimento de seus méritos, pelo detentor do poder.

Verificamos, então, que esta modulação, reveladora desse contraste pode ter sido construída, contendo um tom de ironia em relação aos acontecimentos.

Os tempos verbais de ambas as manchetes também marcam uma circunstância de atualização desses acontecimentos, sendo que o presente linguístico, como já havíamos colocado anteriormente, é o que mais se aproxima do momento da enunciação. A escolha desses tempos referentes aos verbos constituem, também, as marcas da subjetividade enunciativa. Além dessa marca subjetiva referente aos tempos verbais, outras marcas de subjetividade encontram-se na superfície dos discursos.

Um outro exemplo de subjetividade podemos citar, ao observarmos o discorrer sobre os fatos de um artigo e outro, em que percebemos que os enunciadores apresentam características diferenciadas de construção discursiva.

unesp

O enunciador do texto de *Isto É* relata os fatos de modo que a produção textual assemelha-se a um conto policial, contendo algumas características da linguagem literária. Logo no primeiro parágrafo, podemos identificar algumas dessas características, onde ele enuncia sobre o ambiente, mas, ao mesmo tempo, estimula sensações no leitor sobre esse local. Como exemplos, podemos citar a caracterização associada ao vocábulo "luz" – "poucas luzes alaranjadas". Essa associação é considerada desnecessária para o conteúdo temático do todo textual e também desnecessária para o esclarecimento do local do crime. A junção dessas palavras, porém, revela a baixa luminosidade do local. Essa baixa luminosidade agrupada ao vocábulo "sombras", que vem em seguida, acentua ainda mais a questão da fraca luminosidade. Na medida em que o enunciador avança em seu discurso, colocando "barulho dos passos nas vielas quase desertas", ele instiga uma sensação de medo, de suspense e mistério.

As sensações experimentadas pelo co-enunciador, no ato de sua leitura, dependem, no entanto, do que se passa em seu interior.

Outro fragmento interessante a ser colocado, e que condiz com as sensações instigadas e mencionadas acima é: "O príncipe das trevas já podia esfregar as mãos de satisfação: sua obra fora perpetrada no interior dos sagrados muros de pedra do Vaticano".

Podemos destacar daí um outro tom de ironia onde o mal triunfa no interior de um local sagrado, que deveria ser isento de qualquer tipo de crime ou corrupção.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

O enunciador da revista *Veja* evita esse tipo de construção discursiva, que lembra o tom literário. Seu discurso inicia-se, como observamos no primeiro parágrafo, com a tentativa de impressionar o leitor, dando ênfase à violência do crime. Esse aspecto de violência é fornecido pelo verbo estraçalhar. Contudo, na observação dos dados expostos no quadro 4 e dos respectivos enunciados referentes a esses dados, notamos que, quando o enunciador da revista *Isto É* faz a colocação dos dados referentes ao crime, percebemos que ele enuncia de maneira mais direta, com a economia de palavras, ao passo que o enunciador da revista *Veja* coloca os mesmos dados, não fazendo essa economia. Há, nesta última, a inclusão de palavras que sugerem dúvidas: "Tornay *aparentemente* matou seu chefe"; "*se verdadeira*, a carta confirma que Cedric ... estava fora de si"; e também há a modulação de textos que ocorre de maneira bem diferenciada, contendo uma maior extensão em relação ao enunciado da outra revista, que traz os mesmos dados.

Embora pareça um paradoxo, o discurso da *Veja* é mais resumido em decorrência de conter um menor número de dados e em decorrência de não conter fragmentos com características literárias, que tende ao prolongamento da extensividade textual.

A questão da dúvida em relação à versão dos fatos colocada pelo Vaticano é fortemente marcada nos textos. A não credibilidade da versão dada pelo porta-voz Navarro-Valls encontra-se na superfície dos discursos representados: pelos enunciados pontuados com interrogação – "E a quinta bala que faltava no seu tambor?" (*Veja*); "Mas quem eram os outros dois convidados?" (*Isto É*); pelas construções ou palavras que instigam suspeita –

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

"...Tornay *aparentemente* matou seu chefe..."; "*Se verdadeira*, a carta confirma..." (*Veja*); "A versão da Santa Sé foi considerada *demasiadamente perfeita*..." (*Isto É*); ou, ainda, pelos dados criminológicos levantados pela perícia.

Verificamos, assim, a proximização de conteúdo entre os dois textos calcados no tema base dos discursos: assassinato seguido de suicídio e nas dúvidas em relação ao crime envolvido pelos mistérios da Santa Sé. Essa atividade de proximização foi facilitada pela não observação de dados divergentes.

Logo, deparamo-nos com favoráveis condições para o estabelecimento da relação parafrástica entre os textos, onde podemos perceber nitidamente a semelhança de conteúdo temático entre os mesmos.

3.4. Análise do grupo de textos jornalísticos: o conflito contra o regime ditador de Suharto provocado pela crise na Indonésia

Deparamo-nos, nesta análise, com dois textos que trazem fatos, que serão, provavelmete, registrados na história política da Indonésia.

A notícia trazida pelos artigos comparados traz, em si, uma importância mais aguçada por referir-se não só a um fato que acontecera em determinado lugar, por um motivo determinado, e não só por referir-se à crise indonésia, mas também por representar a crise econômica que está, no momento atual, atingindo a maior parte do mundo.

O contexto extralingüístico (Indonésia) fora marcado pela violência do abuso de poder, que teve, como conseqüência, a revolta popular, gerando o

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

conflito, através do qual o enunciador faz uma construção discursiva que deva parecer o mais verossímil possível.

Na busca da verossimilhança entre os fatos, os discursos trazem dados que convergem entre si, havendo, dessa forma, a possibilidade do estabelecimento da relação parafrástica. Partiremos, então, para a análise desses dados.

3.4.1. Levantamento dos dados factuais do terceiro grupo de textos

Nossa terceira análise comparativa de textos tem, também, como fonte de informação, as revistas: *Isto É* (de 20 de maio/1998, n° 1494) e *Veja* (de 20 de maio/1998, ano 31, n° 20, edição 1547); essas revistas se caracterizam pela informação e análise das notícias. O tema refere-se ao conflito na Indonésia em decorrência da revolta popular contra o regime de Suharto, considerado ditador político e responsável pelo agravamento da crise econômica pela qual passa o país. Esse conflito teve início em 4 de maio de 1998, devido às medidas econômicas tomadas pelo governo. O agravamento da revolta ocorrera na terça-feira, 12 de maio de 1998, com a morte de seis estudantes, ocasionada pela repressão policial, estendendo-se até o final dessa mesma semana, conforme traz a revista *Isto É*, p. 101.

Os textos apresentam uma extensão diferenciada, como também fora observado na análise anterior, sendo que o maior artigo pertence à revista *Isto É*, apresentando dados excedentes que contribuem para a sua maior extensão.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Os dados fundamentais referentes ao conteúdo trazido pelos discursos são:

- conflito popular violento contra o regime político na Indonésia;
- revolta popular contra as medidas exigidas pelo FMI para liberar empréstimos;
- aumento nos preços dos produtos, agravando a situação do país;
- número excessivo de desemprego provocado pela crise asiática, com início em outubro de 1997;
- reação ambígua dos militares, confraternizando-se com manifestantes, apoiando a mudança do governo;
- imprevisão sobre o futuro do país.

O quadro 5 apresenta esses dados que convergem entre as revistas, através dos quais estabeleceremos a relação de paráfrase.

Quadro 5 – Convergência de dados entre as duas revistas

DADOS	*ISTO É*	*VEJA*
Regime ditatorial de Suharto, com 32 anos de poder	*Por 32 anos eles aguentaram o regime do general Suharto. ... o povo indonésio tinha aprendido a conviver com o ditador...*	*Os 32 anos de poder do presidente Suharto na Indonésia caminham perigosamente (...) Suharto é um refinado sobrevivente da estirpe de ditadores...*
Conflito popular contra o regime político na Indonésia	*... a maioria jovens desempregados, tomaram as ruas da capital Jacarta e de outras cidades do país destruindo carros, saqueando lojas e tocando fogo em tudo que viam pela frente...*	*Os protestos, iniciados sob a forma de manifestações estudantis convencionais, avançaram para o campo da anarquia generalizada. O país era o retrato do caos: choques com a polícia, tanques nas ruas, incêndios, pilhas de cadáveres, serviços essenciais paralisados, negócios fechados e estrangeiros, ricos ou apenas remediados assediando os aeroportos, em pânico.*

Quadro 5 – *Convergência de dados entre as duas revistas*
(continuação)

Revolta contra as medidas econômicas exigidas pelo FMI	*Nos últimos dias, as manifestações tiveram como estopim as medidas econômicas que o governo foi obrigado a tomar no dia 4 para atender condições que o Fundo Monetário Internacional, o FMI, impôs para liberar um pacote de US$ 40 bilhões.*	*A frustração popular com as medidas saneadoras, exigidas pelo FMI para liberar os empréstimos que pretendiam resgatar o país da crise, já estava dirigida contra o próprio autocrata.*
Aumento nos preços dos produtos, agravando a situação do país	*Houve aumentos de 70% a 100% nos preços da gasolina, da passagem de ônibus e de trem.*	*... ao voltar às pressas de uma mal planejada viagem ao exterior, e tentou reverter com a promessa de cancelar os aumentos de preços de produtos essenciais que desencadearam a revolta.*
Número excessivo de desemprego	*... onde aqueles que mais sofreram com os desmandos do velho general de 76 anos e com a crise econômica que acabou com oito milhões de empregos fizeram a hora numa catarse coletiva.*	*Desde o início da crise asiática, 8 milhões de trabalhadores indonésios perderam o emprego e a inflação chegou em 45% em abril, um recorde em duas décadas.*
Reação ambígua dos militares, confraternizando-se com manifestantes	*A posição da Forças Armadas permaneceu ambígua, embora tendendo para o lado do regime, e pessoas do próprio partido de Suharto já começam a olhar com bons olhos uma eventual troca de poder, o que mostra que as agitações também estão ocorrendo intramuros.*	*As cenas dos soldados confraternizando nas ruas com manifestantes possivelmente conscientizaram a cúpula militar de que estava na hora de bater continência para um novo chefe.*
Imprevisão sobre o futuro do país	*Alguns oficiais já demonstraram concordância quanto à necessidade de reformas e estudantes tentam convencê-los a se juntar a eles. A questão agora, como colocou Amien Rais, é saber se os militares vão apoiar o presidente ou a nação.*	*Até o fim de semana passada, contudo, era difícil arriscar qualquer previsão sobre o futuro de Suharto. Ou de seu país.*

Além dos dados fundamentais acima citados, que convergem entre os textos, podemos ainda citar os dados que se referem ao incêndio colocado na casa do amigo do presidente Suharto, Liem Sioe Liong, representando a forte

revolta do povo indonésio demonstrada contra os chineses, detentores de 80% da riqueza do país; o incêndio do "shopping center", fazendo 110 corpos carbonizados; choques com a polícia; saques; paralização de serviços; a fuga de cidadãos na tentativa de deixar o país e a renúncia do governo em aumentar o preço de alguns produtos essenciais na tentativa de remediar a situação.

Nessa análise comparativa, também não encontramos divergências, o que nos facilita o estabelecimento da relação parafrástica.

Quanto à construção do discurso, percebemos uma semelhança entre ambos os artigos, onde os fatos são relatados em sucessão, apresentando um movimento de ações que se encadeiam uma após a outra. Notamos que os acontecimentos são reproduzidos através de um tempo textual mais acelerado, juntamente com uma tentativa de realçar a visão do leitor, através da descrição cinematográfica do conflito – "O país era o retrato do caos: choques com a polícia, tanques nas ruas, incêndio..." (*Veja*); "No dia seguinte, colunas negras da fumaça de carros e prédios incendiados subiam aos céus da capital..." (*Isto É*).

Segundo Muniz Sodré (1986, p. 95), o tempo do texto difere-se do tempo da história, onde este último "diz respeito às referências temporais que estão presentes no texto". Como exemplo do tempo da história, podemos citar os fragmentos retirados das revistas: "... na sexta-feira, ao voltar às pressas..." (*Veja*); "Na terça-feira 12..." (*Isto É*). Com relação ao tempo do texto, Sodré (1996, p. 95) afirma que "trata-se do modo mais acelerado ou mais retardado de reproduzir os fatos, conforme o efeito que se pretenda obter da narração".

A aceleração do tempo textual é percebida, principalmente, pelo desencadeamento rápido dos fatos; não ocorre, nesses textos, como acontece no artigo anterior de *Isto É*, a utilização de detalhes do ambiente com o tom do estilo literário, que pode causar o retardamento do tempo textual.

Atentando para o início de ambos os artigos, notamos que os enunciadores introduzem o discurso, dando ênfase ao regime político da Indonésia, enfatizando o poder ditatorial do presidente Suharto. Observando os fragmentos abaixo que se encontram na introdução desses textos, percebemos que os enunciadores procuram chamar a atenção dos co-enunciadores, fazendo com que eles atentem para a ruptura desse regime que pode estar prestes a acontecer através do conflito que se desencadeia no país.

> *Mas agora, com o colapso econômico dessa ex-colônia holandesa e ex-tigre asiático, que é o maior arquipélago do mundo, com 17.500 ilhas, 200 milhões de pessoas, 300 etnias e 500 línguas, o sentimento é um: basta!*
>
> **Isto É**

> *Os 32 anos de poder do presidente Suharto na Indonésia caminham perigosamente, até o fim de semana passada, para a segunda opção. Os protestos, iniciados sob a forma de manifestações estudantis convencionais, avançaram para o campo da anarquia generalizada. O país era o retrato do caos...*
>
> **Veja**

Os dois artigos começam, então, pelo fato principal: o risco da perda do poder do velho ditador, que há 32 anos continha o país em suas mãos.

Na seqüência, vêm os detalhes do conflito, com a colocação do desencadeamento das ações constitutivas do motim, realçando a visão do leitor através da descrição cinematográfica, como mencionamos acima.

unesp

Alguns artifícios de aceleração do tempo textual, que acentuam as sensações de movimento no relato dos fatos, serão colocados no estudo da subjetividade da linguagem referente a esta análise.

O processo de aceleração do tempo textual, juntamente com a descrição cinematográfica, tendo como efeito o estímulo da sensação de movimento, proporcionando, assim, uma maior tensão no ato de leitura, faz com que haja uma maior proximidade do texto com o co-enunciador.

Embora existam alguns dados exclusivos referentes aos discursos, notamos uma linearidade na colocação dos acontecimentos nas duas revistas. Percebemos, porém, que os dados exclusivos referentes à revista *Isto É*, contendo maiores detalhes sobre o conflito, dão mais ênfase a esse aspecto de movimento presente em ambos os artigos.

Vejamos, agora, alguns dos novos dados presentes nos discursos.

Quadro 6 – Dados exclusivos

DADOS	*ISTO É*	*VEJA*
Cancelamento do contrato social tácito entre Suharto e o Estado		*Esse contrato, baseado na promessa de desenvolvimento econômico, foi cancelado.*
Percentual nos aumentos dos Preços	*Houve aumentos de 70% a 100% nos preços da gasolina, da passagem de ônibus e de trem.*	

Quadro 6 – *Dados exclusivos*

(continuação)

Envio de aviões militares estrangeiros para a retirada dos cidadãos	*... os governos de países estrangeiros já começavam a mandar aviões militares para tirar de lá seus cidadãos.*	
Incêndio de mais três "shopping centers"		*Outros três "shopping centers" – símbolo do crescimento econômico na Indonésia, brutalmente interrompido pela crise asiática – foram incendiados.*
Barricadas, pedágios e a queimada de veículos chineses pelos indonésios	*... indonésios ergueram barricadas e começaram a cobrar 'pedágio' dos carros que passavam e, chegaram a queimar vários veículos pertencentes à chineses.*	
Insinuações de Suharto		*As insinuações de Suharto de que poderia deixar o poder desde que de forma ordenada, por meio dos mecanismos institucionais e em prazo estabelecido, só serviram para agitar ainda mais a situação.*
Declaração de Suharto	*Se não sou mais confiável, vou me tornar um sábio e tentar me aproximar de Deus. Vou passar meu tempo guiando meus filhos para que se tornem pessoas boas, vou guiar a comunidade e vou dar conselhos.*	
Apoio de Amien Rais às manifestações	*Amien Rais, presidente do Muhammadiyah, organização religiosa que congrega 28 milhões de fiéis, exortou estudantes a continuarem exigindo a renúncia de Suharto nas ruas. Palavras que surpreenderam por sair da boca de Rais, que sempre manteve um discurso de oposição moderado.*	

Quadro 6 – *Dados exclusivos*

(continuação)

Depoimento de alguns cidadãos	*Não há taxis, ônibus, não há nada. Você só consegue o que você for capaz de organizar...* *Não vou voltar para Jacarta. Está uma desordem total e ainda não consigo entender como conseguimos sair...*	

A presença dos discursos diretos referentes à fala dos cidadãos contidos na revista *Isto É* , expostos no quadro acima, fazem parte da escolha feita pelo enunciador, de colocar essas falas, no ato da construção do seu discurso, a fim de salientar a movimentação do conflito, o estado de tensão das pessoas que dele fazem parte e, acima de tudo, a fim de acentuar a credibilidade do texto produzido.

Notamos, dessa forma, que esse estado de tensão e agitação procura ser reproduzido pelos enunciadores em ambos os textos. Há, também, nos discursos comparados, um tom de denúncia ou pronunciamento do redator em relação às repressões causadas pela tirania do ditador; teremos a oportunidade de verificar esse tom de pronunciamento mais adiante, nos estudos da subjetividade da linguagem.

Antes de partirmos para o estabelecimento da relação predicativa, consideramos interessante atentar, ainda, para o fato de que, logo nas manchetes dos artigos, o enunciador procura estimular a visualização do leitor em relação ao que será enunciado.

Observemos as manchetes:

ISTO É

UMA DITADURA EM CHAMAS

VEJA

CENAS DO ÚLTIMO DIA

Em clima de fim de regime, protestos e saques convulsionam o país que Suharto não controla mais.

"Uma ditadura em chamas" instiga a imaginação do leitor para o que poderia significar esse enunciado. Logicamente, a recepção desse enunciado pode se dar de maneira diferenciada, segundo a sensibilidade interpretativa e o poder referencial do leitor.

A "chama" ou o "fogo" remete-nos à sensação de calor e à agitação. A palavra "fogo" é usada, muitas vezes, não para designar a combustão propriamente dita, mas para designar ações ou sensações a que ela se assemelham. Essa palavra pode representar, por exemplo, as atitudes entusiastas de um grupo de adolescentes, ou ainda, o sentimento de paixão de um determinado indivíduo. Talvez pela rapidez com que pode ser incitado e pelo alto poder de destruição, o fogo nos sugere a sensação de agitação, como mencionamos acima.

A "ditadura", sinônimo de tirania, de poder egoisticamente conduzido pela necessidade do exercício do domínio, unida à palavra "chamas", já coloca o leitor em expectativa em relação aos acontecimentos subseqüentes à manchete, instigando, na mente do leitor, uma cena adornada pela violência.

Se analisássemos, inicialmente, apenas a manchete em si, poderíamos

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

inferir o fim de um regime, pelo caráter destrutivo do fogo, mas poderíamos, também, inferir um ditador excitado por alguma circunstância discordante, ou ainda, um ditador excitado por alguma discordância fazendo uso de seu poder para reagir, com violência, a alguma situação através do abuso desse poder.

Através da atividade de proximização de sentido, onde anulamos as diferenças de significação e adotamos as semelhanças para o estabelecimento da relação de paráfrase, passamos a desconsiderar as últimas inferências, quando comparamos as duas manchetes.

A primeira inferência acima citada, referente ao fim de um regime ditatorial, é confirmada ao lermos o enunciado que segue à manchete da revista *Veja* – "Em clima de fim de regime..." – marcando, claramente, a decadência da ditadura de Suharto na Indonésia.

A manchete "Cenas dos últimos dias" também instiga a imaginação do leitor, abrindo uma expectativa para o quadro cinematográfico que vem a seguir. Esse quadro é preenchido pela imagem estimulada no leitor através de "... protestos e saques convulsionam...", representando, também, uma agitação, sendo condizentes com a carga significativa da palavra "chamas" referente à manchete de *Isto É*.

Assim, deparamo-nos com mais um exemplo de transposição significativa, neste trabalho, além da proximização de conteúdo, como já havíamos colocado, sendo elas constitutivas do parafraseamento.

unesp

3.4.2. A relação predicativa e a derivação parafrástica – 3ª análise

A partir da identidade de informações extraídas dos textos, apresentadas no quadro 5, observamos que o conteúdo temático baseia-se, fundamentalmente, na revolta da população contra o regime ditatorial de Suharto, causando o conflito na Indonésia.

As relações predicativas, que serão o suporte do estabelecimento da relação parafrástica entre os textos, podem ser, então, colocadas da seguinte maneira:

Ditadura – revoltar – população;

População – revoltar – se (contra ditador);

Manifestantes – tentar derrubar – regime ditador;

Regime ditador – convulsionar – população;

Manifestantes – reagir – governo ditador;

Estudantes – protestar – contra Suharto.

Nas análises anteriores, o conteúdo temático contido nas relações predicativas pôde ser extraído não só a partir da leitura do todo textual, como também a partir da leitura das manchetes.

Devemos atentar para o fato de que as análises anteriores (Cf. 3.2.1 – 3.3.1) referem-se a fatos já consumados (chacinas no bar do Jardim Primavera e assassinato seguido de suicídio no Vaticano).

Nesse aspecto, o estudo referente a esta terceira análise difere-se das duas primeiras, visto que o início do conflito na Indonésia fora consumado, mas não há constatação, no texto, do término definitivo da situação

conturbadora do país, nem de uma previsão certa para o futuro dessa nação. Dessa forma, os textos produzem uma tensão expectante no leitor em relação ao que ainda poderá ocorrer no território indonésio ou em relação à suposta destituição do governo do presidente Suharto, que vem conseguindo manter-se no poder por 32 anos.

Na análise das manchetes dos discursos em estudo, feita anteriormente (Cf. 3.4.1), chamamos a atenção para a idéia da possibilidade do final do regime governamental instituído na Indonésia. Fizemos, ainda, menção ao estímulo visual nelas contido, principalmente, na manchete da revista *Isto É*, que une o domínio nocional *ditadura* com o domínio nocional *chamas*. A preposição *em* colocada entre esses vocábulos indica o modo em que a ditadura se apresenta; sugere que algum acontecimento de violência está se desencadeando e a definição dos fatos a serem enunciados ainda não está efetuada. Na manchete da revista *Veja*, trazendo "cenas do último dia", notamos que o enunciador parece pretender deixar marcado, em seu texto, o desencadeamento dos fatos que sucederam até aquele momento, sugerindo que o próximo dia poderá, certamente, ser preenchido por novos acontecimentos.

Dessa forma, não extraímos das manchetes algo já consumado como nas manchetes dos outros artigos, mas ficamos na expectativa de alguma coisa que ainda está por vir. Assim, podemos colocar como fato já consumado, nos discursos, a revolta da população contra o governo, mas fica indefinido o resultado dessa revolta. Logo, o conteúdo de "a ditadura de Suharto revoltar a população" ou "a população revoltar-se contra o ditador", representado pelas



duas primeiras relações predicativas, condizem com os fatos já definidos nos textos, mas a imprevisão da situação do país com a deposição ou não do governador é marcada na terceira relação de predicação com a junção dos verbos *tentar derrubar*. Essa junção remete a uma transposição de sentido, visto que a tentativa de derrubada de alguém traz em si a idéia de revolta. Portanto, percebemos que tanto o protesto, a reação ou a revolta podem ser representadas por *tentar derrubar,* havendo, dessa maneira, a transposição significativa, que se dá pela semelhança de sentido entre as relações predicativas, a partir das quais é estabelecida a relação de paráfrase entre os textos.

3.4.3. A subjetividade da linguagem e as proximizações de conteúdo – 3ª análise

Partiremos para mais uma análise metalingüística de reconhecimento das proximizações para o estabelecimento da relação parafrástica, e dos aspectos da subjetividade linguagística constitutiva de todo ato enunciativo.

As proximizações do conteúdo temático entre os textos tornam-se facilitadas, nesta análise, como já colocamos anteriormente, pela ausência de não-identidades informativas.

Notamos, contudo, que cada discurso traz seu próprio jogo intencional construído pelos enunciadores, através das diferenças nas modulações, sistemas de referências, cognição, intenções, etc., tratando-se da subjetividade da linguagem.

unesp

Verificamos algumas marcas dessa subjetividade na superfície dos discursos analisados.

Atentemos para os fragmentos abaixo e notemos que esses fragmentos chamam a atenção do co-enunciador para a leitura do artigo, instigando uma curiosidade no leitor a respeito dos fatos:

Em resposta ao aumento de preços e ao arrocho, população quebra, pilha, incendeia e provoca a mais grave crise política da Indonésia nas últimas três décadas.	*Em clima de fim de regime, protestos e saques convulsionam o país que Suharto não controla mais.*
Isto É	**Veja**

As relações predicativas que poderiam ser extraídas do primeiro enunciado, referentes à revista *Isto É*, são: *população – quebrar; população-pilhar*; *população – incendiar*, e ainda, *população – provocar – crise política*. As relações predicativas retiradas do fragmento da revista *Veja* são: *protestos – convulsionar – país* ou *saques – convulsionar – país*.

Notamos, contudo, que estas duas últimas relações de predicação trazem nuanças de sentido se forem observadas separadamente. Quando interpretamos que *saques convulsionam o país*, a carga semântica de violência é mais acentuada, visto que as ações não ficaram somente em nível verbal, no caso, somente em nível de protesto, avançando para uma atitude de maior agressividade que é a dos saques.

Consideramos ser mais conveniente estabelecermos a relação predicativa contendo: *protestos e saques – convulsionar – país*, para que não

haja perda de informações. Os domínios nocionais *protestos* e *saques* colocados juntos, aguçam a sensação de força do conflito, visto que, se considerássemos apenas *os protestos convulsionam*, a relação daria a entender que os manifestos foram apenas verbais, não havendo, portanto, prejuízos físicos, pela ausência de ações que acarretariam danos materiais.

Nesse fragmento, uma transposição de sentido tende a, naturalmente, ser realizada, pois o autor utiliza-se de uma personificação – protestos e saques não convulsionam o país, mas sim, as pessoas que deles participam.

O objetivo dessa construção é acentuar ainda mais, ou dar mais importância às manifestações ocorridas, havendo, então, uma valorização desses dois acontecimentos, que correspondem ao ponto de partida da relação da "lexis".

Temos, dessa forma, um claro exemplo de transposição de sentido de : *protestos e saques convulsionar* para *pessoas* ou *população convulsionar através de protestos e saques*.

Da revista *Isto É*, as relações de predicação extraídas *população – quebrar*; *população – pilhar*; *população – incendiar*; e, ainda, *população – provocar – crise política* também devem ser analisadas em sua totalidade para que não haja perda do conteúdo e o leitor possa se aproximar mais da intencionalidade do enunciador ao trabalhar o enunciado dessa maneira.

Vejamos que as primeiras relações predicativas extraídas desse fragmento foram estabelecidas com a presença do primeiro argumento na relação de lexis "população", e com os predicados "quebrar", "pilhar" e "incendiar", faltando, no entanto, um segundo argumento, visto que os verbos

acima pedem complemento, pois quem quebra, pilha ou incendeia, quebra, pilha e incendeia alguma coisa.

A ausência desses complementos faz com que o texto pareça conter uma reticência, estimulando o leitor a buscar esses complementos no discurso que vem abaixo, ou seja, no artigo.

A modulação feita pelo redator, colocando como ponto de partida o domínio nocional *população*, seguida dos verbos *quebrar, pilhar* e *incendiar*, intensifica a idéia ou a visão que o leitor passa a ter do movimento, acentuando a imagem da violência que ocorre no país.

Não há, nessa relação de "lexis", o domínio nocional *protesto*, que corresponde a uma reação mais amena, não, necessariamente, física, a alguma coisa. O enunciado da revista *Isto É* valoriza, logo de início, através de sua modulação, a fúria da população (ponto de partida da relação de "lexis") e o violento movimento de reação que ela causa, tendo como conseqüência a provocação da mais grave crise política do país.

Na revista *Veja*, o autor modula seu enunciado, marcando um avanço da ação de saquear. O domínio nocional de *população* ou *pessoas* não é colocado no enunciado, mas o leitor faz logo essa inferência por se tratar de atitudes que somente advém do ser humano.

Contudo, percebemos que entre esses enunciados pode ser feita uma transposição de significação, embora haja essas nuanças de efeitos de sentido. No primeiro texto, "... população quebra, pilha e incendeia" pode ser reconhecido como semelhante a "pessoas protestarem e saquearem" no segundo texto. E, ainda, "... população provoca a mais grave crise na

Indonésia..." (através da violência e da revolta) também coincide com "protestos e saques convulsionam o país..." (também através da violência e da revolta das pessoas que o praticam). Estabelecemos, então, uma proximização do conteúdo, desconsiderando as nuanças de efeito de sentido proporcionadas pela intencionalidade de cada enunciador ao modular o seu discurso.

Atentemos, ainda, para as modulações dos fragmentos abaixo:

A casa do bilionário chinês Liem Sioe Liong, o homem mais rico da Indonésia e amigo de Suharto, foi saqueada e incendiada.	*Uma turba invadiu e queimou a casa do homem mais rico da Indonésia, o empresário chinês Liem Soeil Liong, grande amigo de Suharto.*
Isto É	**Veja**

A relação de "lexis" que representa o conteúdo semântico desses fragmentos é: *pessoas – invadir / queimar – casa* ou *pessoas – saquear / queimar – casa*.

Colocamos dois verbos representando o predicado dessa relação de "lexis" por se tratar de uma dupla ação: da violação da casa seguida de incendio.

O incêndio está contido em ambos os fragmentos; percebemos, porém, uma nuança significativa entre os textos, referindo-se à primeira ação. O verbo *invadir* não incita, necessariamente, a idéia de roubo. Já o verbo *saquear* traz carga significativa de apropriação indébita. Há, então, uma incerteza a respeito do que realmente teria acontecido na casa do empresário, se compararmos os dois textos. Fazendo, porém, a proximização desse conteúdo, verificamos, com certeza, que ocorrera uma violação dessa propriedade.

Nº 802
BIBLIOTECA - UNESP
CAMPUS DE BAURU

No fragmento da revista *Isto É*, notamos que o ponto de partida da modulação escolhida pelo enunciador é "a casa do bilionário chinês", seguido do aposto "o homem mais rico da Indonésia". A modulação estruturada dessa maneira chama a atenção do leitor para o fato do incêndio, mas valorizando ou fazendo uma apreciação da riqueza do chinês, dando ênfase à sua fortuna, acrescentando que ele é, ainda, amigo de Suharto. A nosso ver, o emprego da voz passiva realça a vitimação do empresário com a violação da sua casa, ao passo que, na modulação feita na revista *Veja*, o ponto de partida é "uma turba invadiu", valorizando e dando ênfase à reação revoltosa da multidão em desordem, sendo que a movimentação da ação de invadir e queimar, constitutiva do conflito, é fortalecida pela construção do discurso em voz ativa.

O domínio nocional "casa" tem seu destaque, na modulação da revista *Veja*, amenizado, assim como também é amenizado, o destaque da riqueza do empresário. Notamos, também, que o destaque para a riqueza do chinês é mais aguçado na revista *Isto É*, se analisarmos os domínios nocionais contidos nos dois fragmentos: no primeiro, há os domínios de "bilionário chinês" seguido de "o homem mais rico da Indonésia". No segundo, temos "o homem mais rico da Indonésia", seguido de "empresário chinês". É óbvio que, "bilionário chinês" salienta muito mais o adjetivo "riqueza" do que "empresário chinês", visto que nem todos os empresários são bilionários, ou melhor, a maioria deles não é bilionária.

O dado de Liem Soeil Liong ser amigo de Suharto é marcado em ambos os textos, mas traz, na revista *Veja*, uma modulação apreciativa qualitativa marcada pelo adjetivo "grande". Através de uma leitura mais atenta,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

percebemos que o dado do empresário não ser apenas um amigo, mas sim um "grande amigo" do presidente da Indonésia, deixa para nós a impressão de que a "turba" tenha desforrado sua revolta contra as atitudes de Suharto ao invadir a casa de seu "grande amigo".

Fizemos essa nota a fim de salientarmos, mais uma vez, a importância da escolha dos domínios nocionais, na construção do sentido, correspondendo à intencionalidade subjetiva do enunciador, e de como o ato de leitura é, também, subjetivo, onde o co-enunciador busca alcançar as pretensões do produtor textual, através da interpretação ou da reconstrução do sentido do texto.

Discorreremos, agora, sobre alguns procedimentos de aceleração do tempo textual, anteriormente já mencionado.

No quadro 5, os fragmentos referentes ao conflito popular contra o regime na Indonésia demonstram essa aceleração. Os verbos no gerúndio, no fragmento da revista *Isto É*, cuja colocação ocorre numa seqüência ("... *destruindo* carros, *saqueando* lojas e *tocando fogo* em tudo que viam pela frente..."), não só acentua, a idéia de movimento de ações desencadeadas pelo desvario da população revoltada, como também dinamizam a leitura. Essas construções visam a produzir o efeito de aceleração textual, através dessa dinamização de leitura que coincide com a representação da movimentação das ações do conflito.

A revista *Veja* modula o dado do conflito popular colocando: "O país era o retrato do caos...", e procura retratar esse caos com a enumeração de dados

através dos substantivos colocados em seqüência – "... choques com a polícia, tanques nas ruas, incêndios..."

Essa seqüência enunciativa tende a acelerar o tempo textual e, também, acentua a percepção da agitação do conflito.

A transposição do sentido de uma "população desvairada", termos que colocamos acima para a reação de revolta do povo indonésio, pode ser verificada se atentarmos para o fragmento, ainda, da revista *Veja*: "O poder assustador da massa em fúria..."

"Massa *em fúria*", "ricos ou apenas remediados *assediando* os aeroportos, *em pânico*", são fragmentos que condizem com a idéia de movimentação, e os verbos colocados no gerúndio, em ambos os discursos, tendem a atualizar os acontecimentos, dinamizando a narrativa. Na revista *Veja*, há, ainda, a junção de verbos colocados no gerúndio – "*assediando* os aeroportos", por exemplo – com verbos conjugados no pretérito imperfeito, como, "multidões *saqueavam* e *destruíam* bancos..."

Esses últimos remetem à idéia de ação contínua referente a um passado próximo, mediante aos artifícios de atualização da notícia, presentes no texto.

Mas o importante a ser destacado aqui, é que a utilização desses tempos verbais e a colocação em seqüência dos substantivos contribuem para a aceleração do tempo textual, tendendo a uma dinamização da leitura, correspondendo a uma característica de subjetividade linguagística, contida no texto.

Ambas as revistas caracterizam-se pelo aspecto de informação e análise de notícias.

Na visão de Muniz Sodré (1986, p. 24 – 30), há uma diferenciação entre pronunciamento e denúncia, podendo acontecer a mesclagem entre eles; na primeira, ocorre uma avaliação ou julgamento do fato, ou seja, o enunciador, ao "pronunciar" uma notícia, avalia e julga, mas de modo sutil; na segunda, ao "denunciar" uma notícia, o enunciador se declara contra ou a favor de alguma coisa e, segundo Sodré (1986, p. 30), de maneira "explícita" e "sem meios tons na linguagem, divulgando seus objetivos claramente".

É no estudo da subjetividade da linguagem, porém, que encontramos esse "pronunciamento" ou "denúncia", segundo a terminologia de Muniz Sodré (1986) que, para nós, são marcas da subjetividade enunciativa do produtor textual que, ao estruturar seu texto, julga, avalia, vai contra ou a favor de alguma coisa, através das modulações apropriadas.

Deparamo-nos com alguns "pronunciamentos" ou "denúncias" que podemos reconhecer na superfície dos textos produzidos, sendo essas denúncias ou pronúncias, a nosso ver, correspondentes às marcas de subjetividade enunciativa contidas na superfície do discurso.

Há vários fragmentos que poderiam ser analisados para o reconhecimento dessas marcas, mas atentaremos para as principais, a fim de não nos alongarmos em demasia, evitando a saturação e a redundância.

Como os artigos de revistas têm a vantagem de contarem com um maior espaçamento, no corpo textual, há a possibilidade de a "pronúncia" ou a "denúncia" (que, respectivamente, são as avaliações, os julgamentos ou as

declarações contra ou a favor de algo) serem estendidas, no ato da construção do discurso. Vejamos um exemplo: na revista *Isto É*, temos informações estruturadas por noções que constituem uma avaliação, uma apreciação de algo ou circunstâncias. Logo no início, se atentarmos para o conjunto de domínios nocionais, trazendo a informação: "o povo calado pelos tanques e afagado pelo crescimento econômico tinha aprendido a conviver com o ditador sanguinário, depois de um golpe que provocou a morte de mais de meio milhão de pessoas". Notamos que o enunciador informa um fato, mas também faz uma avaliação desse fato através de modulações apreciativas do tipo – "povo calado e afagado"; "ditador sanguináreo"; "golpe" (que provocou a morte de mais de meio milhão de pessoas), podendo ser transposto para "golpe mortificador". Na seqüência do artigo, encontramos "... o sentimento geral é um: basta!" Essa construção mostra que o povo quer mudanças, mas parece-nos que o enunciador participa, juntamente com o povo, da aflição devido à situação e se coloca contra o regime, enfatizando "basta!". Podemos, então, extrair desses fragmentos não só uma "pronúncia", como também, uma "denúncia" contra a tirania de Suharto.

Outra construção interessante a ser analisada é a seguinte:

> *Apesar de pelo menos 17 pessoas terem morrido em confronto com a polícia na quarta-feira e na quinta-feira, as tropas do Exército não abriram fogo contra a população.*

Isto É

Nesse fragmento, o leitor é forçado a fazer uma interpretação mais atenta, onde a intencionalidade do co-enunciador, contida na superfície do

discurso, requer uma atenção e uma sensibilidade interpretativa mais aguçada por parte do co-enunciador.

Há, no trecho acima, uma idéia de oposição: "dezessete pessoas morrem em confronto com a polícia"; "as tropas do Exército não abriram fogo".

Na modulação "apesar de pelo menos 17 pessoas terem morrido..." há um tom de denúncia do redator, chamando a atenção do leitor para a violência policial na tentativa de reprimir a população. Mas essa denúncia é amenizada na seqüência do enunciado, onde é colocado que, apesar das mortes, as tropas do exército não abriram fogo contra a população. Poderíamos inferir, a partir daí, uma atitude de misericórdia do exército para com o povo? Teria o autor textual realmente colocado a expressão *apesar de pelo menos 17 pessoas terem morrido...*, intencionalmente, para fazer sua denúncia, ou somente quis informar sobre as dezessete mortes, que se deram pelo confronto policial, e pela atitude pacífica do exército? Vemos aqui, claramente, que o autor "constrói" e o leitor "recontrói" a significação do texto.

Os dados exclusivos, trazidos pelas revistas, nos ajudam muito na identificação das marcas das intencionalidades enunciativas. O enunciador não escolhe os dados ao acaso. Quando lemos o dado exclusivo da revista *Isto É*, referente ao golpe de Suharto com mais de meio milhão de pessoas mortas, a avaliação dessa personalidade, feita pelo co-enunciador, torna-se diferente. A noção de poder e tirania atribuída a esse senhor fica mais incutida na mente do leitor.

"Declaração bombástica" referente à declaração de Suharto, dizendo que se tornaria um sábio se não fosse mais confiável, deixa marcada, na

superfície discursiva, a ironia que o enunciador lança sobre o ato do presidente. Seria uma bomba informativa a possibilidade de renúncia de Suharto ao cargo de presidente, ou seria bombástica a atitude chantagista do ditador diante dos fatos que não controla mais?

Outros julgamentos ou avaliações também podem ser extraídos da revista *Veja*. Atentemos para o fragmento:

> *A promessa de recuperação seria o socorro do FMI, mas esse pode se transformar num caso comprovado em que o remédio mata o doente antes até de ser engolido.*
>
> **Veja**

Notamos que há, nesse trecho, um "pronunciamento" avaliativo depreciativo do FMI, marcado por: "...caso comprovado em que o remédio mata o doente antes até de ser engolido."; há, também, a denúncia do aspecto perigoso do *socorro* ou *remédio* (FMI), *que pode matar*.

Um claro exemplo de análise dos fatos feita pelo autor textual é encontrado do discurso:

> *Se os militares concluíssem que não vale a pena pagar o preço da restauração da ordem e da manutenção do regime – inevitavelmente, um banho de sangue - , talvez houvesse a chance de uma saída menos traumática.*
>
> **Veja**

Há, nesse fragmento, um conjunto das atitudes dos militares, considerada como responsável pela saída traumática, através do derramamento de sangue, visto que foi através deles que o conflito se complicara.

Outros fragmentos mostram a constante avaliação dos fatos inserida no texto, através de modulações apreciativas, como: "Suharto é um *refinado* sobrevivente da *estirpe* de ditadores", "o presidente e sua *milionária* família"; "voltar às pressas de uma *mal planejada* viagem". As palavras em destaque transmitem uma depreciação em relação aos termos a que se referem, fazendo parte da escolha e liberdade que todo enunciador tem, ao construir o seu texto.

Para finalizarmos o estudo desses artigos, identificamos, nesta análise comparativa, uma transferência de carga significativa entre um texto e outro, através de transposições e proximizações, não apenas de conteúdo semântico entre os vocábulos ou expressões, mas também através de transposições e proximizações de efeitos de dinamização da narração e de artifícios de estímulos visuais no leitor.

Portanto, poderíamos dizer que a paráfrase, nesse caso, não ocorre apenas através das semelhanças significativas entre palavras ou expressões, mas também através das semelhanças de efeitos de dinamização e visualização entre os textos. Encerramos, assim, mais uma análise metalingüística para o estabelecimento da relação parafrástica entre os discursos, partindo, então, para o último estudo comparativo de textos dessa seqüência de análises.

unesp

3.5. Análise do grupo de textos jornalísticos: a morte da recordista mundial Florence Griffith Joyner

Nas análises antecedentes, verificamos que os discursos constituem reportagens de ação, envolvendo o ambiente, a situação e o modo de agir das personagens das notícias. Os dois primeiros grupos de textos referem-se a crimes e o terceiro, ao conflito na Indonésia, sendo que este último, como já colocamos em 3.4, remete-nos a uma idéia de movimentação ou ação muito mais aguçada, em decorrência de sua estruturação. Nessas análises, há uma relação de movimento que ocorre entre os seres, onde alguém mata alguém, ou alguém briga com alguém, ou alguém pilha ou incendeia alguma coisa.

Neste grupo de textos a ser analisado, o fato relatado é a morte de Florence Joyner, velocista norte-americana, e suas conquistas enquanto atleta. O tema base não é calcado no confronto entre pessoas através da violência ou qualquer outro tipo de ação. Trata-se aqui de uma pessoa vitimada de um "suposto" ataque do coração, ou seja, de uma pessoa vítima da própria condição física, e não vítima da ação desequilibrada de um outro indivíduo.

Portanto, consideramos que os textos estudados nesta análise diferem-se dos textos anteriores, tratando-se, aqui, de uma reportagem de fatos, onde as medalhas conquistadas constituem um fato, assim como os recordes batidos pela atleta e a sua morte inesparada aos 38 anos.

Partiremos, agora, para o estudo dos dados convergentes entre os textos, para que possamos fazer o estabelecimento da relação parafrástica entre eles.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

3.5.1. Levantamento dos dados factuais do quarto grupo de textos

Nossa última análise de textos deste trabalho será centrada em artigos retirados dos jornais: *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e *Notícias Populares*, de 22 de setembro de 1998, onde teremos, como tema base, a morte da recordista mundial Florence Griffith Joyner, em 21 de setembro de 1998. Contudo, juntamente com a notícia do falecimento súbito da atleta, há a suspeita de que ela teria usado esteróides anabolizantes para melhorar seu desempenho no atletismo, e que isso poderia ter-lhe ocasionado efeitos nocivos responsáveis pela doença coronárea. Essa suspeita, contida nos artigos, é tão importante quanto a própria notícia da morte da atleta. É bem provável que haja no leitor um maior interesse pela suspeita de "doping" da recordista do que pelo fato de seu falecimento.

No estudo das marcas da subjetividade da linguagem teremos a oportunidade de verificar construções que salientam essa suspeita, instigando o interesse do leitor para o fato.

Os textos apresentam, mais uma vez, uma diferença de extensão. Não verificamos, porém, divergências entre eles, ficando, assim, facilitado o estabelecimento da relação parafrástica.

Os dados que compõem basicamente o conteúdo dos artigos são os seguintes:

- morte da recordista mundial Florence Griffith Joyner, aos 38 anos, devido ao ataque cardíaco;
- problema de saúde apresentado pela atleta em viagem aérea, há

dois anos antes de sua morte;

- suspeita de uso de anabolizantes pela recordista devido à sua volumosa massa muscular;

- falta de comprovação do "doping" da velocista.

No quadro abaixo, estão os principais dados convergentes entre os textos, através dos quais será estabelecida a relação de parafraseamento.

Quadro 7 – *Convergência de dados entre os jornais*

DADOS	*FOLHA DE SÃO PAULO*	*O ESTADO DE SÃO PAULO*	*NOTÍCIAS POPULARES*
Morte de Florence Griffith, sua idade e a causa do seu falecimento	*A velocista norte-americana Florence Griffith Joyner, recordista mundial dos 100m e 200m rasos e três medalhas de ouro em Seul-88, morreu aos 38 anos, aparentemente vítima de um ataque cardíaco, em sua casa, nos EUA.*	*A ex-velocista norte-americana Florence Griffith Joyner, considerada a mulher mais rápida do mundo,morreu ontem, em Laguna Beach, na Califórnia, aos 38 anos, de ataque cardíaco.*	*A recordista mundial dos 100m e 200m rasos, a norte-americana Florence Griffith Joyner morreu ontem, aos 38 anos, supostamente vítima de um ataque cardíaco.*
Problema de saúde apresentando em viagem aérea, há dois anos, pela atleta	*Há dois anos, Florence Griffith Joyner havia sofrido um ataque de apoplexia (perda temporária de função cerebral) em um vôo de Los Angeles para Saint-Louis e teve de ser internada.*	*... em 1996 enfrentou o seu primeiro problema cardíaco, enquanto fazia uma viagem doméstica de avião.*	*Em 96, a atleta sofreu convulsões durante um vôo e teve de ficar hospitalizada por um dia e meio.*
Suspeita de uso de anabolizantes pela recordista	*... Florence Griffith Joyner despertou a suspeita de ter utilizado substâncias proibidas para aumentar seu desempenho.*	*Acusada de usar substâncias proibidas...*	*Florence abandonou as provas de velocidade de quando ainda estava no auge da forma, em 1989, despertando suspeitas de que ela utilizava esteróides anabolizantes para aumentar a massa muscular.*

Quadro 7 – *Convergência de dados entre os jornais*

(continuação)

Falta de comprovação do "doping"	*Apesar de nunca ter sido surpreendida no exame antidoping... nunca foi provado o uso de drogas por parte de Florence...*	*A atleta viveu os melhores momentos de sua carreira sob a suspeita de uso de drogas por causa de sua volumosa massa muscular, mas nada jamais foi comprovado. Para o médico espanhol, é difícil falar na influência que o suposto "doping" pode ter causado na vida da atleta porque o uso nunca pôde ser comprovado*	
Negação da atleta em ter usado drogas	*"Passei por uma infinidade de controles antidoping e também em Seul. Nunca foi detectado nada", defendeu-se em 88.*	*Acusada de usar substâncias proibidas, a recordista sempre negou, mesmo diante de severas críticas feitas por atletas como Carl Lewis, ganhador de dez medalhas olímpicas de ouro. Os rumores sobre "doping" são **infundados**, costumava protestar Florence. "Passei por centenas de controle de drogas inclusive na Olimpíada de Seul, e nenhum deu positivo".*	*A atleta, no entanto, sempre negou o uso de "doping".*

Os dados acima fundamentam o estabelecimento da relação de paráfrase entre os discursos, em decorrência da convergência de conteúdo contida nesses dados.

Como nosso estudo está calcado nas operações enunciativas, deixando sempre as marcas de subjetividade e intencionalidade do enunciador.

atentemos, ainda, para outros dados que convergem nos jornais, cuja intencionalidade enunciativa será verificada.

Podemos notar, claramente, que a suspeita em relação ao "doping" da recordista é colocada em evidência nos jornais. Essa suspeita, porém, pode ser mais ou menos intensa conforme a presença ou ausência de dados que tendem a amenizar ou acentuar essa suspeita e conforme a ordem desses dados no texto.

A notícia trata da morte de uma grande atleta e, como não poderia deixar de ser, estão inseridos nos três jornais, os dados referentes às conquistas da esportista – "recordista mundial dos 100m e 200m rasos e três medalhas de ouro em Seul – 88" (*Folha de São Paulo*); "Florence detinha os recordes mundiais dos 100 e dos 200 metros rasos, com tempos espetaculares de 10s49 e 21s34, havia dez anos" (*O Estado de São Paulo*); "A atleta conquistou 3 medalhas de ouro (100m, 200m e 4x100m) nos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988" (*Notícias populares*).

Mas além dos dados acima, os três jornais não deixam de chamar a atenção para o "estilo" da atleta, marcado nos fragmentos abaixo:

> *Nas seletivas norte-americanas para a Olimpíada de Seul-88, a corredora começou a despertar a atenção do mundo.*
> *Em 16 de julho de 1988, Florence correu os 110m rasos com um uniforme desenhado por ela mesma, aderente ao corpo e que cobria apenas uma das pernas, e quebrou o recorde mundial (...)*
> *A corredora também ganhou fama por suas longas unhas – sempre pintadas.*

Folha de São Paulo

Florence Griffith Joyner, que passou a ser conhecida mundialmente depois de estabelecer os recordes mundiais e ganhar três medalhas de ouro na Olimpíada de Seul, em 1988 (100, 200 e 4x100 metros rasos), saltou para a fama por usar unhas compridas e sempre pintadas de cores berrantes e de correr com roupas multicoloridas.

O Estado de São Paulo

Florence ficou famosa pelos uniformes extravagantes e sensuais que usava nas pistas.

Notícias Populares

A nosso ver, esses fragmentos salientam a característica pouco comum da atleta, ou seja, além de velocista com "tempos espetaculares" ela é, ainda, irreverente por seu estilo. Essa caracterização, naturalmente, pode fazer com que o leitor passe a ter uma visão apreciativa ou depreciativa da recordista, segundo seus valores ou ideais. Essa caracterização geralmente é comum em reportagens a respeito de alguma personalidade, sendo, portanto, uma maneira de chamar a atenção do leitor para o assunto tratado no discurso.

É importante salientar, porém, que os fragmentos acima trazem nuanças de efeito significativo. Observemos que no fragmento da *Folha de São Paulo*, a atleta "começa a despertar a atenção do mundo" nas seletivas norte-americanas para a Olimpíada de Seul. O chamamento de atenção para o uniforme sensual e para as longas unhas sempre pintadas é colocado depois. Notamos que há uma gradação na chamada de atenção: primeiramente ela atrai o público nas seletivas, em seguida há o detalhe do uniforme e, por acréscimo, há o comentário das longas unhas, sendo que essa última observação a respeito do estilo da esportista parece ser diluída pelo termo

"também" em: "A corredora também ganhou fama por suas longas unhas – sempre pintadas".

O fragmento do jornal *O Estado de São Paulo* faz menção de que Florence Joyner ficou conhecida pelos recordes mundiais, ou seja, pelo seu atletismo, mas o fragmento passa a idéia de que sua fama se deu pelo seu estilo irreverente. Há, portanto, uma valorização de sua característica ou de seu estilo marcada pela expressão "saltou para a fama", visto que a noção de "fama" passa a idéia de uma maior notoriedade da pessoa do que a expressão "passou a ser conhecida mundialmente".

Já no jornal *Notícias Populares*, fica claro que a fama de Florence foi em decorrência do uso de uniformes extravagantes e sensuais. Não há o detalhe das unhas e o texto não diz que o público também passou a percebê-la pela sua força atlética. Podemos questionar se a ausência desses dados ocorreu pela necessidade de economia de palavras no jornal, pelo "esquecimento" do redator ou, ainda, se, nessa ausência, o enunciador não estaria revelando uma "ponta de machismo", pois o que foi salientado não foi a boa forma atlética de uma mulher e nem suas unhas compridas, mas sim, os "uniformes extravagantes e sensuais usados por uma atleta".

A seleção dos dados ou dos conteúdos informativos marcam o interesse do autor e assinalam o interesse que ele pretende despertar no leitor.

Alguns dados encontram-se nos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*, causando, naturalmente, um efeito diferenciado na interpretação do todo textual se compararmos ao texto de *Notícias Populares*, que não traz esses mesmos dados. Como exemplos, podemos citar a valorização atribuída

unesp

à recordista, nos dois jornais acima citados, que ocorre através da colocação das marcas dos recordes batidos e das conquistas na sua trajetória esportista (*Folha de São Paulo*); dos comentários de amigos sobre seu talento atlético (*O Estado de São Paulo*) e da declaração de Bill Clinton, lamentando a perda da velocista e elogiando suas ações humanitárias de ajuda às crianças, especialmente, às de bairros menos favorecidos (*Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*).

Temos, ainda nos dois jornais, a declaração do médico da Federação Espanhola de Atletismo, Juan Manuel Alonso, comentando sobre o consenso de que Florence tenha usado substâncias proibidas, e que em 1987, ela era uma mulher belíssima, e um ano mais tarde, parecia fisiculturista.

Esse último dado salienta a suspeita de uso de drogas feito pela campeã mundial, visto parecer que o prazo de um ano é um prazo curto para o ganho de uma grande massa muscular apresentada pela recordista.

Atentemos, agora, para o quadro que traz alguns dos dados exclusivos contidos no jornais.

QUADRO 8 – *Dados exclusivos*

DADOS	*FOLHA DE SÃO PAULO*	*O ESTADO DE SÃO PAULO*	*NOTÍCIAS POPULARES*
O não fornecimento de detalhes pela família de Florence, após o ataque de apoplexia em viagem aérea	*Há dois anos, Florence Griffith Joyner havia sofrido um ataque de apoplexia (perda temporária de função cerebral) em um vôo de Los Angeles para Saint-Louis e teve de ser internada. Na época, a família da atleta não quis fornecer detalhes.*		

QUADRO 8 – *Dados exclusivos*

(continuação)

Detalhes a respeito da família de Florence	*A corredora era casada com Al-Joyner, campeão olímpico em Los-Angeles-84 do salto triplo, e cunhada da seis vezes medalhista olímpica e recordista mundial do heptalo, Jackie Joyner Kersee.*		
Horário do ataque cardíaco sofrido pela recordista e declaração do porta-voz do serviço de ambulâncias do Condado de Orange, indicando indícios da rapidez da morte da atleta		*A recordista sofreu o ataque cardíaco na manhã de ontem e, segundo o porta-voz de um serviço de ambulâncias do Condado de Orange, a empresa recebeu a chamada de emergência às 9h54 locais, mas a ex-atleta não chegou a ser socorrida.*	
Início da carreira atlética de Florence Joyner		*Os primeiros passos no atletismo foram dados na Universidade Estadual da Califórnia, em Northridge, em 1979. E o primeiro grande feito internacional foi obtido na Olimpíada de Los Angeles, em 1984, quando conquistou a medalha de prata nos 200 metros rasos.*	
Tentativa de retorno da atleta às pistas em 1996	*Em 1996, Florence Griffith Joyner tentou voltar às pistas para disputar a Olimpíada de Atlanta, mas uma contusão no tendão de Aquiles da perna direita atrapalhou seus planos.*		

Quadro 8 - *Dados exclusivos*

(continuação)

Declarações e sentimentos do amigo Greg Foster e do presidente da Federação Internacional de Atletismo Primo Nebiolo		*Greg Foster, tri-campeão mundial dos 110 metros com barreira, mostrou-se abatido com a perda da amiga. Ele tem certeza, porém, de que os recordes que sobrevivem há dez anos "ainda durarão outra década". "Vai ser um reconhecimento a mais", acredita. "Ela foi uma das melhores atletas de todos os tempos.* *Já o presidente da Federação Internacional de Atletismo, Primo Nebiolo, tomou conhecimento da morte da ex-atleta quando estava em Bruxelas. "A notícia deixou-me muito estarrecido",disse Nebiolo...*	
Decisão de abandono das pistas em momento crítico	*A velocista decidiu abandonar o atletismo no momento em que as técnicas dos exames anti-doping estavam se sofisticando e pouco depois do escândalo do velocista Ben Jonhson (Canadá), banido do esporte por uso de "doping".*			
Críticas de Carl Lews em relação ao suposto "doping" da recordista		*Acusada de usar substâncias proibidas, a recordista sempre negou, mesmo diante de severas críticas feitas por atletas como Carl Lewis, ganhador de dez medalhas olímpicas de ouro.*		

QUADRO 8 – *Dados exclusivos*

(continuação)

Depoimento do especialista em medicina esportiva Osmar de Oliveira			*De acordo com o brasileiro Osmar de Oliveira, especializado em medicina esportiva, o uso de anabolizantes pode causar "lesões no fígado, baço, coluna, renais e, por último, pode até afetar o coração, levando à morte".*

Verificamos, no quadro acima, que os jornais trazem alguns dados revelando pontos de interesse diferenciados. No jornal *Folha de São Paulo,* notamos, por exemplo, que há uma chamada de atenção mais acentuada para os recordes e conquistas da velocista, colocados em ordem cronológica. Há, portanto, uma ênfase dada à vida atlética da recordista mundial. O grupo familiar de esportistas do qual Florence fazia parte também é destacado no texto. Em *O Estado de São Paulo*, há uma preocupação em marcar o horário do falecimento, a tentativa de salvamento, a rapidez em que ocorreu a morte e as declarações e sentimentos de autoridades esportivas e amigos da corredora.

Notamos, no entanto, que o jornal *Notícias Populares*, traz uma matéria resumida do acontecimento, não contendo tantos dados.

A ausência dos dados, que estão contidos nos outros jornais e não aparecem no *Notícias Populares*, pode ser responsável por um efeito de sentido diferenciado no ato de leitura. Como exemplo, temos a valorização da

atleta, contida nos outros artigos e ausente no último jornal citado, podendo causar, sem dúvida, um efeito diferente na assimilação da personalidade de Florence pelo leitor.

A disposição dos dados também tem bastante importância, no efeito da significação, correspondendo às escolhas intencionais do enunciador no momento da enunciação.

Veremos, na subjetividade da linguagem, a importância da ordem dos dados no discurso para o efeito de sentido.

As nuanças de efeitos de significação ou interpretação não afetam, porém, o estabelecimento da relação parafrástica. Atentemos, então, para a proximização de conteúdo possibilitada pela identidade de informações contidas no quadro 8 e para a transposição de sentido dos fragmentos desse quadro para o sentido contido nas relações predicativas que vêm a seguir.

3.5.2. A relação predicativa e a derivação parafrástica – 4ª análise

As operações de derivação parafrástica têm origem nas relações de predicação, sendo feitas, sobre essas relações, as devidas modulações do enunciado, adequadas à intencionalidade do locutor.

Lembremo-nos de que o reconhecimento de paráfrases está baseado no reconhecimento das semelhanças de sentido e não no reconhecimento da identidade significativa. Dessa forma, nossa atenção está voltada, fundamentalmente, para o conteúdo essencial contido nos três artigos e não para o conteúdo de fragmentos dos textos, tendo em vista que o

reconhecimento de paráfrases deve ser calcado no todo textual, havendo, assim, as devidas reduções pertinentes à atividade de proximização, que visa ao estabelecimento da semelhança de sentido entre os discursos.

O conteúdo temático extraído dos textos, identificado através da convergência de conteúdos, baseia-se, como já havíamos colocado, na morte da recordista mundial norte-americana Florence Griffith Joyner, vítima de ataque cardíaco.

Atentemos, então, para algumas das relações de predicação que podem ser constituídas a partir do conteúdo temático dos discursos:

Ataque cardíaco – matar – recordista;

Ataque do coração – vitimar – atleta;

Ataque cardíaco – matar – mulher;

Recordista mundial – sofrer – ataque cardíaco;

Ataque do coração – causar – morte de velocista;

Florence Griffith Joyner – morrer.

Todas as relações de predicação acima citadas correspondem ao conteúdo fundamental dos textos, sobre o qual se dá o estabelecimento da relação parafrástica.

No esquema de "lexis" das cinco primeiras relações predicativas, temos as noções de "ataque cardíaco" ou "ataque do coração" como um dos argumentos dessas relações. Esses argumentos são fundamentais para assinalar a causa da morte da atleta, visto que os textos dão importância ao fato que teria levado a velocista a óbito – o ataque do coração.

unesp

Com relação aos outros argumentos – "recordista, atleta, mulher e velocista" -, consideramos importante salientar que as noções correspondentes a tais argumentos trazem efeitos significativos diferenciados na interpretação dessas relações, embora não fuja do conteúdo temático contido nos textos. Observemos que a significação das noções acima citadas podem ser transpostas para o sentido de que o ataque cardíaco tenha matado seres humanos e não outro ser. Mas quando falamos em "recordista", "atleta" ou "velocista", não identificamos se se trata de um ser masculino ou feminino; quando falamos, porém, em "mulher", identificamos logo o sexo de quem tenha sofrido o ataque.

Verificamos, ainda, que as noções de "recordista", "atleta" e "velocista" tendem a sugerir uma maior valorização da pessoa, se comparadas com a noção de "mulher"; o mesmo acontece com o termo "recordista", valorizando mais a pessoa a que se refere se comparado com o termo "atleta", visto que "atletas" ou "velocistas" nem sempre são recordistas.

Atentando para os predicados "matar", "vitimar" e "sofrer", também verificamos sentidos alterados. Podemos fazer a transposição dos três termos acima para a idéia de "perda", "dano", "prejuízo". O verbo "matar", porém, indica o término, o fim de alguma coisa, ao passo que os outros verbos não indicam, necessariamente, o fim através da vitimação ou do sofrimento. Uma pessoa pode sofrer ou ser vítima de alguma coisa, mas não chegar ao término de sua existência. Os verbos *vitimar* e *sofrer* aproximam-se semanticamente, tendo em vista que eles remetem à idéia de algum tipo de dor ou constrangimento físico ou moral. Dessa maneira, percebemos como a



adequada escolha dos domínios nocionais são fundamentais para o êxito do efeito de sentido que se queira produzir, tornando, assim, o discurso mais ou menos extenso de acordo com as flechagens (Cf. 1.8) feitas no momento da enunciação.

Para que não houvesse perda de informações, teríamos que fazer um acréscimo na segunda e na quarta relação de predicação, inserindo a conseqüência de morte, na modulação do discurso, em decorrência do sofrimento e vitimação do ataque cardíaco da atleta, tornando, dessa forma, o enunciado mais extenso.

Na quinta relação predicativa, *ataque do coração – causar – morte de velocista*, optamos pelo predicado "causar", cujo complemento é o argumento "morte". Também verificamos, aqui, a necessidade do enunciado tornar-se maior devido à necessidade da colocação de que se trata da morte de uma velocista, esportista ou recordista.

Na última relação predicativa temos a atleta *Florence Griffith Joyner – morrer*. Há aqui o conteúdo tratando da morte de uma mulher. Dependendo do conhecimento do leitor ou de sua referência, ele poderá identificar que se trata da morte de uma atleta, havendo, porém, o prejuízo da informação da causa da morte de Florence; isso ocorre pela presença do verbo intransitivo e pela ausência do segundo argumento – "de ataque cardíaco".

Com exceção da quarta e da sexta relação de predicação, temos como ponto de partida ou primeiro argumento, a causa da morte da atleta – "ataque cardíaco" ou "ataque do coração". Há, portanto, nessas relações, uma valorização do que teria sido o motivo do falecimento da esportista e, ainda, a

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

chamada de atenção para a gravidade de um ataque cardíaco. Na quarta e na última relação de predicação, o ponto de partida é a vítima desse ataque, a recordista mundial Florence Griffith. A identificação da personalidade que sofreu a morte, porém, ocorre na última relação predicativa com a colocação do nome próprio "Florence Griffith", havendo, portanto, a chamada de atenção para o falecimento dessa personalidade.

Consideramos, no entanto, que o conteúdo ficaria completo se inserido na seguinte relação: *ataque cardíaco – matar – recordista Florence Griffith,* estando aqui, contemplados o falecimento da atleta, a causa do falecimento de uma **mulher recordista** e a identificação dessa recordista.

A partir dessas relações é estabelecida, então, mais uma relação de paráfrase entre os artigos, tendo em vista que os dados exclusivos ou os dados presentes em dois textos e ausentes num terceiro texto não interferem no estabelecimento das semelhanças de conteúdo entre os discursos.

3.5.3. A subjetividade da linguagem e as proximizações de conteúdo – 4ª análise

Mais uma abordagem a respeito das intencionalidades do enunciador, em relação ao co-enunciador, será efetuada em nosso trabalho. Partiremos para a observação das modalizações, da ordem dos dados nos artigos e de algumas marcas importantes, na superfície do discurso, para a composição da significação textual.

Inicialmente, atentemos para a questão da modulação, que marca as intenções do enunciador, no ato da enunciação.

Analisemos, mais uma vez, as manchetes dos jornais em estudo.

FOLHA DE SÃO PAULO

FLORENCE GRIFFITH JOYNER MORRE AOS 38 ANOS

O ESTADO DE SÃO PAULO

MORRE NOS EUA A RECORDISTA FLORENCE GRIFFITH

NOTÍCIAS POPULARES

ATAQUE DO CORAÇÃO MATA RECORDISTA

As relações predicativas a serem extraídas das manchetes são, respectivamente, as seguintes:

Florence Griffith Joyner – morrer – 38 anos;

Recordista Florence Griffith – morrer – EUA;

Ataque do coração – matar – recordista.

Os predicados das relações de "lexis", "morrer" e "matar", correspondem à noção de "morte". Notamos, porém, que as noções escolhidas para a "lexis" acima, mais uma vez, apresentam nuanças de significação.

Nas duas primeiras relações, temos, como ponto de partida, a atleta, vítima do ataque cardíaco. Na primeira relação, porém, não há marca de que o falecimento se trate de uma atleta, a menos que o leitor tenha, em seu sistema de referência, as conquistas dessa personalidade. Na segunda relação de

unesp

predicação, temos o chamamento de atenção para a morte de uma recordista e, ainda, ocorre a identificação dessa recordista. Contudo, na modulação dessa relação, o ponto de partida é o verbo "morrer" (predicado da "lexis"), tendo, na seqüência, o local do falecimento – "EUA" – seguido da identificação da recordista.

Na modulação da terceira relação de "lexis", temos o ponto de partida "ataque do coração". Como já dissemos em 3.5.1, a escolha desse ponto de partida valoriza a causa da morte da velocista. Na seqüência, temos o verbo "matar" na relação de "lexis". Esse verbo é um verbo transitivo, pedindo, portanto, um complemento, diferindo-se do verbo "morrer", contido nas duas primeiras relações predicativas. A modalização "ataque do coração mata recordista" transmite-nos um efeito significativo e uma sensação de vitimação da atleta em decorrência do ataque, assim como há a chamada de atenção para o perigo da doença, que pode manifestar-se subitamente.

As outras relações de "lexis" são mais próximas por conter um verbo intransitivo como predicado da relação de "lexis". Identificamos, na manchete da *Folha de São Paulo*, a modulação cujo ponto de partida é a identificação da personalidade que sofreu o falecimento – "Florence Griffith Joyner" – e cujo ponto de chegada é "38 anos". O enunciador procura marcar aqui que Florence morreu aos 38 anos, havendo a observação de sua pouca idade para chegar ao término de sua vida.

Na segunda manchete, não temos a atenção voltada à idade, mas sim ao local em que a recordista tenha falecido; e na manchete de *Notícias Populares*, podemos salientar, ainda, uma certa contradição contida no fato:

unesp

"ataque do coração mata recordista", parecendo-nos que um ataque de coração não combina muito bem com um atleta. Dessa forma, o leitor pode deduzir que qualquer pessoa é suscetível de sofrer tal ataque.

Se considerarmos apenas o conteúdo semântico das manchetes, verificamos que há uma transposição de sentido de "morte", contido nas três relações de "lexis", e que se trata da morte de uma recordista. Na atividade de proximização calcada nessas manchetes, teríamos que fazer as reduções efetuadas sobre os dados: "38 anos" (idade da esportista fornecida pela *Folha de São Paulo*); "EUA" (local do falecimento fornecido pelo jornal *O Estado de São Paulo*); "Ataque do coração" (motivo da morte fornecido pelo jornal *Notícias Populares*). A proximização de conteúdo das manchetes seria, então, "morte da atleta" ou "recordista – morrer", a partir da qual estabelecemos a relação parafrástica entre as manchetes.

Vejamos, agora, a importância da presença ou ausência de dados nos artigos e da ordem desses dados no texto.

Já havíamos colocado que alguns dados inseridos na *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* tendem a fazer uma valorização da esportista, o que não ocorre em *Notícias Populares* com a ausência desses mesmos dados.

O depoimento do médico Juan Manuel Alonso salientando as diferenças físicas da atleta em 1987 e 1988, sugerindo que essa diferença poderia ter sido em decorrência do uso de anabolizantes feito pela recordista, aumenta as suspeitas do "doping". Esse depoimento, estando ausente em *Notícias Populares*, acarreta uma nuança de sentido entre os textos. Essas suspeitas de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

"doping", porém, encontram-se claramente marcadas nos três discursos, embora, cada um à sua maneira.

Em *Notícias Populares*, por exemplo, a ordem dos dados contribuem para o aumento dessa suspeita. O artigo desse jornal, comparado com os outros textos, traz um resumo do acontecimento, mas o efeito de sentido causado pela ordem dos fatos é o de aguçar a idéia do uso de esteróides anabolizantes feito pela atleta.

Vejamos a seqüência dos fatos: no artigo da *Folha de São Paulo*, há a colocação da morte da atleta; o ataque de apoplexia sofrido há dois anos antes do falecimento de Florence; a negação do fornecimento de detalhes pela família a respeito desse ataque; declarações de Bill Clinton; as conquistas da atleta enquanto esportista e, em seguida, um quadro a respeito da suspeita de "doping". O enunciado contido no quadro do artigo inicia-se da seguinte maneira: *Apesar de nunca ter sido surpreendida no exame antidoping, Florence Griffith Joyner despertou a suspeita de ter utilizado substâncias proibidas para aumentar seu desempenho...* A nosso ver, a expressão "apesar de" faz pesar o tom de suspeita, como se admitisse uma suposta falha nos exames, ou ainda, mesmo que as suspeitas não pudessem ter sido provadas, elas não deixaram de existir.

Percebemos, na ordem dos dados desse quadro, que há uma alternância de acusação seguida de negação ou não comprovação do "doping", alimentando dúvidas sobre o uso de drogas por parte da corredora. Como exemplo, temos logo no primeiro parágrafo que: Florence despertou suspeitas, apesar de nunca ter sido surpreendida; suspeitas levantadas por

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Joaquim Cruz, seguida de sua declaração da impossibilidade de associação da morte da atleta ao uso de drogas; o fragmento que suscita suspeitas que vem logo em seguida à declaração de Joaquim Cruz, tendo, na seqüência, a fala de Florence negando o uso; a declaração do médico brasileiro Eduardo de Rose sobre os efeitos que podem ser causados pelo uso da droga, seguido de uma outra declaração desse médico de que nunca foi provado o "doping" da velocista e, por último, a declaração do médico Juan Manuel Alonso, levantando as suspeitas.

Notamos, portanto, que há uma alternância de levantamento de desconfianças seguida da negação ou não comprovação do uso de anabolizantes pela corredora.

N'*O Estado de São Paulo*, notamos que há uma intercalação entre os dados, onde estes parecem misturar-se uns com os outros. A seqüência dos dados principais são: Morte da campeã mundial; suspeita de "doping"; a não comprovação do "doping"; o horário da morte da velocista; a impossibilidade de salvamento; comentário sobre o ataque sofrido anteriormente pela atleta; o início da carreira de Florence; o abatimento de amigos; suspeitas; negação do "doping" feita pela corredora; declaração de Bill Clinton; estarrecimento de Nebiolo; e a abordagem sobre o "doping".

Vejamos que os dois jornais fecham a matéria com fragmentos que levantam dúvidas sobre a inocência de Florence em relação ao uso de anabolizantes.

O artigo de *Notícias Populares* traz uma seqüência de dados que nos dá a sensação de aumento das desconfianças do uso de drogas pela atleta.



Inicialmente, temos o dado da morte da corredora, aos 38 anos, devido ao ataque cardíaco. Em seguida, há o relato das principais conquistas da recordista. Após esse relato, há o dado do abandono das provas feito por Florence quando encontrava-se no auge da forma, em 1989, despertando suspeitas de "doping". Na seqüência, temos a negação do "doping" feita pela atleta, mas esse dado é seguido do depoimento do médico brasileiro a respeito dos efeitos causados pelo uso de anabolizantes. Após esse dado, temos a informação da convulsão sofrida por Florence em viagem aérea no ano de 1996.

Pela leitura que fizemos do texto – o despertar das suspeitas, seguido do depoimento do médico relatando que os anabolizantes podem até afetar o coração, levando à morte, que tem, na seqüência, o dado da convulsão da atleta, inferimos que o locutor teve a intenção de fazer um certo relacionamento entre os fatos – suspeitas, efeitos das drogas e convulsão sofrida pela esportista. A numeração dos efeitos nocivos acentua a noção do perigo do uso dos esteróides, e por não haver, no artigo do *Notícias Populares*, os outros dados de valorização da atleta, de declarações de amigos, da fala da corredora defendendo-se das acusações, etc., sentimos que o texto contém uma maior canalização para a questão da suspeita do "doping".

Além da observação da ordem dos dados referentes ao *Notícias Populares*, percebemos, nesse mesmo jornal, o termo "supostamente" colocado no início do discurso, causando um tom de dúvida ou suspeita em relação à causa da morte de Florence, e o mistério a respeito do "doping", que já começa a ser marcado e depois salientado pela ordem dos fatos.

Na *Folha de São Paulo* também encontramos o termo "aparentemente", salientando a mesma dúvida em relação ao "verdadeiro motivo do falecimento da atleta". N'*O Estado de São Paulo*, não encontramos, na superfície do discurso, os termos análogos a "supostamente" ou "aparentemente" e nem dúvidas em relação à causa da morte. Ao contrário dos outros jornais, *O Estado de São Paulo* deixa claro que o falecimento foi em decorrência do ataque cardíaco.

Consideramos desnecessário fazer, novamente, um comentário sobre as marcas que abordam a suspeita do uso de esteróides anabolizantes pela recordista, visto que já fizemos, anteriormente, menção a essas marcas.

Não esgotamos, contudo, as marcas de subjetividade que poderiam ser exploradas nos textos, mas consideramos suficientes as marcas estudadas para a firmação da importância das escolhas das noções e das modulações no discurso, refletindo a intencionalidade do enunciador em relação ao co-enunciador, e de como um estudo metalingüístico pode fazer com que o redator fique mais atento às construções textuais por ele produzidas.

Finalizamos, agora, a nossa última análise comparativa de textos deste trabalho, salientando que, embora os textos tragam, entre si, alguma diferenciação, detectadas nas análises, o reconhecimento de paráfrases foi possibilitado pelo reconhecimento das semelhanças significativas. Essas semelhanças foram identificadas através da atividade metalingüística de busca das proximizações de conteúdo e do estabelecimento de transposição de sentido entre os artigos.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Dessa forma, deparamo-nos com grupos de textos que, através das atividades de proximização e transposição de sentido, possibilitaram-nos o estabelecimento de uma forte relação parafrástica, que não condiz com uma identidade significativa, mas sim com uma semelhança de sentido entre os discursos.

CONCLUSÃO

unesp

CONCLUSÃO

unesp

CONCLUSÃO

As inquietações sobre a complexidade das atividades da linguagem sempre estiveram presentes em nosso cotidiano. Essas inquietações nos estimularam a realizar um trabalho voltado a operações de construção e reconhecimento da significação discursiva, tendo em vista que percebemos muitas diferenças relativas ao domínio e competências lingüísticas por parte dos usuários da língua.

Dessa forma, voltamos nossa atenção às operações enunciativas e a uma atividade natural da linguagem, a paráfrase, que acontece a partir das relações predicativas, possibilitada pelas operações de derivação parafrástica.

Através da análise comparativa dos textos jornalísticos, pudemos verificar a importância da atividade metalinguística para o processo de desenvolvimento do indivíduo enquanto utilizador do idioma.

Verificamos, também, que o tema escolhido para a execução desse trabalho, a paráfrase, condiz com uma atividade de metalinguagem que muito pode auxiliar no aprimoramento do indivíduo enquanto produtor de textos ou como reconhecedor de significações discursivas; isso porque o parafraseador ou o identificador de paráfrases procura manter relação com o processo de construção do sentido do discurso produzido pelo seu co-enunciador (produtor

unesp

do primeiro texto), visando a reconstituir ou reconhecer o significado, seguindo os mesmos mecanismos de construção do sentido do texto parafraseado. Mas para que os aspectos concernentes à paráfrase sejam tratados sem equívocos, é necessário que deixemos as concepções ingênuas sobre a paráfrase, apoiadas na igualdade de sentido entre os textos, ou na prática de dizer a mesma coisa através de outras palavras; é necessário passar a considerá-la como uma atividade calcada na produção ou reconhecimento de sentidos semelhantes entre discursos.

Essa produção ou reconhecimento de conteúdo semântico entre os discursos ocorre através das atividades de transposição e proximização de significações entre as noções, que fazem parte desses discursos, ou entre os enunciados que constituem o corpo discursivo.

O reconhecimento da semelhança de sentido, concernente à atividade parafrástica, acontece justamente devido ao fato de considerarmos as nuanças de significação produzidas nos enunciados pelo aspecto subjetivo da linguagem, sendo que este é inserido no âmago de uma teoria que engloba todos os fatores extralingüísticos que têm influência na produção discursiva como, por exemplo, fatores cognitivos, referenciais, físico-culturais, etc.

Portanto, a modulação de textos considerados como paráfrase conduz, não a uma igualdade, mas sim a uma semelhança de sentido, tendo em vista que a significação textual é influenciada por todos os fatores extralingüísticos acima citados; a significação textual é imbricada com a intencionalidade pragmática, sendo esta, adequada a um determinado contexto e observada

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

através do reconhecimento das marcas da subjetividade da linguagem, contida na superfície dos discursos.

Consideramos, então, que a atividade metalingüística de reconhecimento desses aspectos subjetivos abordados pelos estudos da teoria enunciativa de Culioli, juntamente com o reconhecimento de transposições e proximizações de significação, proporciona uma maior conscientização do indivíduo em relação aos processos de produção e interpretação discursiva, aumentando, assim, as possibilidades de um melhor desempenho lingüístico por parte do enunciador.

unesp

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. Campinas, SP: Pontes Editores, 1988.

_____. *Problemas de lingüística geral II*. Trad. de Wanderlei Giraldi. Campinas. SP: Pontes Editores, 1989.

BOUSCAREN, Janine. *Linguistique anglaise: initiation à une grammaire de l'énonciation*. Paris: Ophrys, 1991.

BRONCKART, J. P. A. Culioli: pour une linguistique du langage. In: BRONCKART,J.P. *Théories du langage - une introduction critique*. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1977, p. 309-335.

CERVONI, Jean. *A enunciação*. Trad. de L. Garcia dos Santos. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CULIOLI, Antoine. Sur qualques contradictions en linguistique. *Communications*, Paris, n. 20, p. 83 - 91, 1973.

_____. *Pour une linguistique de l'enontiation*. Paris: Ophrys, 1990.

DAHLET, Patrick. Leitura e construção do sentido: a perspectiva enunciativa. In: *A formação do leitor: o papel das instituições de formação do professor para a educação fundamental*. V. 4 - Cadernos Educação Básica - Série Institucional - MEC (Plano Decenal de Educação para Todos), 1994, p. 104 – 129.

DOTA, Maria Inez M. *Das estratégias de leitura às operações enunciativas: a modalidade*. Tese de Doutorado. FCL, UNESP-Araraquara, 1994.

FREGE, Gottlob. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

FUCHS, Catherine. *La paraphrase*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.

_____. Variations discursives. *Langages*, Paris, n. 70, p. 15-33, juin 1983.

_____. O sujeito na teoria enunciativa de A. Culioli: algumas referências. Trad. de Letícia Marcondes Rezende. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, SP, n. 7, p. 77-85, 1984.

_____. As problemáticas enunciativas: esboço de uma apresentação histórica e crítica. Trad. de Letícia Marcondes Rezende. *Alfa*, São Paulo, n. 29, p. 111-129, 1985.

FUCHS, Catherine & LE GOFFIC, Pierre. *Iniciation aux problèmes des linguistiques contemporaines*. Paris: Hachette, 1985.

GERALDI, João Wanderley. Convívio paradoxal com o ensino da leitura e escrita. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n.31, p. 127-144, 1996.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas: Pontes Editores, 1995.

_____. Língua e enunciação. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, SP, n. 30, p. 99 - 103, 1996.

JOLIVET, Remi. Le 'sujet' dans la theorie linguistique d'Antoine Culioli. *Cahiers du DLSL*, Lausanne, n. 4, 107-124, 1987.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L'énonciation: de la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin, 1980.

LARRIVÉE, Pierre. Compte rendu. *Langues e linguistique*, Paris, n. 22, p. 207 - 210, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 1996.

PAOLI, J. Antonio. *Comunicación e información: perspectivas teóricas*. Cidade do México: Editorial Trillas, 1994.

PARRET, Herman. *Enunciação e pragmática*. Trad. de Eni P. ORLANDI et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PINTO. Milton José. *As marcas lingüísticas da enunciação: esboço de uma gramática enunciativa do Português*. Rio de Janeiro: Editora Numen, 1994.

SERRANO, Manuel M. *La producción social de comunicación*. Madrid: Editorial Alianza Universidad Textos, 1994.

SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1971.

SODRÉ, Muniz & FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Editora Summus, 1986.

SOUESME, Jean-Claude. *Grammaire anglaise en contexte*. Paris: Ophrys, 1992.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Contribuições do verbo à coesão e à coerência textuais. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, nº 27, p. 71-84, 1994.

VIGNAUX, Georges. *Les discours acteur du monde*. Paris: Ophrys. 1988.

ANEXOS

ANEXOS

ANEXO 1 - Texto do jornal *Folha de São Paulo* – chacinas de 9 de maio

ANEXO 2 - Texto do jornal *O Estado de São Paulo* – chacinas de 9 de maio

ANEXO 3 - Texto do jornal *Notícias Populares* – chacinas de 9 de maio

ANEXO 4 - Texto da revista *Isto É* – Assassinato do comandante da guarda do papa

ANEXO 5 – Texto da revista *Veja* – Assassinato do comandante da guarda do papa

ANEXO 6 – Texto da revista *Isto É* – Conflito na Indonésia

ANEXO 7 – Texto da revista *Veja* – Conflito na Indonésia

ANEXO 8 – Texto do jornal *Folha de São Paulo* – Morte da recordista mundial

ANEXO 9 – Texto do jornal *O Estado de São Paulo* – Morte da recordista mundial

ANEXO 10 – Texto do jornal *Notícias Populares* – Morte da recordista mundial

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

ANEXO 1

3 ■ 4 cotidiano segunda-feira, 11 de maio de 1998 FOLHA DE S.PAULO

VIOLÊNCIA *Todas os crimes ocorreram sábado*

Onze morrem em três chacinas em SP

do "Notícias Populares"

Onze pessoas foram assassinadas em três chacinas no sábado na Grande São Paulo. As matanças aconteceram na zona leste de São Paulo e em Guarulhos.

A última delas, a 38º chacina do ano na Grande São Paulo, ocorreu às 22h50 no Jardim Primavera (zona leste). Quatro homens encapuzados invadiram um bar e mataram a tiros três fregueses. Depois de constatarem que as vítimas estavam mortas, eles fugiram.

A polícia identificou as vítimas como sendo Nonato dos Reis, 36, Luís Augusto Alves de Lima, 34, e Luís Augusto da Silva, 36.

As outras duas chacinas ocorreram pela manhã. Uma em Guarulhos, com cinco mortos, e outra na Vila Prudente (zona sudeste de São Paulo), com três.

ANEXO 2

SEGUNDA-FEIRA, 11 DE MAIO DE 1998 O ESTADO DE S.PAULO - C3

VIOLÊNCIA

37.ª chacina do ano deixa três mortos na zona leste

Foi o 2.° crime do gênero, que já resultou na morte de 132 pessoas em 1998, registrado no fim de semana

NATALIE ANTAR
Especial para o Estado

Três pessoas foram assassinadas com vários tiros no fim da noite de anteontem, em um bar da Rua Chiquinha Gonzaga, no Jardim Primavera, na zona leste da cidade. Segundo a polícia, essa foi a 37.ª chacina do ano na Grande São Paulo. Nesses crimes, em 1998, já morreram 132 pessoas e 20 ficaram feridas.

Eram 22h50 quando um grupo de amigos tomava cerveja na porta do bar. De acordo com informações de testemunhas, nesse momento, quatro homens encapuzados e fortemente armados, que chegaram ao local em um Opala preto, pararam na frente do bar e começaram a atirar. Depois, fugiram, sem que ninguém conseguisse anotar a placa do veículo.

VÍTIMAS TOMAVAM CERVEJA NA FRENTE DE BAR

Socorro – A Polícia Militar foi chamada e as vítimas ainda chegaram a ser socorridas no Pronto Socorro do Jardim Iva, na zona leste, mas não resistiram aos ferimentos. Na chacina, morreram o mecânico Nonato dos Reis Laranja, de 34 anos, o cozinheiro Luís Augusto Alves Lima, de 34, e o operário Carlos Augusto da Silva, de 36.

O caso foi registrado no 41.° Distrito Policial, na Vila Rica, zona leste de São Paulo. Os policiais, por enquanto, não têm pistas sobre o motivo ou os autores dos assassinatos.

17 horas – Num período de 17 horas, apenas no sábado, ocorreram duas chacinas na região metropolitana. A primeira, aconteceu por volta das 5 horas, em Guarulhos, na Grande São Paulo, onde cinco pessoas foram mortas com vários tiros.

Elas estavam num barraco na Favela das Malvinas, na periferia da cidade. A polícia ainda não identificou os autores dos assassinatos, mas suspeita que o crime foi resultado de dívida com traficantes. O outro caso foi o da zona leste.

De acordo com informações do Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP), dos 37 crimes do gênero ocorridos neste ano, 14 casos foram esclarecidos, sendo que 10 aconteceram na capital e 4 no restante da Grande São Paulo. Entre os principais motivos para tantos assassinatos, estariam dívidas com drogas e vingança.

Durante o ano passado, foram registradas 47 chacinas na região metropolitana, com um saldo de 162 mortos. Desses casos, 23 foram esclarecidos pela polícia. Este ano, em quatro meses e dez dias, o total de assassinatos desse tipo, nos quais mais de duas pessoas são mortas, já atingiu 78,7% dos crimes ocorridos nos 12 meses de 1997.

Matança no boteco do Jardim Primavera

ESSA FOI A TERCEIRA CHACINA DO SÁBADO E A 38ª DO ANO

NOTÍCIAS POPULARES Segunda-feira, 11 de maio de 1998

MANOEL VICTAL

Quatro homens encapuzados invadiram um boteco, sábado à noite, e executaram friamente 3 fregueses. A matança rolou no Jardim Primavera (zona leste).

Essa foi a terceira chacina registrada pela polícia apenas no sábado na Grande São Paulo. Foram 11 mortos. Desde o início do ano, já aconteceram 38 matanças nessa região.

A primeira e a pior carnificina do sábado foi às 5h05 da madrugada, em frente a uma espécie de "sacolão" do crack, na favela das Malvinas, em Guarulhos (Grande São Paulo).

Lá, 5 pessoas (três homens e duas mulheres) foram mortas a tiros num Voyage.

A segunda chacina rolou às 6h30 da manhã, na avenida Francisco Mesquita, favela da Vila Prudente, onde uma gangue ainda não-identificada matou 3 homens desconhecidos.

Os 3 amigos

O crime do Jardim Primavera aconteceu quando Nonato dos Reis, 36 anos, Luís Augusto Alves de Lima, 34, e Luís Augusto da Silva, 36, estavam bebendo cerveja e cachaça num bar da rua Chiquinha Gonzaga.

Outros fregueses também estavam no boteco quando 4 homens encapuzados e de revólveres em punho entraram.

A quadrilha caminhou na direção dos 3 amigos e os executou na frente das outras estarrecidas pessoas que se encontravam no barzinho.

Depois que viram os 3 caírem mortos, com o sangue jorrando dos seus corpos pelos furos feitos pelas balas, os encapuzados fugiram num Opala preto, que estava estacionado bem em frente ao boteco.

Matança de Guarulhos

Um suspeito de ter cometido a matança de Guarulhos, Cláudio Ivan da Silva, 20 anos, morreu no sábado à tarde.

A polícia recebeu denúncia de que o rapaz, conhecido por "Tava", seria um dos autores do crime e foi atrás dele. Ele teria ameaçado Kátia Oliveira Lima, 16, uma das vítimas da chacina.

Quando Tava percebeu a aproximação dos tiras, teria saído correndo com uma espingarda calibre 12 na mão.

Segundo a versão da polícia, Tava teria pulado um muro na fuga e a arma acabou disparando bem em direção a sua cabeça. Ele morreu na hora.

INTERNACIONAL

O pecado mora dentro

Num crime cercado de mistérios, soldado da guarda do papa mata comandante, sua mulher e se suicida

GINA DE AZEVEDO MARQUES, DE ROMA





A venezuelana Gladys e seu marido, o coronel Estermann: reputações acima de qualquer suspeita?

Caía uma chuva fina em Roma na noite daquela segunda-feira 4. Os paralelepípedos molhados refletiam as poucas luzes alaranjadas entre as sombras e o barulho dos passos nas vielas quase desertas. Ninguém notou quando o cabo Cedric Tornay, da Guarda Suíça do Vaticano, saiu do seu alojamento em direção ao apartamento do comandante, o coronel Alois Estermann. O soldado tocou a campainha, a porta foi aberta e, ato contínuo, cinco tiros foram disparados. Uma vizinha ouviu e foi ver o que estava acontecendo. Aterrorizada, encontrou no chão os corpos do coronel Estermann, de sua mulher, Gladys, e de Cedric Tornay. Eram cerca de 21 horas. O príncipe das trevas já podia esfregar as mãos de satisfação: sua obra fora perpetrada no interior dos sagrados muros de pedra do Vaticano.

"O cabo Tornay, ressentido pela falta de reconhecimento do seu superior, cometeu um ato de loucura. Antes do crime, ele escreveu uma carta à família e pediu a outro soldado que a entregasse no caso de algum acontecimento estranho. Depois do duplo homicídio, ele cometeu suicídio com a mesma pistola Sig Sauer 9 mm", explicou o porta-voz da Santa Sé Joaquín Navarro-Valls. Na versão oficial do Vaticano, o guarda-suíço de 23 anos e caráter rebelde assassinou o coronel Estermann e a sua mulher, Gladys, porque sofria. Sofria pela ausência de uma promoção, que lhe foi negada por Estermann. Sofria também por uma censura do comandante, porque não chegou ao quartel antes da meia-noite. Sofria porque ainda pensava numa ex-namorada. Sofria e, talvez por isso, recebeu a misericórdia do papa João Paulo II.

A versão da Santa Sé foi considerada "demasiadamente perfeita" por muitos especialistas em assuntos do Vaticano, porque exclui qualquer possibilidade de que o crime possa ter sido premeditado ou mesmo passional, além de não esclarecer muitas lacunas. O jornalista e cineasta Mario Biasetti, 71 anos, que conhecia pessoalmente o casal, é um dos poucos que vai na contramão da desconfiança generalizada. "Da senhora Gladys e mesmo do coronel Estermann não é possível suspeitar de nada. Não se sabe se o criminoso era homossexual, mas, na minha opinião, se Tornay fosse pay os outros soldados diriam ou dariam a entender qualquer coisa num momento delicado como este", disse Biasetti a ISTOÉ. Produtor de filmes para a rede americana CBS, Biasetti fez um documentário de 50 minutos sobre a Guarda Suíça, *Os soldados do papa*.



Cedric Tornay: carreira frustrada

Aparentemente, os três personagens do drama eram pessoas absolutamente normais. O coronel Alois Estermann, 43 anos, acabara de ser nomeado pelo papa comandante da Guarda Suíça do Vaticano. Ele estava na instituição há 18 anos – nove dos quais como vice-comandante –, era um católico praticante que, além da atividade militar, cursou Teologia no Instituto Caymari de Roma. Nasceu no vilarejo suíço-alemão de Grunzwil, no cantão de Lucerna, e ficou conhecido como o fiel defensor do papa depois de tê-lo socorrido no atentado em 13 de maio de 1981, quando o terrorista turco Ali Agca disparou três tiros no Sumo Pontífice na Praça de São Pedro. "Ele era uma pessoa de comportamento exemplar, correto. Suas funções militares exigiam uma rigidez e severidade com os soldados, mas nada fora do normal. Falei com ele quatro horas antes do crime e Estermann estava contente por ter sido finalmente nomeado para o cargo de comandante da guarda", disse Mario Biasetti. A esposa de Estermann, a venezuelana Gladys Meza Romero, 49 anos, era conhecida como uma mulher exemplar. Trabalhava na embaixada da Venezuela junto à Santa Sé, estudava Direito Canônico e Civil e, apesar de o casal não ter filhos, dedicava-se às obras de caridade. Morena com a típica beleza latino-americana, foi modelo e uma das raras policiais femininas de seu país.

O cabo Cedric Tornay, 23 anos, originário de Martigny na Suíça francesa, viveu a maior parte da sua vida em Saint-Maurice (cantão de Valais), onde era conhecido como um jovem de boa educação e sem manchas na reputação. Ele entrou na Guarda Suíça em 1º de dezembro de 1994 e prestou juramento em 6 de maio de 1995. Em 12 de fevereiro último, recebeu uma advertência de Estermann porque passou a noite fora sem motivo justificado. Na lista divulgada em 4 de maio, dia do assassinato, o seu nome não constava entre os militares que seguiriam a carreira, o que significava que o comandante lhe havia determinado a baixa.

A vida reservada e os segredos guardados a sete chaves na Santa Sé sempre excitaram a imaginação popular, alimentando fantásticas teorias conspiratórias, ou pelo menos passando a idéia de que há algo de podre no reino do Vaticano.





Atentado em 1981, na Praça São Pedro: Estermann (destaque) tenta proteger o papa

"Não eram gays"

Três dias depois do crime, ISTOÉ marcou um encontro secreto no Vaticano com uma das últimas pessoas a ver o cabo Tornay vivo. V.B., 38 anos, é guarda-suíço desde 1979, e prefere que seu nome não seja revelado.

ISTOÉ – *O que você acha da versão oficial e das suspeitas do caso?*

V.B. – Eu conhecia bem o soldado Tornay. Nos encontramos cerca de 45 minutos antes que o crime acontecesse. Ele estava muito mal porque não havia sido incluído na lista dos promovidos a mais um ano na Guarda Suíça. Mas jamais pude pensar que ele pudesse cometer uma loucura destas. Por outro lado, não há outra explicação.

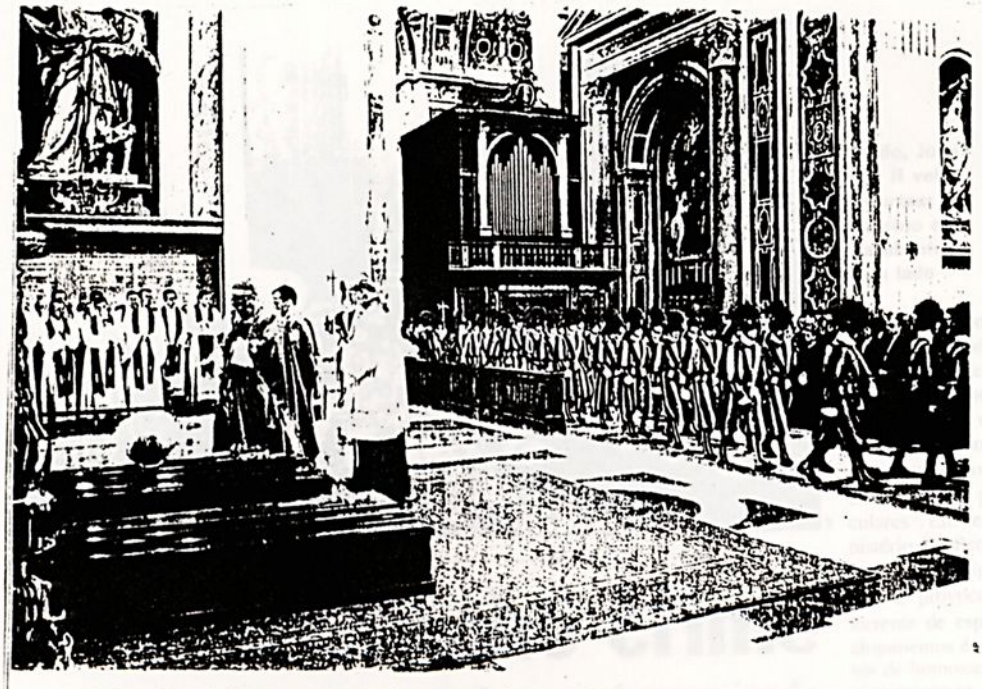
ISTOÉ – *Supeita-se de que ele fosse homossexual.*

V.B. – Na verdade não podemos saber o que acontece dentro das paredes de cada quarto. Existe entre nós a cultura do respeito pela privacidade. Contudo, nem Tornay nem o coronel Estermann demonstraram algo de estranho como uma relação escondida entre eles. Não acredito que fossem gays nem em alguma história com a sra. Gladys.

ISTO É – *O caráter rígido do coronel Estermann pode ter desencadeado um gesto de loucura?*

V.B. – Ele era severo, mas temos que analisar sob outro ângulo. Estermann era militar e não era latino, a cultura é diferente.

ANEXO 4 – (CONTINUAÇÃO)



O funeral de Estermann e Gladys na basílica de São Pedro: verdade enterrada

O jornalista britânico David Yallop, por exemplo, escreveu um livro (*Em nome do Pai*) no qual sustenta que o papa João Paulo I, antecessor de João Paulo II que morreu depois de um pontificado de apenas 33 dias, foi envenenado por elementos da Cúria porque queria investigar os escândalos do Banco do Vaticano. Mas os aprendizes de Poirot não precisam ir tão longe para se exercitar. Basta lembrar o estranho precedente do crime do cabo Tornay. Em 1959, durante o pontificado de João XXIII, o comandante da Guarda Suíça Robert Nuenlist foi baleado pelo soldado Adolf Ruecker, que em seguida tentou o suicídio. Os dois saíram feridos e somente o caso morreu.

Seja como for, os fatos envolvendo o assassinato de Estermann, sua esposa e Tornay têm vários pontos que não foram inteiramente explicados pela versão oficial, o que vem provocando inúmeras especulações. Suspeita-se, por exemplo, de que a Santa Sé sabia de alguma coisa comprometedora para a reputação de Estermann. Senão, como explicar o fato de ele, tido como funcionário de extrema confiança do papa, ter que esperar sete meses para ser confirmado no posto de comandante supremo da Guarda Suíça, desde que o coronel Roland Buchs pediu demissão? "Isso talvez tenha ocorrido por causa de suas origens humildes. Os guardas-suíços são considerados um corpo de elite, apesar do baixo salário que recebem", acredita o jornalista Biasetti. "O soldado ganha no máximo US$ 1.000 e um oficial não supera US$ 3.000. É difícil encontrar alguém disposto a cumprir uma função de tanta responsabilidade e ganhando tão pouco", raciocina.

De acordo com a versão oficial, a esposa Gladys estava casualmente presente quando o cabo Tornay tocou a campainha e entrou no apartamento. "Ela tentou fugir e foi atingida com um tiro mortal", explica Navarro-Valls. Não ficou esclarecido se o soldado atirou primeiro na mulher ou no seu comandante, mas o Vaticano afirma que o corpo de Tornay foi encontrado com um tiro na boca, de bruços, com a arma abaixo do peito. O que criminologistas não conseguem entender é como um sujeito que dispara na própria boca pode ser encontrado na posição descrita pelo porta-voz. Estranhamente, nem o exame balístico foi divulgado.

Além disso, existem pelo menos três detalhes inquietantes que a versão oficial do Vaticano não esclarece:

1) No local do crime foram encontrados quatro copos vazios sobre a mesa no apartamento do coronel Estermann. Pode ser que o comandante estivesse comemorando a sua promoção com a esposa. Mas quem eram os outros dois convidados?

2) No dia seguinte ao assassinato, um religioso contou que estava falando no telefone com Estermann no exato momento do crime. Quem é este religioso e o que ele escutou?

3) Entre as indiscrições não-oficialmente confirmadas, vazaram algumas informações sobre a carta de Tornay à família. Algumas frases a ele atribuídas: "O que estou para fazer é com a finalidade de que não sejam cometidas outras injustiças... Aquilo que eu farei, foram eles que me obrigaram..."

A irmã do cabo, Melinda Tornay, está convencida de que o Vaticano nunca dirá toda a verdade. "Ninguém nos informa nada. Eles dirão sempre a versão que lhes for conveniente." Desse crime muito ainda vai se falar. A investigação dependerá do que o Vaticano estiver disposto a contar. Como Estado, a Santa Sé pode se valer do segredo. O Vaticano é conhecido por suas obras de caridade, mas também pelos aspectos sinistros que, dentro dos próprios muros, foram cúmplices dos mistérios da história de vários séculos. ■

Os soldados do papa

Fundada em 1506 pelo papa Júlio II, a Guarda Suíça é responsável pela segurança do Vaticano. Com roupas desenhadas por Michelangelo, a guarda tem funções cerimoniais na maior parte do tempo, mas, em trajes civis, também faz a segurança pessoal do pontífice. A única "divisão" do papa não chega sequer a formar um batalhão: é composta, hoje, por 100 homens – o menor Exército do mundo. Os soldados são todos voluntários, suíços e católicos, com altura mínima de 1,75m. Para ingressar na corporação, o jovem precisa ser solteiro e ter entre 19 e 30 anos. Eles levam uma vida dura, submetidos aos rigores das normas militares e às da Igreja, que proíbem até o uso de camisinha. Eles podem sair da Cidade do Vaticano em traje civil, mas, como cinderelas, são obrigados a voltar ao alojamento antes da meia-noite, mesmo nos dias de repouso. Em 6 de maio de 1527, a guarda protegeu a fuga do papa Clemente VII durante o saque de Roma pelos alemães, o que custou a vida de 147 homens. O Pontífice salvou-se correndo por uma passagem secreta que liga a Praça São Pedro ao castelo de Sant'Angelo.

ANEXO 5



Abatido, João Paulo II vela os mortos: assassino e assassinados lado a lado

Um estranho crime

Comandante da guarda do papa é assassinado por subalterno que se suicida em seguida

Duas balas foram para o coronel Alois Estermann. Uma terceira bala estraçalhou a medula de sua mulher, a venezuelana Gladys Meza Romero. A quarta, o cabo Cedric Tornay meteu na própria boca. E a quinta bala, a que faltava no total de seis do tambor de seu revólver, onde foi parar? Esse é apenas um dos mistérios do crime que abalou o Vaticano na segunda-feira passada, quando Tornay aparentemente matou seu chefe, recém-efetivado como comandante da Guarda Suíça, a mulher dele, e se suicidou em seguida. O mistério talvez pudesse ser iluminado pela carta que Tornay entregou uma hora e meia antes do crime a um colega, para que a enviasse a sua família caso lhe acontecesse alguma coisa. Essa carta, porém, não havia alcançado seu destino até o final da semana. O Vaticano, segundo o porta-voz Joaquin Navarro-Valls, tinha uma cópia, mas deixaria a família de Tornay decidir se revelaria ou não seu conteúdo. Trechos da carta, no entanto, acabaram veiculados pela imprensa italiana. "Depois de três anos, seis meses e três dias, eles ainda não me deram uma medalha", diz um dos trechos. "Tenho de evitar outras injustiças. Fui forçado a fazer o que fiz."

Se verdadeira, a carta confirma que Cedric Tornay, de 23 anos, estava fora de si por ter seu nome excluído da lista dos guardas que seriam condecorados no dia 6 pelo papa João Paulo II. No dia da cerimônia, evidentemente cancelada, os três, assassino e assassinados, foram velados por um papa abatido com o crime e a perda do chefe da guarda, que arriscou a vida para tentar protegê-lo do atentado sofrido em 1981. Criada há quase 500 anos, a Guarda Suíça é o menor exército do mundo: apenas 100 homens, responsáveis pela segurança do papa. Seus membros, todos suíços, precisam ter menos de 30 anos, mais de 1,75 metro e "moral ilibada" ao ingressarem.

O crime foi particularmente chocante por ter ocorrido no apartamento do casal, dentro da Cidade do Vaticano, a poucos metros do Palácio Apostólico, onde mora o papa. Também causou estranheza a rapidez com que o hábil Navarro-Valls deu uma explicação pronta e acabada: "Foi um acesso de loucura de uma pessoa com características psicológicas muito particulares". Em vez de delegar o caso ao Ministério Público italiano, o Vaticano entregou a investigação a seu próprio juiz. A pressa provocou inevitavelmente uma torrente de especulações. "O clima nos alojamentos é pesado. Havia furtos, boatos de homossexualismo, deserções", especificou um ex-membro da Guarda Suíça, Hugues de Wurstemberg.

Outros guardas, no anonimato, confirmaram a animosidade entre Estermann e seu jovem comandado. Em fevereiro, Tornay foi advertido por passar uma noite fora, desafiando o regulamento. Depois, teve a medalha recusada. Discutiram. Basta para explicar o desfecho trágico? Melinda Tornay, irmã do cabo morto, garantiu que ninguém entregou a famosa carta à família, e acusou: "Acho que o Vaticano não nos contará toda a verdade sobre a morte de Cedric". ■



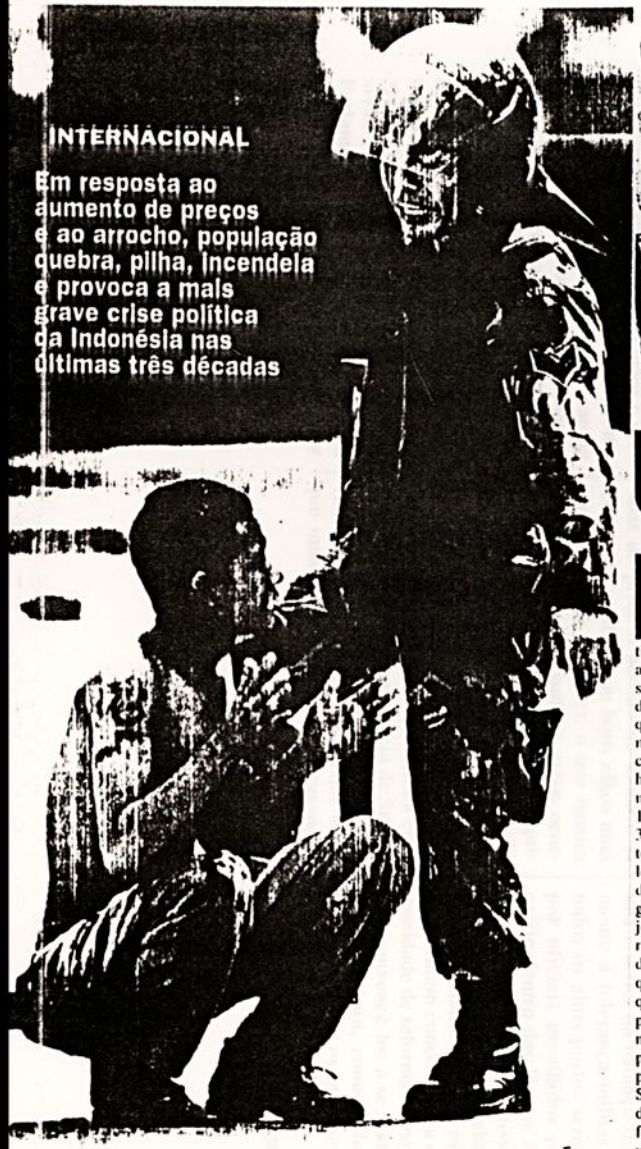
REUTERS



Cedric Tornay, o casal Estermann e, no mapa, a cena do crime que abalou o Vaticano: pressa na explicação gera especulações

INTERNACIONAL

Em resposta ao aumento de preços e ao arrocho, população quebra, pilha, incendeia e provoca a mais grave crise política da Indonésia nas últimas três décadas



Soldado intimida manifestante: repressão foi a gota d'água para protestos





Corpos carbonizados (à esq.) e depredações em Jacarta: 165 mortos numa semana de caos

UMA DITADURA EM CHAMAS

Por 32 anos eles aguentaram o regime do general Suharto. Calado pelos tanques e afagado pelo crescimento econômico de cerca de 7% nos últimos anos, o povo indonésio tinha aprendido a conviver com o ditador sanguinário, que assumiu o controle do país em 1965 depois de um golpe que provocou a morte de mais de meio milhão de pessoas. Mas agora, com o colapso econômico dessa ex-colônia holandesa e ex-tigre asiático, que é o maior arquipélago do mundo, com 17.500 ilhas, 200 milhões de pessoas, 300 etnias e 500 línguas, o sentimento geral é um: basta! Encorajadas pelos estudantes, que têm formado uma das maiores frentes de oposição ao regime, milhares de pessoas, a maioria jovens desempregados, tomaram as ruas da capital Jacarta e de outras cidades do país destruindo carros, saqueando lojas e tocando fogo em tudo que viam pela frente, em especial propriedades da minoria de origem chinesa, que representa menos de 5% da população e detém 80% da riqueza do país. A casa do bilionário chinês Liem Sioe Liong, o homem mais rico da Indonésia e amigo íntimo de Suharto, foi saqueada e incendiada. O vale-tudo urbano durou três dias e custou a vida de pelo menos 165 pessoas. Um shopping center da região leste da capital, de dez milhões de pessoas, foi incendiado, na noite de quinta-feira, por manifestantes enfurecidos que não perceberam que ainda havia gente saqueando as lojas. Depois que as chamas se extinguiram, foram encontrados pelo menos 110 corpos carbonizados.

A violência no país veio num crescendo desde a quebra das Bolsas asiáticas, em outubro do ano passado. Em março, protestos durante a sétima eleição indireta de Suharto – a escolha é feita por uma Assembléia quase integralmente indicada por ele – provocaram a morte de mais de 300 pessoas. A essa altura, o país, um paraíso tropical onde se localiza a famosa ilha de Bali, já havia se transformado num inferno (literalmente, aliás, já que uma seca provocada pelo fenômeno do El Niño produziu incêndios gigantescos nas florestas do país). Nos últimos dias, as manifestações tiveram como estopim as medidas econômicas que o governo foi obrigado a tomar no dia 4 para atender condições que o Fundo Monetário Internacional, o FMI, impôs para liberar um pacote de US$ 40 bilhões. Houve aumentos de 70% a 100% nos preços da gasolina, da passagem de ônibus e de trem. A revolta veio no mesmo dia, em várias cidades. Os choques com a polícia deixaram um número extra-oficial de dez mortos. Na terça-feira 12, na Universidade Trisakit, em Jacarta, uma manifestação pacífica de estudantes que exigiam a renúncia de Suharto foi brutalmente reprimida pela polícia, que matou seis alunos. Foi a gota d'água.

No dia seguinte, colunas negras da fumaça de carros e prédios incendiados subiam aos céus da capital compondo um cenário apocalíptico, onde aqueles que mais sofreram com os desmandos do velho general de 76 anos e com a crise econômica que acabou com oito milhões de empregos fizeram a hora numa catarse coletiva. A polícia e o Exército perderam o controle da situação. Bancos, lojas, serviços públicos, tudo parou. Cidadãos estrangeiros, dos EUA, da Malásia, do Japão, da França, da Austrália, funcionários de multinacionais e de órgãos internacionais começaram a evacuar o país, muitos deles organizando-se em grupos para chegar ao aeroporto de Jacarta. Nos saguões completamente abarrotados, famílias inteiras assustadas com a proporção dos acontecimentos aguardavam ansiosas o momento de partida.

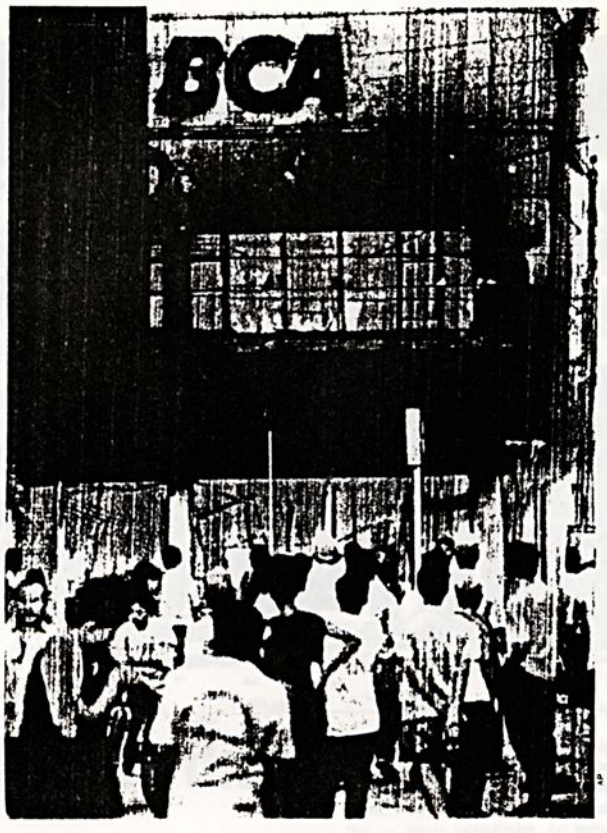


Suharto na corda bamba: "Vou me tornar um sábio"

ISTOÉ/1494-20/5/98

ANEXO 6 – (CONTINUAÇÃO)

Fogo no banco chinês de Solo, a 400 km da capital: minoria étnica na mira



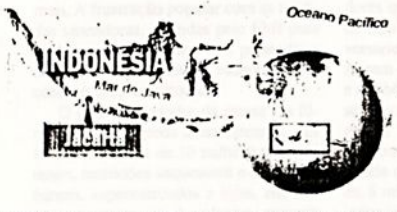
Na sexta-feira 15, todos os vôos estavam lotados e os governos de países estrangeiros já começavam a mandar aviões militares para tirar de lá seus cidadãos. "Não há táxis, ônibus, não há nada. Você só consegue o que você for capaz de organizar", relatou o engenheiro australiano Bob Eifield, um dos que tiveram sorte não só de conseguir chegar ao aeroporto como de pegar um vôo na sexta-feira para Cingapura, onde os hotéis estão lotados de refugiados. "Não vou voltar para Jacarta. Está uma desordem total e ainda não consigo entender como conseguimos sair", exclamou Norhayati Noor, que escapou com seu marido, um empresário da Malásia. Na quinta-feira 14, relatos de estrangeiros que deixaram o país davam conta de que, na estrada que liga a capital ao aeroporto, indonésios ergueram barricadas e começaram a cobrar "pedágio" dos carros que passavam e, chegaram a queimar vários veículos pertencentes a chineses.

Apesar de pelo menos 17 pessoas terem morrido em confrontos com a polícia na quarta e na quinta-feira, as tropas do Exército não abriram fogo contra a população. Gozando de certo prestígio entre os indonésios, na capital e em muitas cidades, os militares foram aplaudidos pelos manifestantes e alguns deles chegaram a se solidarizar com o povo, apertando mãos e oferecendo água de seus cantis. À noite, adolescentes chegaram a pegar carona em carros de combate para retornarem para casa. O general Wiranto, ministro da Defesa e chefe das Forças Armadas, disse que não era necessário impor toque de recolher nem ordenar que os soldados disparassem contra os manifestantes. "Nós preferimos usar prevenção e persuasão que medidas repressivas", declarou o general perante o Parlamento. Ele é o segundo homem mais forte do país e provável sucessor de Suharto. A posição das Forças Armadas permaneceu ambígua, embora tendendo para o lado do regime, e pessoas do próprio partido de Suharto já começam a olhar com bons olhos uma eventual troca de poder, o que mostra que as agitações também estão ocorrendo intramuros. Na principal mesquita de Jacarta (o país é a maior nação muçulmana do mundo), Amien Rais, presidente do Muhammadiyah, organização religiosa que congrega 28 milhões de fiéis, exortou estudantes a continuarem exigindo a renúncia de Suharto nas ruas. Palavras que surpreenderam por sair da boca de Rais, que sempre manteve um discurso de oposição moderado. Junto com um grupo de 50 intelectuais, que divulgaram um manifesto pedindo a queda do líder, ele articulava a formação de um governo provisório para substituir o atual.

O caos generalizado pegou de surpresa o ditador, que estava no Egito participando da conferência do G-15, da qual fazem parte países em desenvolvimento. Na quarta-feira 13, ainda no Cairo, ele fez uma declaração bombástica: "Se não sou mais confiável, vou me tornar um sábio e tentar me aproximar de Deus. Vou passar meu tempo guiando meus filhos para que se tornem pessoas boas, vou guiar a comunidade e vou dar conselhos." Nas primeiras horas da sexta-feira 15, Suharto voltou a Jacarta e repetiu o teor das declarações. Mas analistas políticos não se deixaram impressionar pelas palavras do general. Ele já fez proclamações semelhantes ao longo dos 32 anos de sua tirania, sem contudo afrouxar sua mão do poder. Na sexta-feira, o dia amanheceu mais calmo, com blindados ocupando pontos estratégicos da capital e de outras cidades. Na tentativa de acalmar a população, o governo voltou atrás no aumento de preço de alguns produtos. Poucos focos de incêndio ainda resistiam e, na capital, muitas pessoas tentavam reconhecer, sem sucesso, parentes mortos no incêndio do shopping center. A pior crise do governo ditatorial em três décadas continua e o fiel da balança será provavelmente a liderança militar. Apesar de todos os altos postos serem ocupados por oficiais escolhidos por Suharto, existe dentro das Forças Armadas um sentimento de compromisso com a população, o que poderia abalar a fidelidade ao ditador. Alguns oficiais já demonstraram concordância quanto à necessidade de reformas e estudantes tentam convencê-los a se juntar a eles. A questão agora, como colocou Amien Rais, é saber se os militares vão apoiar o presidente ou a nação. ■

VULCÃO EM ERUPÇÃO

Para entender a crise indonésia



Ditadura desde 1965

Crise financeira dos tigres

Arrocho imposto pelo FMI

Minoria chinesa controla 80% da economia

ANEXO 7



Morto aos pés da polícia: na volta, presidente encontra caos nas ruas

Internacional — Indonésia

Cenas dos últimos dias

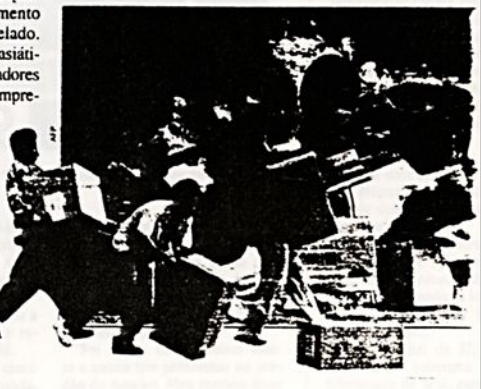
Em clima de fim de regime, protestos e saques convulsionam o país que Suharto não controla mais

Há regimes que acabam em festa, como foi a Revolução de Veludo na antiga Checoslováquia, há outros que vão a pique num banho de sangue. Os 32 anos de poder do presidente Suharto na Indonesia caminhavam perigosamente, até o fim da semana passada, para a segunda opção. Os protestos, iniciados sob a forma de manifestações estudantis convencionais, avançaram para o campo da anarquia generalizada. O país era o retrato do caos: choques com a polícia, tanques nas ruas, incêndios, pilhas de cadáveres, serviços essenciais paralisados, negócios fechados e estrangeiros, ricos ou apenas remediados assediando os aeroportos, em pânico. Foi isso o que Suharto encontrou na sexta-feira, ao voltar às pressas de uma mal planejada viagem ao exterior, e tentou reverter com a promessa de cancelar os aumentos de preços de produtos essenciais que desencadearam a revolta. Tarde demais. A frustração popular com as medidas saneadoras, exigidas pelo FMI para liberar os empréstimos que pretendiam resgatar o país da crise, já estava dirigida contra o próprio autocrata.

O poder assustador da massa em fúria foi visto em toda a sua extensão. Em Jacarta, a capital de 10 milhões de habitantes, multidões saqueavam e destruíam bancos, supermercados e lojas, em boa parte pertencentes à próspera minoria chinesa, tradicional bode expiatório dos indonésios em momentos de crise. Uma turba invadiu e queimou a casa do homem mais rico da Indonésia, o empresário chinês Liem Soeil Liong, grande amigo de Suharto. A ausência de fronteiras entre protesto político e quebra-quebra produziu as maiores tragédias. Saqueadores atearam fogo numa loja de departamentos de cinco andares, causando a morte de 110 pessoas que participavam do arrastão e não tiveram tempo de fugir. Outros três shopping centers — símbolo do crescimento econômico da Indonésia, brutalmente interrompido pela crise asiática — foram incendiados. Ao todo, o número de mortos passava de 200, na medida em que era possível contá-los.

Contrato cancelado — Suharto é um refinado sobrevivente da estirpe de ditadores que se mantêm no poder à custa de habilidade política, arrocho nos adversários, cooptação das forças que interessam — especialmente os militares — e também um contrato social tácito. Esse contrato, baseado na promessa de desenvolvimento econômico, foi cancelado. Desde o início da crise asiática, 8 milhões de trabalhadores indonésios perderam o emprego e a inflação chegou a 45% em abril, um recorde em duas décadas. A promessa de recuperação seria o socorro do FMI, mas esse pode se transformar num caso comprovado em que o remédio mata o doente antes até de ser engolido.

As insinuações de Suharto, de que poderia deixar o poder desde que de forma ordenada, por meio dos mecanismos institucionais e em prazo não estabelecido, só serviram para agitar ainda mais a situação. A Indonésia encontrava-se, na semana passada, na situação clássica de país com um regime sufocante, que não abre espaço para uma oposição organizada, que seria a alternativa de poder para os momentos de crise. Como de hábito nesses casos, o fiel da balança eram as Forças Armadas. Se os militares concluíssem que não vale a pena pagar o preço da restauração da ordem e da manutenção do regime — inevitavelmente, um banho de sangue —, talvez houvesse a chance de uma saída menos traumática. Os generais se reúnem, explicam a Suharto que não dá mais e garantem uma retirada tranqüila do país para o presidente e sua milionária família. As cenas de soldados confraternizando nas ruas com manifestantes possivelmente conscientizaram a cúpula militar de que estava na hora de bater continência para um novo chefe. Até o fim da semana passada, contudo, era difícil arriscar qualquer previsão sobre o futuro de Suharto. Ou de seu país. ■



A anarquia dos saques: sem limite entre protesto e quebra-quebra

ANEXO 8

3 ■ 12 FOLHAesporte terça-feira, 22 de setembro de 1998

ATLETISMO *Velocista norte-americana, dona dos recordes mundiais dos 100 m e 200 m rasos, obteve 3 ouros em Seul-88*

Florence Griffith Joyner morre aos 38

das agencias internacionais

A velocista norte-americana Florence Griffith Joyner, recordista mundial dos 100 m e 200 m rasos e tres medalhas de ouro em Seul-88, morreu aos 38 anos, aparentemente vitima de um ataque cardiaco, em sua casa, nos EUA.

O porta-voz da Federacao Norte-Americana de Atletismo, Pete Cava, não soube precisar quando ocorreu a morte da atleta.

Há dois anos, Florence Griffith Joyner havia sofrido um ataque de apoplexia (perda temporaria de funcão cerebral) em um vôo de Los Angeles para Saint-Louis e teve de ser internada.

Na época, a família da atleta não quis fornecer detalhes.

O presidente dos EUA, Bill Clinton, lamentou a morte da velocista. "Ficamos deslumbrados com sua velocidade, impressionados pelo seu talento e cativados por seu estilo", afirmou.

"Apesar de ter atingido o ápice do mundo desportivo, nunca esqueceu de suas origens e empregou tempo e recursos para ajudar as crianças, especialmente aquelas de bairros mais necessitados", completou o presidente.

Florence Griffith Joyner ocupou o cargo de co-presidente do Conselho de Educação Física, orgão criado para desenvolvimento do esporte nos EUA.

A corredora era casada com Al Joyner, campeão olimpico em Los Angeles-84 do salto triplo, e cunhada da seis vezes medalhista olimpica e recordista mundial do heptatlo, Jackie Joyner-Kersee.

Apos o vice-campeonato olimpico em Los Angeles-84 nos 200 m, Florence abandonou as pistas.

O retorno aconteceu no Mundial-87, em Roma, onde também conseguiu a medalha de prata.

Nas seletivas norte-americanas para a Olimpiada de Seul-88, a corredora começou a despertar a atencão do mundo.

Em 16 de julho de 1988, Florence correu os 100 m rasos com um uniforme desenhado por ela mesma, aderente ao corpo e que cobria apenas uma das pernas, e quebrou o recorde mundial.

A velocista cravou 10s49. A marca anterior pertencia a Eveivn Ashford, com 10s76. Até então, o melhor tempo da carreira de Florence era 10s89.

A marca também surpreendeu pelo fato de ser 27 centésimos abaixo da marca anterior. Desde 1968, a maior queda do recorde mundial era de 13 centésimos (veja quadro ao lado).

Na mesma competição, Florence correu os 200 m rasos em 20s77 e ficou a seis centesimos do recorde das alemães orientais Marita Koch e Hieke Dreschler.

A corredora também ganhou fama por suas longas unhas —sempre pintadas.

Na Olimpiada de Seul-88, a atleta atingiu o auge: venceu três provas —os 100 m, os 200 m rasos e o revezamento 4 x 100 m rasos— e foi prata nos 4 x 400 m rasos.

Nos 200 m rasos, ela chegou a quebrar o recorde mundial duas vezes em um periodo de uma hora e meia. Nas semifinais, marcou 21s56 e na final, estabeleceu 21s34, marca que persiste até hoje.

Na mesma competicão em que o velocista canadense Ben Jonhson foi suspenso por quatro anos devido ao uso de esteróides anabolizantes, caiu sobre Florence Griffith Joyner a suspeita do doping (leia texto ao lado).

O desempenho em Seul valeu a Florence o prêmio de melhor esportista norte-americana de 88.

Em fevereiro de 89, apenas cinco meses após brilhar na Olimpiada, a atleta anunciou sua decisão de abandonar as pistas e se dedicar as carreiras de atriz e escritora.

Em 1996, Florence Griffith Joyner tentou voltar às pistas para disputar a Olimpiada de Atlanta, mas uma contusão no tendão de Aquiles da perna direita atrapalhou seus planos.

"Foi muito duro. Treinei muito e nunca tive problemas no tendão de Aquiles. Meu marido disse que estou ficando velha", afirmou na epoca a corredora.



France Presse e Editoria de Arte

A velocista norte-americana Florence Griffith Joyner comemora com a bandeira de seu país a vitoria nos 100 m rasos na Olimpíada de Seul-88

Atleta esteve sob suspeita

das agencias internacionais

Apesar de nunca ter sido surpreendida no exame antidoping, Florence Griffith Joyner despertou a suspeita de ter utilizado substancias proibidas para aumentar seu desempenho.

O corredor brasileiro Joaquim Cruz, campeão olímpico em Los Angeles-84 e medalha de prata em Seul-88, levantou suspeitas do uso de doping por vários atletas, inclusive a norte-americana, durante os Jogos da Coréia do Sul.

"Prefiro não fazer nenhum comentário. Não podemos associar a morte dela ao doping", disse Cruz, ontem. "Conheço atletas que nunca se doparam e morreram correndo."

A velocista decidiu abandonar o atletismo no momento em que as tecnicas dos exames antidoping estavam se sofisticando e poucos depois do escandalo do velocista Ben Jonhson (Canadá), banido do esporte por uso de doping.

"Passei por uma infinidade de controles antidoping e tambem em Seul. Nunca foi detectado nada", defendeu-se a atleta, em 88.

O médico brasileiro Eduardo de Rose, membro do Comitê Olímpico Internacional, disse que o uso de anabolizantes (substância para aumento da massa muscular) pode causar problemas coronários.

"Mas não podemos relacionar uma coisa com outra. Nunca foi provado o uso de drogas por parte de Florence", afirmou.

O médico da Federação Espanhola de Atletismo, Juan Manuel Alonso, disse que entre os medicos havia a "intuição" de que Florence se dopava.

"No Mundial de 87, ela era muiher belissima. Na Olimpiada de Seul, parecia uma fisiculturista."

ANEXO 9

TERÇA-FEIRA, 22 DE SETEMBRO DE 1998

Morre nos EUA

A ganhadora de três medalhas de ouro na Olimpíada de Seul sofreu um colapso cardíaco

MISSION VIEJO – A ex-velocista norte-americana Florence Griffith Joyner, considerada a mulher mais rápida do mundo, morreu ontem, em Laguna Beach, na Califórnia, aos 38 anos, de ataque cardíaco. Conhecida como Flo-Jo, Florence detinha os recordes mundiais dos 100 e dos 200 metros rasos, com os tempos espetaculares de 10s49 e 21s34, havia dez anos. A atleta viveu os melhores momentos de sua carreira sob a suspeita de uso de drogas por causa de sua volumosa massa muscular, mas nada jamais foi comprovado.

A recordista sofreu o ataque cardíaco na manhã de ontem e, segundo o porta-voz de um serviço de ambulâncias do Condado de Orange, a empresa recebeu a chamada de emergência às 9h54 locais, mas a ex-atleta não chegou a ser socorrida.

O funcionário da Federação de Atletismo dos Estados Unidos, Tom Serber, informou que foi avisado da morte pelo barreirista Greg Foster, amigo pessoal de Florence e de seu marido, Al Joyner. "Eles nos informaram do problema rapidamente, mas foi impossível qualquer tentativa de salvá-la", disse.

Florence Griffith Joyner, que passou a ser conhecida mundialmente depois de estabelecer os recordes mundiais e ganhar três medalhas de ouro na Olimpíada de Seul, em 1988 (100, 200 e 4 x 100 metros rasos), saltou para a fama por usar unhas compridas e sempre pintadas de cores berrantes e de correr com roupas multicoloridas.

Florence parou de competir em 1989 e em 1996 enfrentou o seu primeiro problema cardíaco, enquanto fazia uma viagem doméstica de avião. Ela chegou a ficar internada num hospital. "Nunca mais soubemos de outras complicações", observou Serber.

Após retirar-se do esporte como campeã olímpica e recordista mundial, a ex-velocista californiana ainda tentou a sorte na maratona, mas abandonou logo a idéia.

Os seus primeiros passos no atletismo foram dados na Universidade Estadual da Califórnia, em Northridge, em 1979. E o primeiro grande feito internacional foi obtido na Olimpíada de Los Angeles, em 1984, quando conquistou a medalha de prata nos 200 metros rasos.

> VIVEU MELHOR FASE DA CARREIRA SOB SUSPEITA

Greg Foster, tricampeão mundial dos 110 metros com barreiras, mostrou-se abatido com a perda da amiga. Ele tem certeza, porém, de que os recordes que sobrevivem há dez anos "ainda durarão outra década". "Vai ser um reconhecimento a mais", acredita. "Ela foi uma das melhores atletas de todos os tempos."

Acusada de usar substâncias proibidas, a recordista sempre negou, mesmo diante de severas críticas feitas por atletas como Carl Lewis, ganhador de dez medalhas olímpicas de ouro. Os rumores sobre doping "são infundados", costumava protestar Florence. "Passei por centenas de controle de drogas, inclusive na Olimpíada de Seul, e nenhum deu positivo." **(Reuters e Ansa)**

A CARREIRA

A atleta

Nome: Florence Griffith Joyner
Nascimento: 21/12/59
Cidade: Los Angeles
Técnicos: Bob Kersee e Al Joyner

Principais conquistas

Olimpíadas

100 metros rasos – **ouro** – Seul/88
200 metros rasos – **prata** – Los Angeles/84 e **ouro** – Seul/88
4 x 100 metros rasos – **ouro** – Seul/88
4 x 400 metros rasos – **prata** – Seul/88

Mundiais

200 metros rasos – **prata** – Roma/87
4 x 100 metros rasos – **ouro** – Roma/87

Recordes

100 metros rasos – **10s49** – 1988
200 metros rasos – **21s34** – 1988



ANEXO 9 – (CONTINUAÇÃO)

a recordista Florence Griffith



France Presse - 29/9/88

Florence carrega a bandeira dos Estados Unidos, após a vitória nos 100 metros rasos, em Seul: comemoração



France Presse - 29/9/88

A definição da musculatura de Florence provocou suspeitas de doping: passou por diversos controles de drogas

Bill Clinton diz lamentar a perda da grande campeã

O presidente fez a declaração na abertura da Assembléia-Geral da ONU

NOVA YORK – A morte da ex-velocista Florence Griffith Joyner repercutiu em todos os noticiários dos Estados Unidos. Até mesmo o presidente Bill Clinton comentou, ontem, a morte da ex-atleta que, segundo ele, era "um dos maiores campeões olímpicos" dos Estados Unidos.

"Ficamos fascinados por sua velocidade, humilhados por seu talento e impressionados com seu estilo", disse Clinton em Nova York, onde falou ante a Assembléia-Geral da ONU. O presidente e sua mulher Hillary observaram que Florence "jamais esqueceu suas origens". E, embora tenha alcançado sucesso e fama, "dedicou seu tempo a ajudar crianças, especialmente as que cresceram em bairros menos favorecidos".

Já o presidente da Federação Internacional de Atletismo, Primo Nebiolo, tomou conhecimento da morte da ex-atleta quando estava em Bruxelas. "A notícia deixou-me muito entristecido", disse Nebiolo. "Sabia que ela havia tido problemas cardíacos há algum tempo, mas não pensei que se tratasse de algo tão sério."

O dirigente garantiu que nunca esquecerá a "extraordinária atleta", que assombrou o mundo na Olimpíada de Seul, há dez anos, com sua "fantástica" velocidade.

Doping – Para o médico da Federação Espanhola de Atletismo, Juan Manuel Alonso, há um consenso de que Florence usou substâncias proibidas. "No Mundial de Roma, em 1987, a atleta tinha um aspecto extraordinário, de uma mulher belíssima", lembrou. "Um ano depois, em Seul, parecia uma mulher especializada em cultura física."

Para o médico espanhol, é difícil falar na influência que o suposto doping pode ter causado na vida da atleta porque o uso nunca pôde ser comprovado. "Poucas pessoas de menos de 40 anos morrem por causa de problemas vasculares", comentou. "O normal é que as pessoas tenham esse tipo de problema depois dos 60 anos", prossegue. "Mas está comprovado, porém, que o consumo de esteróides anabolizantes podem acarretar doenças desse tipo." **(AP e EFE)**

ANEXO 10

Terça-feira, 22 de setembro de 1998 NOTÍCIAS POPULARES

Adeus à musa

France Presse



A bela Florence: suspeitas

Ataque do coração mata recordista

A recordista mundial dos 100m e 200m rasos, a norte-americana Florence Griffith-Joyner morreu ontem, aos 38 anos, supostamente vítima de um ataque cardíaco.

A atleta conquistou 3 medalhas de ouro (100m, 200m e 4x100m) nos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988. Também foi prata no heptatlo nos Jogos de Los Angeles (84) e bronze em Barcelona (92) no salto em distância.

Florence abandonou as provas de velocidade quando ainda estava no auge da forma, em 1989, despertando suspeitas de que ela utilizava esteróides anabolizantes pra aumentar a massa muscular.

A atleta, no entanto, sempre negou o uso de doping. De acordo com o brasileiro Osmar de Oliveira, especializado em medicina esportiva, o uso de anabolizantes pode causar "lesões no fígado, baço, coluna, renais e, por último, pode até afetar o coração, levando à morte".

Em 96, a atleta sofreu convulsões durante um vôo e teve de ficar hospitalizada por um dia e meio. Florence ficou famosa pelos uniformes extravagantes e sensuais que usava nas pistas.

0810000802